

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO



CADERNO PEDAGÓGICO

FILOSOFIA



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

João Raimundo Colombo

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO

Eduardo Pinho Moreira

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Marco Antônio Tebaldi

SECRETÁRIO ADJUNTO

Eduardo Deschamps

DIRETORA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

Gilda Mara Marcondes Penha

GERENTE DE ENSINO MÉDIO

Maike Cristine Kretzschmar Ricci

GERENTE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Edna Corrêa Batistotti

GRUPO DE TRABALHO - SED

Patrícia de Simas Pinheiro - Coordenadora

Valda Maria de Mendonça Jaques Dias

CONSULTORES

Prof. Sálvio Alexandre Muller (*In Memoriam*)

Prof. Janes Fidelis Tomelin

REVISÃO

Dulce de Queiroz Piacentini

PROFESSORES COAUTORES

Ademir Dietrich
Amarildo Custódio
Antonio Junior Ranghetti
Claudecir dos Santos
Cleuder Rodrigo Streit
Cleuza da Parecida Magalhães Sabka
Clovis Eickenberg
Cristiane Fernandes Moreira
Eder Luis da Silva Duarte
Elias Alves Küster
Estevão José da Cunha
Ezair Batista Correa
Genildo Luiz Anziliero
Gibrair Xavier Simões
Giovani da Silva Silveira
Giovani Vegini
Inácio Stuep
Isabel Cristina Carnelutt
Janete Maria Detoffol
João Gabriel Rempel
João Valdemir Patinho
Job Maximiano de Campos Junior
Jucimar da Silva Silveira
Leonardo Pavanello
Lísia Kobarg Cercal
Lucimar Maria Bastezini
Márcia Liandra Fernandes Bronzatti
Marco Antônio Martins
Marcos Antonio Paes Silva
Marcos José Burnagui
Maurício Marchi
Narcelio Inácio Debona
Nelson Natalino Frizon
Neusa Maria dos Santos
Osmar Antonio Schroh
Paulo César de Carvalho Jacó
Sára Jâne da Silva
Teresa Kern Alves
Valdir de Deus
Vianeí Luis Hammerschmitt
Vilmar da Silva
Wagner Fagundes

Caríssimos professores

Inexiste país, estado ou município que tenha alcançado níveis de desenvolvimento humano satisfatórios, para o aproveitamento de todas as potencialidades que se pretendem no alcance da justiça social, como sujeitos críticos, livres e participantes ativos na formação da democracia que sonhamos para todos nós, sem fazê-lo por meio de uma educação voltada, exatamente, para estas finalidades.

Educar, em sua etimologia latina, traz o significado de fazer brotar da terra para a vida, para a geração de frutos. Na qualidade deste trazer para o crescimento está definido o fruto que se irá produzir. E, neste momento, coloca-se o papel do ser humano que, com sua formação e sua vontade, aliadas às possibilidades que encontra para uma ação educativa competente, torna-se o artífice na formação de seres capazes de fazer de Santa Catarina um estado sempre modelar, por estar sedimentado em procedimentos voltados exatamente para os seres humanos que o formam.

É o que todos esperamos de cada educador que faz do magistério o caminho a ser trilhado para o crescimento de nossas crianças, jovens e adolescentes, como construtores de um mundo em que todos possamos caber com justiça e dignidade.

E os gestores da educação pública estadual, em que me coloco como Secretário da Educação, temos a responsabilidade de possibilitar uma estrutura, física e teórica, com a sinalização de caminhos que, com a competente ação de todo o coletivo docente, corrija distorções e, no conhecimento de cada meio em que nos envolvemos, transforme cada aluna e aluno em atores vivos para uma Santa Catarina que desejamos cada vez mais bela, humana e humanizante.

Com o envolvimento do conjunto de profissionais que atuam em nossas estruturas administrativas, especialmente por meio da Diretoria de Educação Básica e Profissional e Gerências Regionais de Educação, com o assessoramento de educadores e educadoras, produzimos estes cadernos pedagógicos para os componentes curriculares de *Biologia*, *Filosofia*, *Física*, *Geografia*, *História*, *Matemática*, *Química*, *Sociologia*, *Ensino Médio Integrado à Educação Profissional* – EMIEP e um especial sobre *Interdisciplinaridade*.

Com o olhar voltado para uma educação de qualidade que torne cada catarinense um ser pleno de senso humano e espírito democrático, envolvemo-nos para fazer chegar aos professores e professoras um material significativo na construção de uma escola cada vez mais voltada para o povo catarinense, possibilitando-nos a consciência de que é pela educação que trilhamos os caminhos da justiça, da dignidade, do progresso e da felicidade.

Marco Antonio Tebaldi
Secretário de Estado da Educação

APRESENTAÇÃO

Entre os anos de 2004 a 2007, a Secretaria de Estado da Educação reuniu professores, gestores e demais profissionais da educação, diretamente envolvidos com o currículo dos cursos de Ensino Médio e de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, em eventos de formação continuada, com a finalidade de discutir e propor encaminhamentos teórico-metodológicos para a prática pedagógica em sala de aula.

Desses encontros de formação continuada resultou a produção de cadernos pedagógicos para os componentes curriculares de Biologia, Filosofia, Física, Geografia, História, Matemática, Química, Sociologia, além de um caderno com atividades de aprendizagem interdisciplinares, envolvendo todos os componentes curriculares do Ensino Médio, e um caderno voltado para o currículo do Curso de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional.

A relevância teórica, a legitimidade para a prática pedagógica em sala de aula, a vinculação aos encaminhamentos teórico-metodológicos da Proposta Curricular de Santa Catarina, expressos nos documentos datados de 1991, 1998, Diretriz 3/2001, Estudos Temáticos 200, com a competente autoria dos professores e gestores da rede pública estadual de ensino, validam e dão legitimidade a estes cadernos como fonte de reflexão e planejamento dos tempos e espaços curriculares voltados à educação integral dos adolescentes e jovens catarinenses do Ensino Médio.

Caro professor, trazemos esse documento para sua consideração quando do planejar e do fazer curricular, vinculados aos interesses, às diversidades, às diferenças sociais dos estudantes e, ainda, à história cultural e pedagógica de sua escola. Não pretendemos que eles se constituam como fontes únicas e inquestionáveis para a educação que o Estado catarinense tem implementado com foco no ser humano, em todas as suas dimensões. Faz-se essencial o trabalho de cada ente educativo no olhar pleno para a realidade que reveste cada meio, em suas especificidades humanas e culturais, que transforma Santa Catarina em modelo pluriétnico, garantindo-nos estar situados como exemplo para todos os que desejam uma educação centrada na formação humana e cidadã. Assim sonhamos a educação que nos transforme em sujeitos críticos e cientes de nosso papel na transformação do mundo.

Temos certeza de que este material, produzido por meio de um trabalho coletivo, terá bom proveito e aplicabilidade no seu dia a dia escolar.

Gilda Mara Marcondes Penha
Diretora de Educação Básica e Profissional

Maike Cristine Kretzschmar Ricci
Gerente de Ensino Médio

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
UNIDADE I - INTRODUÇÃO À FILOSOFIA.....	8
Mitologia	
Áreas da filosofia	
História da filosofia	
UNIDADE II – COSMOLOGIA.....	26
<i>Arché</i> do universo – o princípio primordial	
Origens	
UNIDADE III – ANTROPOLOGIA.....	43
Conceituação do objeto de estudo	
A relação do ser humano com a cultura	
Antropologia e interdisciplinaridade	
UNIDADE IV - ONTOLOGIA	60
O ser e ente	
Essência e existência	
Liberdade	
UNIDADE V – EPISTEMOLOGIA E LINGUAGEM	80
Epistemologia	
Linguagem	
Relação Dialética entre a Epistemologia e a Linguagem	
UNIDADE VI - LÓGICA E INFORMAÇÃO	96
Conceito	
Juízo	
Raciocínio	
UNIDADE VII - ÉTICA E POLÍTICA	111
Cidadania	
Sistemas e órgãos políticos	
Novas tecnologias	
UNIDADE VIII – ESTÉTICA	127
Percepção	
Arte	
O belo	

PREFÁCIO

Sentimo-nos honrados e agradecidos pela incumbência de fazer a apresentação desse magnífico trabalho, fruto do esforço dos alunos do Curso de Filosofia do Programa de Formação Continuada de Professores do Ensino Médio, promovido pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

As áreas do saber humanístico, aqui com ênfase na filosofia, estão recobrando seu valor e brilho, após períodos de relativo desencanto. Este trabalho, particularmente, preenche um duplo vazio: aquele do engajamento dos professores e alunos do segundo grau na produção do conhecimento, e não só de sua reprodução; em segundo lugar, o propósito de atualizar continuamente os conhecimentos, as leituras e demais atividades didáticas, resultando toda essa atividade numa sólida base para um futuro melhor.

O brilho do conhecimento deixará de ornar a frente de um povo pelo desleixo com o conhecimento, mercê e graça da apostasia das elites e dos políticos. O saber é conquista, primeiro individual e, posteriormente, coletiva, que envolve suor e mesmo sangue, dos professores e de seus alunos, no cotidiano de salas de aula abarrotadas e com falta de material de apoio.

Esse esforço continuado, constante em seu aprofundamento, acabará por produzir um povo culto, uma sociedade cidadã ou, melhor ainda, uma sociedade garantidora do exercício da cidadania. Esse esforço mostrou seu extraordinário potencial na produção deste Caderno Pedagógico, a demonstrar que a cooperação entre pares é plenamente possível, bastando para isso que nós professores nos dispamos da vaidade, da inveja e do ciúme, os mais formidáveis obstáculos da produção científica em nossas universidades.

Esse Caderno Pedagógico é a conquista e o dom amorosos de pessoas maduras no coração e na mente, que buscam na reflexão e no esforço didático atingir igualmente os corações e as mentes de seus alunos. Também digna de nota, para que se faça boa justiça, é a objetividade das posições, pró ou contra, em relação a teorias e ideologias. A isenção de ânimo, longe de hipócrita ou alienada, é a atitude de quem busca uma proximidade maior da verdade, sabendo das inauditas dificuldades de alcançá-la. Objetividade e paciência são as armas com que combatemos a nossa própria ignorância.

Prof. Sálvio Alexandre Muller (*In Memoriam*)

Prof. Janes Fidelis Tomelin

UNIDADE I

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA**INTRODUÇÃO**

Os caminhos percorridos pela Filosofia ao longo de sua história não são fáceis de trilhar, haja vista a grande quantidade de pensadores que se debruçaram sobre seus temas candentes, apresentando propostas até certo ponto contraditórias, o que sempre resultou em maior extensão e profundidade do pensamento.

Essa abordagem não pretende se apresentar como algo concluído, um corpo de conhecimentos rígidos com pretensão de ser a “verdade”, e sim como um instrumento que permita aos educadores apresentarem aos seus alunos um panorama breve da Filosofia, desde sua gênese até os dias de hoje.

Trata-se de colaborar na criação de um referencial, que proporcionará uma informação que possa ser utilizada de maneiras diversas. Neste sentido, objetiva-se uma construção de possibilidades que permitam aos educandos descobrirem-se e desenvolverem-se enquanto cidadãos e sujeitos do conhecimento e da história. Assim, a Filosofia continua sendo um instrumento de desenvolvimento da racionalidade e da criticidade.

Discorrer-se-á, resumidamente, sobre a origem do termo e a relação da Filosofia com outras áreas de conhecimento. Tratar-se-á também, dos diferentes tipos de conhecimento existentes, tais como a ciência, a religião, o senso comum e filosófico. Será abordado o período mítico, como o solo sobre o qual a Filosofia vai surgir. Finalmente, tratar-se-á da história da Filosofia, desde o seu surgimento, passando pela Idade Média, Moderna e Contemporânea.

OBJETIVOS

- Compreender as divergências entre Filosofia e as tradições dogmáticas dos mitos, oferecendo uma pluralidade de explicações possíveis; enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a Filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão.

- Estabelecer possíveis relações da Filosofia com as diferentes áreas do conhecimento, tais como antropologia, cosmologia, ontologia (metafísica), estética, ética e política, epistemologia e lógica.
- Possibilitar uma compreensão da história da Filosofia a partir de fragmentos dos textos clássicos.

PROFESSORES TUTORES

Amarildo Custódio

Gibrair Xavier Simões

Isabel Cristina Carnelutt

Marco Antônio Martins

Narcelio Inácio Debona

Neusa Maria dos Santos

Wagner Fagundes

MITOLOGIA

Como e por que diferenciar o discurso científico dos
juízos de senso comum?

Nesse pano de fundo, onde situar o discurso mítico?

Que valores veiculam as “personalidades míticas” contemporâneas?

Que diferenças pode se apontar entre a mitologia antiga e os mitos modernos?

CONTEXTO

A noção de mito é complexa e extremamente rica. Não é exclusividade dos povos primitivos, nem das civilizações atuais, mas mitos existem em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade. O mito muitas vezes é visto como uma maneira fantasiosa de explicar a realidade ainda não justificada pela racionalidade, tratando-a como lendas, fábulas, folclore.

O pensamento mítico nasceu do desejo de dominação do mundo para afugentar o medo e a insegurança. A verdade do mito não obedece à lógica da verdade empírica, nem da verdade científica ou filosófica. É, antes, uma intuição compreensiva da realidade, uma forma espontânea do homem em situar-se no mundo.

Hoje em dia, os meios de comunicação de massa trabalham sobre os desejos e anseios que existem na natureza humana inconsciente e primitiva. Os mitos modernos não possuem a mesma abrangência de realismo como ocorria nos mitos gregos, romanos, indígenas. Pode-se escolher o mito da sensualidade, da maternidade, dos ídolos, e transformar personalidades em mitos, tais como Pelé, Xuxa e Ayrton Senna.

Portanto, o mito não é resultado de delírios, nem de uma simples mentira, e ainda se faz presente no nosso cotidiano. Mitos estão profundamente entranhados no modo de pensar, sentir e agir de uma sociedade e podem ser o ponto de partida para a compreensão do ser.

TEXTOS PROVOCATIVOS

O mito, enquanto criação humana, é a base sobre a qual se funda a primeira tentativa racional de explicação do real: a Filosofia. Ele é a base sobre a qual também se

desenvolvem as ações, pensamentos e sentimentos da sociedade e que, com o passar dos tempos, acabam por perpetuar-se nos contos populares e no folclore. Porém, ele também sobrevive nos indivíduos, estando presente na sua natureza primitiva e inconsciente.

Com o surgimento das tentativas racionais de explicar o real – filosofia e ciência – não houve a extinção dos mitos, que ainda hoje subsistem, porém de maneiras diversas. Ele é a base sobre a qual criamos os pressupostos para o trabalho da razão e não somente uma maneira fantasiosa de explicar o real, ou uma simples mentira como alguns pensam. Ele é fruto da tentativa humana de afugentar o medo e controlar o mundo.

O texto a seguir, de Jung, trata do surgimento dos mitos como fruto do inconsciente coletivo, termo este criado por ele. Jung afirma que o inconsciente coletivo é um lugar da psique comum à humanidade inteira, onde se encontram armazenados os registros das suas experiências desde os tempos mais remotos. Nesse inconsciente coletivo, os temas importantes vão amadurecendo até o momento em que são absorvidos pelo imaginário popular em forma de lendas e superstições e em manifestações artísticas. São esses mitos que servirão de enredo para determinados aspectos da vida e guiarão os povos durante certo período de seu amadurecimento psíquico.

A partir de Carl G. Jung e de Joseph Campbell, a leitura sobre os mitos passa a ser feita sob outros aspectos e com maior seriedade. Longe de serem apenas curiosidades sobre crenças extravagantes de determinados povos, eles nos apresentam os mitos como esqueletos onde se monta a estrutura da psique humana, influenciando as relações do homem com o mundo em sua volta.

TEXTO 1 - O Homem e seus símbolos, Jung

Assim, como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo em que existe. Por ‘história’ não estou querendo me referir àquela que a mente constrói através de referências conscientes ao passado, por meio da linguagem e de outras tradições culturais; refiro-me ao desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique estava muito próxima à dos animais.

Esta psique, infinitamente antiga, é a base da nossa mente, assim como a estrutura do nosso corpo se fundamenta no molde anatômico dos mamíferos em geral. O olho treinado do anatomista ou do biólogo encontra nos nossos corpos muitos traços deste molde original. O pesquisador experiente da mente humana também pode verificar as analogias existentes entre as imagens oníricas do homem moderno e as expressões da mente primitiva, as suas “imagens coletivas” e os seus motivos mitológicos.

Assim como o biólogo necessita da anatomia comparada, também o psicólogo não pode prescindir da “anatomia comparada da psique”. Em outros termos, o psicólogo precisa, na prática, ter experiência suficiente não só de sonhos e outras expressões da atividade inconsciente mas também da mitologia no seu sentido mais amplo. Sem esta bagagem intelectual ninguém pode identificar as analogias mais importantes; não será possível, por exemplo, verificar a analogia entre um caso de neurose compulsiva e a clássica possessão demoníaca sem um conhecimento exato de ambos.

JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Disponível em:

<www.psicologia.org.br/internacional/artigo7.htm>. Acesso em: 25 out. 2006.

TEXTO 2 - Minhas palavras, Lévi-Strauss

No próximo texto, de Lévi-Strauss, o autor nos remete a uma análise da passagem da natureza à cultura. No clássico “O cru e o cozido”, ele analisa 187 mitos coletados por diversos pesquisadores entre povos indígenas do Brasil. Segundo o próprio autor, o texto poderia ser chamado de “representações míticas da passagem da natureza à cultura”.

Os Bororo contribuíram com 18 narrativas que representam variações de um mesmo tema e que foram considerados “mitos de referência”. Ao analisar o seu livro, ele afirma que todos os 187 mitos utilizados referem-se “direta ou indiretamente à invenção do fogo e, portanto, da cozinha, enquanto símbolo no pensamento indígena. Da passagem da natureza à cultura” (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 51).

A saber, os Bororo, tomados como referência, são exatamente os que menos explicitam a conquista do fogo. O próprio autor reconhece: “Temos razões para admitir

que o mito Bororo se refere à origem do fogo apesar de sua extrema discrição quanto a isso” (idem, p. 169).

Os mitos Tupi, também presentes em “O cru e o cozido”, falam sobre a descoberta do fogo sendo mais diretos: o herói mítico finge que morreu e atrai os urubus. Estes, que eram então os donos do fogo, juntam-se em volta do morto e acendem uma fogueira para cozinhá-lo. O herói afugenta os urubus e toma posse do fogo, entregando-o aos homens. O autor estabelece uma semelhança dos demais mitos com os de referência e sugere a compreensão de que o cru é a metáfora da natureza, e o fogo, da cultura.

Assim, animais comem carne crua. Homens, carne cozida. O que os mitos dizem é que houve um tempo em que essa relação estava invertida: com o roubo do fogo, os homens transformam-se em caçadores, e os animais, em caça.

LÉVI-STRAUSS, C. **Minhas palavras**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FILMOGRAFIA



Título original: San Wa – “O mito”

País: China

Direção: Stanley Tong

Duração: 118 minutos

Ano: 2005

Gênero: Aventura

Distribuidora: Imagens Filmes



Título original: The Odyssey – “A Odisséia”

País: EUA

Direção: Andrei Konchalovsky

Duração: 150 minutos

Ano: 1997

Distribuidora: Alpha Filmes

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Teatro - construa ou reproduza um mito em forma de peça teatral.
- Produção de vídeo - construa um vídeo com base na atividade anterior.

SITES

- www.culturalbrasil.org/mitologianagrecia
- www.mundociencia.com.br/filosofia/mitos

Os *sites* mereceram especial atenção pelas possibilidades de pesquisa e discussão relativas ao tema.

REFERÊNCIAS

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Disponível em: <www.psicologia.org.br/internacional/artigo7.htm>. Acesso em: 25 out. 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **Minhas palavras**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ÁREAS DA FILOSOFIA

De que maneira a produção epistemológico-filosófica pode ser útil, ou não, para o mundo tecnológico da atualidade?

Nos diversos campos de atuação com os quais a Filosofia estabelece relações, você destacaria quais aspectos?

Os campos da Filosofia sobrevivem (se fundamentam) através da relação. Você costuma trabalhá-los individualmente? Caso afirmativo, como procede, e caso negativo, como integrá-los?

CONTEXTO

A palavra filosofia tem origem em dois vocábulos gregos, *filos* (amor) e *sofia* (sabedoria), dando-lhe o sentido de amor à sabedoria. Tal termo foi criado por Pitágoras que, ao ser questionado sobre a natureza de sua sabedoria, teria respondido que era apenas um filósofo, ou seja, um “amante do saber”.

Na Grécia Antiga, o saber filosófico abrangia os mais diversos tipos de conhecimento, como a matemática, a biologia, a física, a astronomia, a lógica, a ética, etc. Com o passar dos tempos, algumas áreas do conhecimento foram separando-se da Filosofia, originando as diferentes ciências. Convém salientar que o ser humano possui diferentes tipos de conhecimento, a saber: conhecimento mítico, conhecimento científico, senso comum, conhecimento religioso, ou teológico, e conhecimento filosófico.

De forma resumida e esquemática, poderíamos dizer que o senso comum, também chamado de ingênuo ou popular, é um tipo de conhecimento que é resultado de experiências comuns das pessoas ao enfrentarem os problemas do seu cotidiano. Ao tentar explicar a realidade que os cerca, os homens desenvolvem tentativas de respostas. Esses conhecimentos, pelo fato de eles muitas vezes desconhecerem as causas, são vagos, superficiais, incompletos, falsos ou ingênuos. São conhecimentos adquiridos no cotidiano, sem uma busca reflexiva, crítica. Pode haver concepções verdadeiras no senso comum, mas o que o caracteriza é que não nasceu de reflexões, sendo, portanto, superficial.

Assim, pode-se afirmar que o senso comum é um conhecimento transmitido de geração em geração, que se apoia nas tradições e crenças e que procura resolver os

problemas práticos e momentâneos do dia a dia, possuindo as seguintes características: imprecisão (conceitos vagos), incoerência (conceitos contraditórios) ou fragmentação (conceitos soltos), é empírico, assistemático, acrítico, subjetivo (pois varia de pessoa para pessoa) e possui uma tendência à generalização.

Contudo, é conveniente salientar que ele também possui o seu valor, pois é o que algumas pessoas, que não tiveram acesso a outro tipo de saber, utilizam no seu cotidiano. Além disso, ele pode despertar o desejo de obter-se mais conhecimento e a consciência de que é incompleto, sendo também, por vezes, o ponto de partida do conhecimento científico. Porém, é preciso torná-lo estruturado, coerente e crítico.

O conhecimento científico é um tipo de conhecimento sistemático, objetivo, preciso, que analisa as relações de causa e efeito e é muito bem elaborado. Por ser resultado de pesquisas e estudos, é bastante seguro, embora não seja perfeito e, portanto, questionável. A ciência delimita o seu objeto de estudo e usa o método científico, incluindo a experimentação exaustivamente.

Tal conhecimento é uma conquista recente da humanidade, tendo surgido no século XVII, com a Revolução Galileiana. Com ele, o homem consegue prever acontecimentos e também agir sobre a natureza de forma mais segura. Esse tipo de conhecimento tende cada vez mais para a especialização. Apesar das imprecisões, ou falhas, serem menos frequentes, elas continuam possíveis.

O conhecimento proveniente da fé, ou religioso, é um tipo de conhecimento utilizado para buscar respostas aos fatos, não pela razão e pelos sentidos (experiências sensíveis), mas pela adesão incondicional à autoridade que o mantém. Foi elaborado por pessoas (normalmente do clero) que o transmitiram a partir de uma suposta “fonte originária” que o garante como verdadeiro. Tais conhecimentos, por dependerem de uma origem externa à razão, carecem de comprovação e, por suas certezas estarem ligadas às experiências subjetivas, jamais poderão fundar cientificamente qualquer juízo. Caminha-se no terreno da opinião, da ideologia e do dogma. Por isso, é importante manter-se sempre atento e aberto ao diálogo e à reflexão, para evitar fanatismos e manter uma postura crítica.

O conhecimento filosófico é um tipo de conhecimento sistemático, por ser racionalmente organizado; elucidativo, por esclarecer e delimitar os pensamentos, conceitos e problemas; crítico, por usar de exame prévio e reflexão; e especulativo, por buscar uma visão ampla e teórica do problema. A visão do conhecimento filosófico é de

conjunto, pois o problema nunca é examinado de modo parcial, mas relacionando cada aspecto com outros do contexto em que está inserido.

Tal conhecimento não é empírico; baseia-se somente na capacidade de raciocinar, mas pode possuir os sentidos como ponto de partida. A sua principal característica é o fato de fazer com que os indivíduos se indaguem constantemente, se questionem a respeito do mundo à sua volta e das verdades estabelecidas. É, acima de tudo, crítico-reflexivo e surge como fruto dos vários questionamentos que o homem se faz.

Já o conhecimento mítico de certa forma mantém uma relação estreita com o religioso, pois não podemos estabelecer um limite entre um e outro. E foi abordado anteriormente.

A Filosofia conduz o pensamento humano ao longo da história, atuando e interagindo com as diferentes áreas do conhecimento. Essas áreas têm em comum o desenvolvimento do conhecimento humano, apesar de seus diferentes objetos. Assim, a antropologia estuda o homem, a cosmologia trata do universo e uma tentativa de descobri-lo racionalmente, a ontologia investiga o ser, a estética trata do belo, a ética e a política das relações humanas e de poder, a epistemologia da análise crítica das ciências e a lógica do raciocínio.

A Filosofia não tem, por si só, um único objeto de estudo, sendo que é na interação com as áreas do conhecimento que ela objetiva a sua atuação. Desta forma, ela torna-se cada vez mais presente em nosso cotidiano, ajudando a inovar em áreas como a ética (bioética, ética profissional...), a filosofia clínica, a política, no “staff” de grandes corporações, nos ciber cafés, cafés e chás filosóficos.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Apresenta-se a seguir um fragmento da obra “Introdução à Filosofia” de Battista Mondin. É um texto de reflexão sobre a Filosofia e suas áreas, sendo que estas serão tratadas mais especificamente nos capítulos posteriores. Da mesma forma, alguns termos citados pelo autor como nomenclaturas específicas serão abordados nos respectivos capítulos.

TEXTO - Introdução à Filosofia

O *instrumento de trabalho*, de pesquisa, de análise de que a Filosofia se utiliza é a razão, a razão pura, o “raciocínio puro”, como diz Platão. Ela não dispõe de microscópios, telescópios, máquinas fotográficas etc. Não pode estabelecer controles com instrumentos materiais nem apressar suas operações recorrendo a computadores. Mesmo os instrumentos cognitivos de que se utiliza todo homem e todo cientista, os sentidos e a imaginação, ao filósofo só servem na fase inicial, para conseguir alguns conhecimentos do real, para o qual depois volta o olhar penetrante da razão. O trabalho verdadeiro e próprio de pesquisa filosófica é realizado apenas pela razão; esta, para subtrair-se a todo tipo de distração, encerra-se em seu sagrado recinto, longe do barulho das máquinas, da sedução dos prazeres e da práxis, da confusão dos sentidos, em solitária companhia com o próprio objeto.

O *método* da Filosofia é essencialmente raciocinativo, embora não exclua algum momento intuitivo (quer na fase inicial, quer na final).

Mas os processos raciocinativos são múltiplos, e os mais importantes dentre eles são a indução e a dedução. A Filosofia utiliza ambos: o primeiro, para ascender dos fatos aos princípios primeiros; o segundo, para descer de novo dos primeiros princípios e iluminar posteriormente os fatos, para compreendê-los melhor.

Além da natureza e do método, a Filosofia se distingue das ciências no *fim* (escopo). A Filosofia não está voltada para fins práticos e interesseiros, como a ciência, a arte, a religião e a técnica; estas, de um modo ou de outro, sempre têm em vista alguma satisfação ou alguma vantagem. A Filosofia tem como único objetivo o conhecimento; tem em vista simplesmente pesquisar a verdade em si mesma, prescindindo de eventuais utilizações práticas. A Filosofia tem um objetivo puramente teórico, ou seja, contemplativo; não pesquisa por nenhuma vantagem que lhe seja estranha, mas por ela mesma; por isso, como disse egregiamente Aristóteles na *Metafísica* (A, 2, 982b), ela é “livre” enquanto não está sujeita a nenhuma utilização de ordem prática, e portanto se realiza e se resume na pura contemplação do verdadeiro.

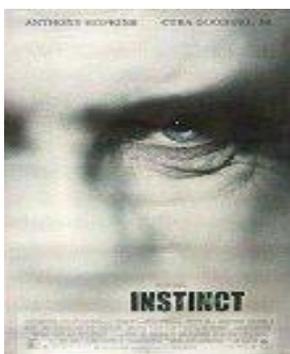
Já dissemos anteriormente que todas as coisas são suscetíveis de pesquisa filosófica. Por isso, pode haver uma filosofia do homem, dos animais, do mundo, da vida, da matéria, dos deuses, da sociedade, da política, da religião, da arte, da ciência, da linguagem, do esporte, do riso, do jogo etc. Mas, na realidade, os que se chamam filósofos estudaram de preferência apenas alguns problemas, os que são conhecidos com

o nome de *lógica, epistemologia, metafísica, cosmologia, ética, teodicéia, psicologia, política, estética, antropologia cultural e axiologia*; por isto estas constituem também as partes principais da Filosofia.

(...) Quem quer tornar-se especialista nas disciplinas filosóficas deve, logicamente, estudar, profunda e sistematicamente, todos os problemas mencionados, sob cada um dos quais, através dos séculos, se acumulou numa bibliografia imensa.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1995. p. 6-7.

FILMOGRAFIA



Filme: *Instinto*
 Título original: Instinct
 País: EUA
 Direção: Jon Turteltaub
 Duração: 127 minutos
 Ano: 1999
 Gênero: Suspense
 Distribuidora: Buena Vista Pictures

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Visitas - visitar um espaço público (câmara de vereadores, prefeitura, etc.) e proporcionar um debate a respeito da responsabilidade das autoridades.
- Paródias - dividir os alunos em equipes e construir paródias sobre as diversas áreas da Filosofia.

SITES

- www.suapesquisa.com/filosofia
- www.sobresites.com/filosofia
- www.filosofia.pro.br

Por se tratar de áreas da Filosofia, foram indicados os *sites* acima pela diversidade de autores e temas abordados.

REFERÊNCIAS

MONDIN, B. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Se a história humana se repete, o que você identifica no passado
que continua a se repetir hoje?

Se a história humana não se repete, o que está presente hoje que não existia
no passado?

Você considera que aprendemos a filosofar lendo filosofia, ou não há a necessidade do contato
com sua história?

Sabe-se que cada filósofo organizou seu pensamento a partir de um contexto
socioeconômico-cultural. Nesse sentido, o que caberia pensar hoje em Filosofia?

CONTEXTO

A história da Filosofia é pertinente para aqueles que desejam entrar em contato com tendências, filósofos, teorias, pensamentos que se afirmaram ou se negaram através dos séculos. Não se pretende desenvolver uma epistemologia filosófica quando se redige tão poucas linhas ou pareceres; apenas despertar a curiosidade a respeito da grande produção filosófica até então.

Quando se observa tudo o que foi produzido, fica-se estupefato pelo empenho, rigor e abrangência dos pensadores que canalizaram em suas obras todas as energias e potenciais da produção filosófica, que abrangeu desde o idealismo-espiritualista ao realismo-materialista, do positivismo à filosofia analítica. Salienta-se assim que, pela história da Filosofia, é possível “viajar” através de épocas que, mesmo não estando presentes, fazem-se relacionar e compreender.

A variação interpretativa da história da Filosofia não nos condiciona a uma visão linear ou cíclica, mas helicoidal, que inclui ações desenvolvidas pelos filósofos antigos, medievais, modernos e contemporâneos, pertinentes nas mais variadas formas de conhecer.

TEXTOS PROVOCATIVOS

O surgimento da Filosofia na Grécia deve-se a algumas condições específicas e concretas, tanto socioeconômicas como culturais, estabelecidas por volta de fins do século VII a.C. Nesse aspecto, ela surge como uma tentativa de explicar o real de

maneira racional, diferentemente do período mítico anterior. Assim, serão apresentados alguns fragmentos de filósofos que, ao longo do tempo e de acordo com o seu contexto, pensaram a sua realidade.

A seguir, propõe-se à reflexão um texto de Nietzsche tratando do início da Filosofia; logo após, um de Nascimento sobre o período Medieval, e finalmente um de Marx sobre os períodos Moderno e Contemporâneo.

TEXTO 1 - Sobre Tales, Nietzsche

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário determo-nos nela e levá-la a sério? Sim e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e, enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida (estado latente, prestes a se transformar), está contido o pensamento: “tudo é um”. A razão citada em primeiro lugar deixa Tales ainda em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o tira dessa sociedade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas em virtude da terceira, Tales se torna o primeiro filósofo grego.

NIETZSCHE, F. **A filosofia na época trágica dos gregos**. Pré-Socráticos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.10.

TEXTO 2 - Filósofos ou teólogos? Nascimento

No segundo texto serão abordadas as especulações filosóficas medievais que se centraram nas discussões filosófico-teológicas com o objetivo de conciliar fé e razão. No início da alta idade média, ou mesmo anterior a ela, a Filosofia era “serva da Teologia”. Posteriormente, oscilou entre os que faziam oposição a essa proposta e aqueles que a defendiam e, em seguida, seguiram por caminhos diferentes.

O trabalho dos tradutores, copistas e do clero em geral era interpretar o conhecimento grego e adequá-lo ao contexto sociocultural da cristandade. A Igreja buscava o controle total da sociedade feudal e o fazia principalmente pelo dogmatismo religioso.

O filósofo, nesse contexto, ora enfatizava mais o pensamento filosófico, ora mais a teologia. Quando fazia uso maior da razão no seu discurso, ou na produção filosófico-teológica, era considerado pagão, herege ou infiel, mas, quando favorável às posições da Igreja, proclamam-no “santo”.

Confira o fragmento na íntegra:

Pelo menos no meio universitário, supõe-se que seja um grande elogio chamar alguém de filósofo. Não passa em geral pela nossa cabeça a ideia de que uma pessoa possa dispensar esse título ou até se sentir ofendida com ele. Ora, é precisamente isto o que acontecia com a maioria ou mesmo a totalidade daqueles a quem chamamos hoje em dia de “filósofos medievais”.

De fato, os filósofos, para estes supostos “filósofos medievais”, eram ou pagãos ou infiéis. O filósofo, por excelência, para os universitários do século XIII e XIV, Aristóteles, era exatamente um pagão, isto é, alguém que tendo vivido antes de Cristo, não tivera nenhum contato com a mensagem cristã. Outros filósofos respeitadíssimos como Avicena, Averróis ou Maimônides eram infiéis, pois os dois primeiros eram muçulmanos e o último, judeu.

Quando aqueles a quem chamamos de filósofos medievais queriam se referir aos autores cristãos mais antigos (a quem chamamos hoje de padres da igreja), chamavam-nos de “os Santos” distinguindo-os dos filósofos. Eles próprios se consideravam como mestres da sagrada doutrina, ou, como dizemos atualmente, teólogos. Se um teólogo recorresse à filosofia nos seus trabalhos teológicos não era chamado de filósofo, mas de teólogo filosofante ou simplesmente de filosofante.

NASCIMENTO, C. A. **O que é filosofia medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.10-11.

TEXTO 3 - Materialismo Dialético, Engels-Marx

A última citação, que é de Marx, identifica a história como resultado do movimento proveniente da luta de classes e refere-se à sociedade como o lugar de conflitos econômicos e políticos. Assim, percebe-se o modo de produção como o motor da história, bem como também a origem de uma nova sociedade e de um novo homem.

(...) a história do desenvolvimento da sociedade revela-se num determinado ponto essencialmente diferente da história da natureza. Na natureza – desde que

deixamos de lado a ação exercida pelos homens sobre ela – são unicamente fatores inconscientes e cegos que agem uns sobre os outros e é através da sua ação recíproca que se manifesta a lei geral. (...) Pelo contrário, na história da sociedade os agentes são unicamente os homens, dotados de consciência, agindo com reflexão ou paixão ou prosseguindo objetivos determinados – nada aí se efetuando sem uma intenção consciente, sem um fim escolhido. Mas esta diferença, seja qual for a sua importância para a investigação histórica (sobretudo de épocas e fatos tomados isoladamente), não pode impedir que de fato o curso da história esteja sujeito ao império de leis gerais, internas à história. Porque, também aqui, apesar dos fins conscientemente perseguidos por todos os indivíduos, é o caso que, de modo geral, aparentemente reina à superfície. Só raramente se realiza o fim desejado.

(...) Contudo, onde quer que, à superfície, o acaso pareça imperar, ele está constantemente submetido ao jugo de leis que lhe são interiores e permanecem ocultas: tudo o que há a fazer, portanto, é descobri-las.

(...) Com efeito, ao passo que em todas as épocas anteriores à descoberta das causas motoras da história, era quase impossível – devido ao emaranhado confuso em que as relações e seus efeitos se encontravam e que os dissimulavam –, a nossa época simplificou de tal modo estes encadeamento que o mistério pode ser resolvido. Desde o triunfo da grande indústria, ou seja, pelo menos desde os tratados de paz de 1815, já não constituía segredo para ninguém em Inglaterra que toda a luta política local de então girava em torno das pretensões de duas classes ao poder: a aristocracia fundiária (*landed aristocracy*) e a burguesia (*middle class*). Em França, foi com o regresso dos Bourbons que se tomou consciência do mesmo fato. (...) Por outro lado, desde 1830 a classe operária, o proletariado, foi reconhecida como uma terceira força combatente, nestes dois países, pelo poder. A situação tinha-se simplificado de tal modo que seria preciso fechar propositadamente os olhos para não ver na luta destas três classes, e no conflito de seus interesses, a força motora da história moderna, pelo menos nos dois países mais avançados.

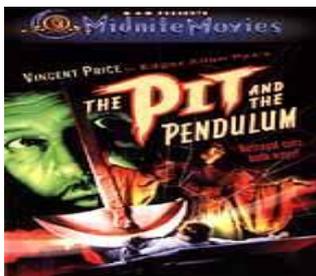
Mas como se tinham formado estas classes? Se, à primeira vista, ainda se podia atribuir à grande propriedade fundiária, outrora feudal, uma origem devida, pelo menos em princípio, a causas políticas à usurpação pela violência, uma explicação deste gênero já não era possível para a burguesia e o proletariado. Neste caso a origem e o desenvolvimento destas duas grandes classes aparecem, de um modo claro e tangível, como provindos de causas puramente econômicas. (...) a burguesia e o proletariado

tinham-se ambos formado em consequência de uma transformação das condições econômicas, ou, mais precisamente, do modo de produção. Na base do desenvolvimento dessas duas classes está a passagem, em primeiro lugar, do artesanato corporativo à manufatura e da manufatura à grande indústria utilizadora de máquinas e acionada a vapor.

(...) Está portanto provado que, pelo menos na história moderna todas as lutas políticas são lutas de classe e todas as lutas que no seu termo emancipam classes, apesar da sua forma necessariamente política – porque qualquer luta de classes é uma luta política –, giram, em última análise, em torno de uma emancipação econômica. Portanto, pelo menos nesse período o Estado, o regime político, constitui o elemento secundário e a sociedade civil, o domínio das relações econômicas, o elemento decisivo. A velha concepção tradicional, à qual o próprio Hegel também se submete, considerava o Estado determinante, a sociedade civil o elemento determinado pelo primeiro. Assim o é aparentemente. (...) Na história moderna a vontade do Estado é, no conjunto, determinada pelas necessidades em mutação da sociedade, pela supremacia de uma classe ou outra, em última análise, pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações de troca. (...) O Estado não é no fundo mais do que o reflexo, sob uma forma condensada, das necessidades econômicas da classe reinante sobre a produção.

ENGELS, F.; FEUERBACH, L. O Fim da Filosofia Clássica Alemã. In: MARX-ENGELS. **Antologia filosófica**. Lisboa: Estampa, 1971. p. 141-8.

FILMOGRAFIA



Filme: O Poço e o Pêndulo
 Título original: The Pit and the Pendulum
 País: EUA
 Direção: Roger Corman
 Duração: 93 minutos
 Ano: 1961
 Gênero: Suspense / Terror



Filme: Em Nome de Deus
 Título original: Stealing Heaven
 País: Inglaterra
 Direção: Clive Donner
 Duração: 115 minutos
 Ano: 1988
 Gênero: Drama / Romance

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Exposição - organizar os alunos em equipes, e apresentar exposições (frases, cartazes) para os demais alunos e Unidade Escolar.

SITES

- www.sobressites.com/filosofia
- www.portaldafilosofia.com.br
- www.filosofiavirtual.pro.br

Os *sites* foram indicados pela diversidade de conteúdos referentes e fácil acessibilidade aos temas propostos.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. **A filosofia na época trágica dos gregos**. Pré-Socráticos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NASCIMENTO, C. A. **O que é filosofia medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ENGELS, F.; FEUERBACH, L. O Fim da Filosofia Clássica Alemã. In: MARX-ENGELS. **Antologia filosófica**. Lisboa: Estampa, 1971.

UNIDADE II

COSMOLOGIA**INTRODUÇÃO**

Pensar Cosmologia é romper com algumas ideias da cosmogonia, explicações mitológicas da realidade, e tentar conhecer com mais clareza a realidade, discutindo questões como: origens do universo, origem da vida, a matéria, a vida, etc. Nesta intenção, desdobrou-se a temática principal em: *Arché* do Universo; Surgimento do Universo; Astronomia.

Como início da investigação, elegeram-se algumas informações para a construção de uma clara conceituação de cosmologia, bem como seus desdobramentos, permitindo também que o leitor sintam-se instigado a continuar a investigação da temática aqui iniciada.

O surgimento do universo será estudado a partir das noções de *arché* dos filósofos da natureza que, na antiguidade, tentaram explicar a matéria primordial de todos os seres, atribuindo a certos elementos presentes na natureza características divinas.

Não se pretende com isso concluir as várias possibilidades deste assunto. A pretensão é despertar a ideia de que, apesar das grandes descobertas do último século, ainda há muito que aprender sobre como, quando, onde e por que tudo começou.

OBJETIVOS

- Apresentar subsídios para o professor instigar a curiosidade do educando pela origem do Universo.
- Identificar algumas teorias sobre a origem e evolução do Cosmos.
- Apresentar elementos para refletir sobre a Cosmologia.

PROFESSORES TUTORES

Ezair Batista Correa

Lucimar Maria Bastezini

Jucimar da Silva Silveira

Marcos José Burnagui

Maurício Marchi

ARCHÉ DO UNIVERSO - O PRINCÍPIO PRIMORDIAL

Existiu, ou existe, um elemento responsável pela origem de todos os seres?

Que elemento criou toda a matéria que existe?

De que maneira tudo foi criado?

CONTEXTO

O ser humano está de tal modo intimamente ligado ao cosmos que a significação última de sua existência está entrelaçada ao “destino” do próprio cosmos. O universo é desconhecido, inusitado e sublime em virtude de sua grandiosidade e mistério. O cosmos é visto como um mistério no qual reside toda a novidade. O ser humano contemporâneo, no seu vazio existencial, produzido pela visão materialista do consumismo, busca respostas que vão além da mera explicação simplista e empirista das coisas.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Atualmente, várias abordagens explicam a origem do universo e dos seres. Uma das mais comuns é a do *Big Bang*, defendida pela grande maioria dos teóricos da área, como por exemplo Marcelo Gleiser (2006):

Qual a origem da matéria? De onde vem a matéria que preenche o universo, suas galáxias com bilhões de estrelas, planetas e pessoas? Até recentemente, essa pergunta fazia parte daquele grupo de perguntas misteriosas que dependem mais da fé do que da ciência. Nós ainda não sabemos qual a resposta, mas temos hoje algumas ideias interessantes, talvez os primeiros passos em direção a uma compreensão mais profunda do universo.

A cosmologia moderna é baseada no modelo do *Big Bang*, que diz que o Universo teve uma infância muito quente e densa. A ideia é que, próximo ao início de sua história, o Universo era uma espécie de sopa de partículas que interagiam ferozmente com a radiação. O Universo foi gradativamente se expandindo e se resfriando e, aos poucos, estruturas mais complexas foram se formando, começando

com núcleos atômicos bem leves, depois átomos de hidrogênio que formaram nuvens enormes e instáveis que, ao colapsar, originaram as galáxias e estrelas .

A composição química do Universo também é bastante simples. Basicamente, o Universo consiste em 75% de hidrogênio, 24% de hélio e o 1% restante de átomos, incluindo carbono, nitrogênio e oxigênio. Esses elementos mais pesados não foram formados na fornalha primordial, mas sim em estrelas, em particular durante os processos que marcam a morte desses objetos.

Na antiguidade clássica, antes da Filosofia, cada povo, cultura ou religião explicava à sua maneira, com mitos próprios, como o criador, ou os criadores, teriam elaborado o cosmos e os seres nele compreendidos ou existentes. Com o crescimento das *póleis* gregas, surgem os filósofos da natureza, que buscam nos elementos naturais estas explicações, como Tales:

Tales de Mileto, fenício de origem, é considerado o fundador da escola jônica. É o mais antigo filósofo grego. Tales não deixou nada escrito mas sabemos que ele ensinava ser a água a substância única de todas as coisas. A Terra era concebida como um disco boiando sobre a água, no oceano. Cultivou também as matemáticas e a astronomia, predizendo, pela primeira vez, entre os gregos, os eclipses do sol e da lua. No plano da astronomia, fez estudos sobre solstícios a fim de elaborar um calendário, e examinou o movimento dos astros para orientar a navegação. Provavelmente nada escreveu. Por isso, do seu pensamento só restam interpretações formuladas por outros filósofos que lhe atribuíram uma ideia básica: a de que tudo se origina da água. Segundo Tales, a água, ao se resfriar, torna-se densa e dá origem à terra; ao se aquecer transforma-se em vapor e ar, que retornam como chuva quando novamente esfriados. Desse ciclo de seu movimento (vapor, chuva, rio, mar, terra) nascem as diversas formas de vida, vegetal e animal. A cosmologia de Tales pode ser resumida nas seguintes proposições: A terra flutua sobre a água; A água é a causa material de todas as coisas. Todas as coisas estão cheias de deuses. O ímã possui vida, pois atrai o ferro (MADJAROF, 2005, p. 3).

Pitágoras nasceu em Samos, tendo vivido aproximadamente entre os anos 570 a 532 a.C. Foi para Itália e Egito, sendo que neste último país formulou seu famoso teorema do triângulo-retângulo, conhecido como o teorema de Pitágoras.

A cosmologia de Pitágoras tem como base os números; tudo que existe deriva do movimento de alternância e sucessão de elementos numéricos como ponto, linhas, curvas, retas, ângulos, etc.

Segundo o pitagorismo, a essência, o princípio essencial de que são compostas todas as coisas, é o *número*, ou seja, as relações matemáticas. Os pitagóricos, não distinguindo ainda bem forma, lei e matéria, substância das coisas, consideraram o número como sendo a união de um e outro elemento. Da racional concepção de que tudo é regulado segundo relações numéricas, passa-se à visão fantástica de que o número seja a essência das coisas. O número divide-se em par, que não põe limites à divisão por dois, e, por conseguinte, é ilimitado (quer dizer, imperfeito, segundo a concepção grega, a qual via a perfeição na determinação); e ímpar, que põe limites à divisão por dois e, portanto, é limitado, determinado, perfeito. Os elementos constitutivos de cada coisa – sendo cada coisa número – são o par e o ímpar, o ilimitado e o limitado, o pior e o melhor. Radical oposição esta, que explicaria o vir-a-ser e o múltíplice, que seriam reconduzidos à concordância e à unidade pela fundamental harmonia (matemática), que governa e deve governar o mundo material e moral, astronômico e sonoro (MADJAROF, 2005, p. 4).

Como a filosofia da natureza, a astronomia pitagórica representa um progresso sobre a jônica. De fato, os pitagóricos afirmaram a esfericidade da Terra e dos demais corpos celestes, bem como a rotação da Terra, explicando assim o dia e a noite; e afirmaram também a revolução dos corpos celestes em torno de um foco central, que não se deve confundir com o Sol. No que diz respeito à moral, enfim, dominam no pitagorismo o conceito de harmonia, logicamente conexo com a filosofia pitagórica, e as práticas ascéticas e abstinências, com relação à metempsicose ou reencarnação das almas.

FILMOGRAFIA

Título: Uma breve história do tempo

País: Estados Unidos

Duração: 80 minutos

Ano de Lançamento: 1990

Gênero: Documentário

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Viagem de estudos com a finalidade de conhecer o observatório astronômico em Brusque e o Planetário em Florianópolis.

REFERÊNCIAS

GLEISER, M. Micro e Macro. Disponível em:

<<http://marcelogleiser.blogspot.com/1999/12/explosiva-origem-da-matria.html>>.

Acesso em: 24 out. 2006.

MADJAROF, R. **Os pré-socráticos**. Disponível em:

<www.mundodosfilosofos.com.br>. Acesso em: 25 out. 2006.

ORIGENS

As teorias mitológicas sobre a criação do universo ainda possuem significado como na antiguidade?

As teorias sobre o surgimento do mundo têm grandes influências sobre o pensamento. Considerando que muitas são equivocadas, como é possível pensar o mundo através da História, Filosofia, Religião e Ciência?

CONTEXTO

Cada povo tem sua cultura, alicerçada em tradições que perpassam gerações. O respeito às manifestações diferentes humaniza as pessoas, cada vez mais, na busca da identidade do mundo, vinculada à sua própria identidade.

A maneira como o homem entende e se relaciona com os seres que o rodeiam revela sua preocupação ou com a preservação, conservação, ou com a destruição e extinção, quando, neste caso, está unicamente preocupado com a satisfação do desejo momentâneo, sem preocupação alguma com o futuro da vida no planeta.

As culturas que se entendem como parte de um sistema têm consciência da interdependência de todos os seres para o equilíbrio natural do ambiente. Portanto, faz sentido a redescoberta dos mitos indígenas da criação e evolução do cosmos, que passam a ocupar lugar de destaque na atual sociedade, que ora se desperta para uma consciência ecológica e preservacionista.

Entende-se, então, que o estudo dos mitos de origem e a busca de explicações religiosas voltam a ocupar lugar de destaque nas discussões sobre a origem do universo e dos seres, pois as explicações científicas podem ser conclusivas, porém as mitológicas, filosóficas e religiosas vão além do que pode ser explicado materialmente.

Exemplos da cosmogonia criacionista encontram-se em diversas civilizações, desde a pré-história. Aqui é apresentada a cosmogênese guarani:

Na cosmogênese guarani, Nhanderu (Nosso Pai) criou quatro deuses principais que o ajudaram na criação da Terra e de seus habitantes. O zênite representa Nhanderu e os quatro pontos cardeais representam esses deuses. O Norte é Jakaira, deus da neblina vivificante e das brumas que abrandam o calor, origem dos bons ventos. O Leste é Karai, deus do fogo e do ruído do crepitar das chamas sagradas. No Sul, Nhamandu, deus do Sol e das palavras, representa a origem do tempo-espço primordial. No Oeste,

Tupã é deus das águas, do mar e de suas extensões, das chuvas, dos relâmpagos e dos trovões (AFONSO, 2006, p. 6).

TEXTOS PROVOCATIVOS

As Ciências, Filosofias e Religiões, em geral, são desenvolvidas por seres humanos, que carregam consigo a bagagem cultural de seus antepassados. O momento histórico em que vivem reflete-se nas conclusões a que chegam, pois, como ser social, o homem não pensa isoladamente, mas em contato com o meio em que vive.

As condições políticas, sociais e econômicas fazem parte do cotidiano de todo pesquisador e por isso podem influenciar no resultado do seu trabalho. Por outro lado, alguns teóricos afirmam que a ciência é imparcial.

Durante muito tempo as teorias científicas e religiosas se opuseram no que tange às explicações a respeito da origem do universo. Uma defendem tal origem como algo natural, ocorrido espontaneamente. Já outras atribuem a um ou mais deuses a obra suprema da criação.

Pensar diferente daquilo que a religião pregava era perigoso, pois as afirmações da Igreja deviam ser respeitadas e jamais questionadas. Muitas pessoas chegaram a ser condenadas à morte por discordar do pensamento cristão da Idade Média, que afirmava que *Deus fez o Universo e a Terra no centro, sendo que todos os outros astros giravam em torno da Terra para servi-la*, conhecida como Visão Geocêntrica.

Com o desenvolvimento do pensamento moderno, libertando-se da visão religiosa, o que antes era proibido passa ser permitido, ou seja, o homem passa a pensar livremente, sem medo da repressão eclesial. Muitos, entretanto, continuam pensando dentro das categorias medievais, ou por crenças, ou simplesmente pela comodidade das respostas prontas.

DIÁLOGOS DE PLATÃO

Para exemplificar as dificuldades encontradas nas teorias científicas, destaca-se um pequeno trecho dos diálogos de Sócrates com Parmênides:

II - Terminada essa parte, Sócrates lhe pediu que lesse a primeira hipótese do primeiro argumento, depois do que se manifestou: Que queres dizer com isto,

Zenão? Se os seres são múltiplos, por força terão de mostrar, a um só tempo, semelhanças e dessemelhanças, o que não é possível. Nem semelhante pode ser dessemelhante, nem o dessemelhante semelhante. Declaraste isso mesmo, ou fui eu que não compreendi direito?

Isso mesmo, respondeu Zenão.

Então, se o dessemelhante não pode ser semelhante, nem o semelhante dessemelhante, no mesmo passo não será possível existir o múltiplo, porque, se existisse, não poderia eximir-se desses atributos impossíveis. Mas, o fim precípua de tua argumentação não visa a combater a crença geral de que o múltiplo existe? Não estás convencido de que cada um dos teus argumentos demonstra isso mesmo, e que, no teu modo de pensar, os argumentos por ti apresentados são outras tantas provas de que o múltiplo não existe? Foi isso o que disseste, ou não entendi bem?

De forma alguma, teria falado Zenão; apanhaste admiravelmente bem a intenção geral do escrito.

Compreendo, Parmênides, continuou Sócrates; nosso Zenão deseja tornar-se mais íntimo por vários meios, mas principalmente com a ajuda de seus escritos. No final de contas, o que ele afirma é mais ou menos o que tu próprio escreveste; porém introduzindo algumas modificações, quer dar-nos a impressão de que diz coisa diferente. Declaras em teus Poemas que Todo é um, em reforço do que aduzes argumentos belos e convincentes. De seu lado, ele nega a existência do múltiplo, para o que apresenta provas de todo o ponto forte e superabundante.

Desse modo, quando um diz que o Uno existe e outro nega a existência do múltiplo, falando cada um como se nada tivesse de comum com o outro, quando em verdade ambos afirmam a mesmíssima coisa, o que enuncias parece voar muito por cima de nossas cabeças.

HISTÓRIA DA ASTRONOMIA

As especulações sobre a natureza do Universo devem remontar aos tempos pré-históricos, por isso é a Astronomia frequentemente considerada a mais antiga das ciências. Desde a antiguidade, o céu vem sendo usado como mapa, calendário e relógio. Os registros astronômicos mais antigos datam de aproximadamente 3000 a.C. e se devem aos chineses, babilônios, assírios e egípcios. Naquela época, os astros eram estudados com objetivos práticos, como medir a passagem do tempo (fazer calendários)

para prever a melhor época para o plantio e a colheita, ou com objetivos mais relacionados à Astrologia, como fazer previsões do futuro, já que, não tendo qualquer conhecimento das leis da natureza (física), acreditavam que os deuses do céu tinham o poder sobre a colheita, a chuva e mesmo a vida.

Os babilônios, assírios e egípcios sabiam a duração do ano muito antes de Cristo. Os maias, na América Central, também tinham conhecimentos de calendário e de fenômenos celestes, e os polinésios aprenderam a navegar por meio de observações celestes.

O grande momento da ciência antiga se deu na Grécia, por volta do século VI a.C., só sendo ultrapassado no século XVI. Do esforço dos gregos em conhecer a natureza do cosmos, e com o conhecimento herdado dos povos mais antigos, surgiram as primeiras concepções de esfera celeste, constituída de estrelas, estando a Terra no centro. Todas as estrelas giram em torno de um ponto fixo no céu e esse ponto é uma das extremidades do eixo de rotação da esfera celeste. Os antigos gregos, os chineses e egípcios já tinham dividido o céu em constelações.

Os Principais Astrônomos

Tales de Mileto (624-546 a.C.) introduziu na Grécia os fundamentos da Geometria e da Astronomia, trazidos do Egito. Pensava que a Terra era um disco plano em uma vasta extensão de água.

Pitágoras de Samos (572-497 a.C.) acreditava que a Terra era redonda. Achava que os planetas, o Sol e a Lua eram levados por esferas separadas. Foi o primeiro a chamar o céu de cosmos.

Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.) explicou que as fases da Lua dependem de quanto da parte da face da Lua iluminada pelo Sol está voltada para a Terra. Explicou, também, os eclipses: um eclipse do Sol ocorre quando a Lua passa entre a Terra e o Sol; um eclipse da Lua ocorre quando a Lua entra na sombra da Terra.

Argumentou que a Terra era uma esfera, já que a sombra da Terra projetada na Lua durante um eclipse lunar é sempre arredondada. Afirmava que o Universo é esférico e finito.

Aristarco de Samos (310-230 a.C.) foi o primeiro a propor que a Terra se movia em volta do Sol, antecipando Copérnico em quase 2.000 anos. Entre outras coisas, desenvolveu um método para determinar as distâncias relativas do Sol e da Lua à Terra e mediu os tamanhos aproximados da Terra, do Sol e da Lua.

Ptolomeu (85 d.C.-165 d.C.) foi o último astrônomo importante da antiguidade. Ele montou uma série de 13 volumes sobre Astronomia, conhecida como o *Almagesto*, que é a maior fonte de conhecimento sobre a Astronomia na Grécia.

A Terra era uma esfera fixa e tudo girava ao seu redor, o Sol, a Lua e as Estrelas. Esta era a concepção geocêntrica do Universo, que acabou sendo adotada como modelo oficial imposto pela Igreja Cristã, perdurando até o século XVII.

Giordano Bruno (1544-1600) foi o maior defensor do imanentismo renascentista. Foi julgado pela Inquisição romana, sendo condenado à morte e executado em 1600.

Para ele a realidade é una e infinita, constituída por dois princípios fundamentais: *a alma do mundo* e *a matéria*. São dois aspectos da mesma substância. A alma do mundo é concebida como sendo inteligente, ordenadora do mundo; mas não é transcendente, como o motor primeiro de Aristóteles e o Deus do cristianismo, e sim imanente ao mundo, de que é precisamente a alma. O Deus de Bruno é, pois, esta alma do mundo, concebida como imutável e infinita, gerando eternamente o mundo finito e que se acha em perpétuo vir-a-ser, ou seja, criar e recriar (MADJAROF, 2000, p. 6).

Giordano, após tomar conhecimento do trabalho de Nicolau Copérnico, defendeu abertamente que a Terra é um planeta como outros no firmamento, que a divisão do universo em mundo lunar (Cosmos) e sublunar não fazia sentido. Defendeu abertamente: a unidade do céu e da terra; que as estrelas têm idêntica natureza do nosso Sol; que o Universo é infinito, bem como a pluralidade dos mundos. A pluralidade de novos mundos, ou melhor dizendo, de novos sistemas planetários está hoje confirmada (cf. HÖNEL, 2004).

Nicolau Copérnico (1473-1543) - A ideia que a Terra não estava no centro do universo não era nova; os atomistas e os pitagóricos já a haviam sustentado, sob formas diversas. A verdade é que estas ideias nunca conseguiram muitos adeptos, pois a experiência quotidiana parecia desmenti-las de forma muito evidente. A concepção

cosmológica que foi adaptada, nomeadamente pela Igreja, era a defendida por Ptolomeu que considerava estar a Terra no centro do universo, girando à sua volta todos os demais astros (geocentrismo).

A grande inovação de Copérnico consistiu em ter sustentado em termos matemáticos (geométricos) a sua hipótese cosmológica do movimento da Terra e ter apontado um conjunto de fatos que evidenciavam que a antiga concepção geocêntrica era incapaz de dar uma resposta satisfatória.

Copérnico dedicou-se por um tempo relativamente grande à Astronomia e a escrever, por volta de 1530, a sua célebre obra “As Revoluções das Órbitas Celestes”. Nesta obra, publicada depois da sua morte, o Sol é colocado no centro do universo, e deslocam-se à sua volta, em órbitas circulares, não apenas a Terra mas os restantes astros.

Embora o sistema de Copérnico esteja ainda muito ligado às correntes místicas, nem por isso deixou de contribuir decisivamente para romper com a concepção fechada do universo e lançar as bases dos trabalhos posteriores de Galileu, Kepler, Newton (cfr. PLASTINO, 2006).

Johannes Kepler (1571-1628) - Ao olhar para as órbitas planetárias, à luz dos diferentes epiciclos, Kepler verificou que nada existia no centro da órbita que fosse a origem do movimento. Tornou-se por esta razão um heliocentrista convicto.

Acreditava ele que os movimentos dos planetas tinham causas físicas e, por isso, acabou colocando de lado preconceitos antigos, como, por exemplo, o de o movimento dos planetas ser feito em órbitas circulares, só porque essa era a forma mais perfeita e harmoniosa de todas as formas, já que tinha sido criada por Deus, que também era perfeito. Kepler verificou que a órbita dos planetas não era circular, mas sim elíptica.

Teve como primeira tarefa, ao trabalhar para Tycho Brahe, a determinação da órbita de Marte, tentando ajustá-la a uma órbita circular em torno do Sol. Não dispondo de uma teoria que explicasse o movimento dos planetas, restava tentar tudo de novo com órbitas diferentes.

A análise dos registros leva-o a concluir que a forma que mais se adaptava à órbita dos planetas era a de uma elipse. Concluiu também que o Sol ocupava um dos focos da elipse.

Kepler pensava que, se um planeta qualquer descrevia a sua órbita elíptica em torno do Sol, a certa distância e com uma certa velocidade, demorando um certo tempo

e não outro, é porque algo estaria por detrás de tudo isto e os relacionaria (cfr. MONTES; COSTA, 2006).

Isaac Newton (1642-1727) - Seu pensamento apresentou-se como uma profunda transformação na maneira de conceber o mundo e também uma orientação totalmente nova na busca da verdade científica.

Com o nascimento da ciência moderna, encerrou-se a concepção geocêntrica do mundo, predominante no pensamento antigo e medieval. Tornou-se possível reconhecer que a Terra gira em torno de seu próprio eixo e ao redor do Sol, que esses movimentos são compatíveis com os eventos que ocorrem na superfície da Terra, que as leis da mecânica aplicam-se igualmente aos fenômenos terrestres e celestes.

O longo e árduo processo de formação da ciência moderna nos séculos XVI e XVII culminou com as notáveis descobertas de Newton, que simbolizaram o triunfo de um paradigma científico capaz de revelar, de forma clara e exata, “a mais bela estrutura do sistema do mundo”.

Partindo do estudo de diferentes tipos de movimento, Newton procurou determinar as forças da natureza exigidas para produzi-los. Nessa pesquisa, foi de fundamental importância sua argumentação para estabelecer a lei da gravitação universal, que permitiu explicar, com grande aproximação, fenômenos tão diversos como a queda livre dos corpos (com aceleração constante), as oscilações do pêndulo, as trajetórias dos projéteis, o movimento das marés (causado pela atração gravitacional da Lua e do Sol), as órbitas elípticas dos planetas e cometas etc.

Desse modo, questões que antes eram tratadas separadamente se mostraram intimamente relacionadas, dentro de um mesmo sistema físico. E o notável êxito desse empreendimento fortaleceu cada vez mais a convicção de que o Universo inteiro pode ser definitivamente compreendido nos termos dos princípios matemáticos formulados por Newton (cfr. PLASTINO, 2006).

Albert Einstein (1879-1955) - Em 1905, Einstein publicou o seu trabalho sobre a Eletrodinâmica dos Corpos em Movimento, uma reformulação revolucionária dos conceitos de espaço e tempo, que é chamado hoje de Relatividade Restrita.

Os conceitos de espaço e tempo eram uma percepção imperfeita do verdadeiro conceito fundamental, que era o espaço-tempo, e mostrava que a teoria da relatividade podia ser formulada como uma geometria muito simples nesse espaço-tempo.

No ano 1916, escreve o artigo Fundamentos da Relatividade Geral, no qual faz uso essencial das geometrias propostas por Riemann, com a diferença importante de que eram geometrias no espaço-tempo e, portanto, em espaços quadridimensionais. Esta teoria, que originalmente se destinava a ser uma teoria em que todos os referenciais fossem tratados em pé de igualdade, destituindo os referenciais inerciais de sua posição privilegiada, revelou ser uma teoria da gravitação, que acabou substituindo a consagrada teoria da Gravitação Universal, de Isaac Newton.

A consagração desta teoria deu-se em 1919, com a observação, em Sobral, Ceará, e na Ilha do Príncipe, na costa da África, do extraordinário fenômeno do desvio gravitacional da luz, que permitiu a observação de uma estrela que se encontrava atrás do Sol durante um eclipse.

Em 1917, no artigo “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, Einstein aplica sua teoria ao problema cosmológico. Apoiando-se na observação empírica de que as velocidades das estrelas são pequenas, adota como princípio cosmológico um universo estático e espacialmente homogêneo e isotrópico. De início, não consegue obter qualquer solução com estas propriedades. Modifica-as, então, acrescentando um termo denominado “constante cosmológica”, e obtém, assim, a solução procurada. Mais tarde, arrependido, considera esta constatação de suas equações básicas “*a maior asneira de minha vida*”. A grande contribuição da relatividade geral à cosmologia viria, porém, de outras mãos.

Trata-se da densidade de matéria-energia, que é a mesma em todos os pontos, pois é adotado o princípio cosmológico em que o espaço do universo é homogêneo e isotrópico. Era a primeira vez que se falava em universo em expansão entre físicos.

Einstein acreditava que o universo não iniciou a partir de uma explosão. Uma explosão tem como característica principal um grande gradiente de pressão, enquanto que o universo, sendo homogêneo, tinha a mesma pressão em todos os pontos, mesmo no início (cf. FLEMING, 2006)

Edwin Powell Hubble (1889-1953) - Em 1926, Hubble organizou um sistema de classificação das galáxias que, com poucos ajustes, permanece válido até os dias de hoje. Descobriu a relação entre as velocidades de afastamento das galáxias e as suas distâncias, evidenciando a expansão do Universo. Diante disto formulou a seguinte lei: “Quanto mais distante a galáxia, maior sua velocidade de afastamento”, isto é, quanto mais longe está a galáxia mais rápida será sua velocidade. Esta foi a primeira evidência

de que o Universo está se expandindo. Por conseguinte, as galáxias não mais foram chamadas de nebulosas, pois eram objetos que estavam muito longe e não poderiam pertencer à nossa Galáxia.

Se o Universo está expandindo, ele pode ter explodido. Esta teoria ficou conhecida como Teoria do **Big Bang**, ou seja, a grande explosão. Para ter explodido, ele estava muito quente, e hoje, com o processo de expansão, ele deve estar bem mais frio. Pela temperatura é calculada a dimensão e também a idade do universo, que hoje é estimada entre 12 a 17 bilhões de anos/luz.

Stephen William Hawking (1942 -) - Stephen Hawking, inglês, titular da cadeira que foi de Isaac Newton na Universidade de Cambridge, é um dos grandes físicos teóricos dos últimos 50 anos, responsável – com o colega Roger Penrose – pela demonstração de que o espaço-tempo teve início no Big Bang. É talvez o cientista vivo mais conhecido no mundo.

A pergunta que se coloca é a de saber qual seria o papel de um criador em um Universo que pode ser completamente explicado pelas leis da Física! Talvez a resposta esteja na chamada *teoria do todo*, que, segundo Stephen Hawking e outros, unificaria a teoria da relatividade geral e a mecânica quântica em um único corpo matemático autoconsistente – um princípio abstrato de ordem e harmonia que, expresso através de uma teoria matemática, seria capaz de explicar aquilo que observamos na natureza.

Um ponto importante, na visão de Stephen Hawking, é que no seu modelo cosmológico não existe um momento preciso para o começo do Universo, simplesmente porque não existe um momento preciso de quando o tempo começou a existir. A grandeza que chamamos de tempo surgiu de uma mistura quântica durante o Big Bang. O Universo não começou em um determinado instante, mas, ao contrário, foi criado com uma qualidade que chamamos de tempo.

A popularidade de Hawking ganhou enorme impulso em 1988, quando foi lançado seu best-seller *Uma breve história do tempo*. Em seu novo livro, *O universo numa casca de noz*, Hawking tenta corrigir os defeitos do anterior, e tem o claro objetivo de facilitar o entendimento do leigo.

Hawking narra a busca pela Teoria de Tudo – uma única teoria capaz de descrever o universo, sem contradições ou incoerências, que segure as dificuldades que surgem quando as teorias físicas mais aceitas entram em contradição. Para isso, analisa

os avanços da Física nos últimos cem anos, da relatividade às supercordas, passando por mecânica quântica e entropia.

O êxito da teoria, no entanto, esbarra na quase impossibilidade de sua comprovação: como observar as dimensões recurvadas, que poderiam chegar, segundo Hawking, ao comprimento de um milímetro dividido por cem mil bilhões de bilhões? (LETHBRIDGE, 2006)

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Viagem de estudos com a finalidade de conhecer o observatório astronômico em Brusque e o Planetário em Florianópolis.
- Gincana do lixo limpo, incentivando a reciclagem, o reaproveitamento de materiais e o destino correto para o material orgânico.

FILMOGRAFIA



Título original: Contact (Contato)
 País: Estados Unidos
 Direção: Robert Zemeckis
 Duração: 150 minutos
 Ano de lançamento: 1997
 Gênero: Ficção científica
 Distribuição: Warner Bros



Título original: Giordano Bruno
 País: Itália
 Direção: Giuliano Montaldo
 Duração: 114 minutos
 Ano de lançamento: 1973
 Gênero: Drama

REFERÊNCIAS

AFONSO, G. **Mitos e estações do céu tupi-guarani.** Disponível em: <www.uol.com.br/sciam/conteudo/materia/materia_89.html>. Acesso em: 29 out. 2006.

FLEMING, H. Disponível em: <http://www.hfleming.com/rusp_cosmo.html>. Acesso em: 26 out. 2006.

HÖNEL, J. Disponível em: <www.cdcc.sc.usp.br/cda/sessao-astronomia/seculoxx/index.html>. Acesso em: 26 out. 2006.

LETHBRIDGE, T. Disponível em: <www.cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2542>. Acesso em: 26 out. 2006.

MADJAROF, R. **Os pré-socráticos.** Disponível em: <www.mundodosfilosofos.com.br>. Acesso em: 25 out. 2006.

MONTES, M.; COSTA, A. Disponível em: <www.ualg.pt/ccviva/astrologia/historia/johannes_kepler.htm>. Acesso em: 26 out. 2006.

PLASTINO, E. C. Disponível em: <www.herbario.com.br/atual04/2811hiscie.htm>. Acesso em: 26 out. 2006.

USP. Seção Astronomia. Disponível em: <www.cdcc.sc.usp.br/cda/sessao-astronomia/seculoxx/textos/uma-breve-hist-do-Big-Bang.htm>. Acesso em: 27 out. 2006.

UNIDADE III

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA**INTRODUÇÃO**

A pergunta motriz da Antropologia Filosófica é: “O que é o homem?” Ela trata do homem no aspecto estrutural, utilizando-se de conceitos abstratos e universais, pois tem seus primórdios mais fecundos nos debates de Sócrates e dos Sofistas. É no século XIX que aparece como ciência, distinguindo-se de outras Antropologias. No entanto, é preciso distinguir a simples Antropologia da Antropologia Filosófica. A primeira estuda o homem sob a perspectiva material, cultural e comportamental. Nesse sentido, a sua metodologia utiliza-se simultaneamente da história e das ciências naturais, e seus temas variam desde o surgimento do homem na Terra até a maneira como ele estabelece uma cultura.

A Antropologia encarada metafisicamente é antes aquela parte da Filosofia que investiga a estrutura essencial do homem. Ou seja, a Antropologia Filosófica é uma Antropologia da essência e não das características acidentais humanas.

Nesta unidade, o leitor encontrará três partes contendo os desdobramentos da Antropologia: o conceito e objeto de estudo, a relação do ser humano com a natureza (cultura) e a questão da interdisciplinaridade. Para cada desdobramento são sugeridas algumas indagações que pretendem despertar a reflexão sobre o objeto em questão. Cada desdobramento é contextualizado a partir de um assunto presente no cotidiano. Depois são apresentados textos que possibilitam um encontro com os clássicos da Filosofia. São apresentadas, também, algumas sugestões de filmografia, *sites* e referências. Abaixo seguem alguns objetivos gerais que apontam o caminho e o lugar aonde se pretende chegar.

OBJETIVOS

- Proporcionar, através do estudo da Antropologia, o conhecimento do processo de transformação do homem e seus reflexos na sociedade em que vive.

- Possibilitar momentos de problematização, desafiando e questionando o modelo de homem e sociedade que temos, contrapondo-o ao que se deseja.
- Construir um espaço de reflexão que possibilite uma proximidade entre as ciências e a Filosofia quanto à pergunta: quem é o homem?
- Problematizar a questão da gênese do homem e seu processo de humanização por meio da cultura.

PROFESSORES TUTORES

Paulo César de Carvalho Jacó

João Valdemir Patinho

Ademir Dietrich

Estevão José da Cunha

Leonardo Pavanello

Inácio Stuep

Teresa Kern Alves

CONCEITUAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Caro professor, são várias as antropologias. Dessas existentes qual é utilizada em seu cotidiano no processo de compreensão do homem?

Alguns métodos aparecem na abordagem epistemológica da Antropologia, por exemplo: hermenêutico, fenomenológico e estrutural... Qual desses você utilizaria nas abordagens sobre o homem com seus alunos?

Como a Antropologia pode contribuir para a compreensão do homem enquanto um ser afetivo?

CONTEXTO

Toda ciência se caracteriza pelo seu objeto e método de estudo. A Antropologia Filosófica faz sua investigação a partir da pergunta: Quem é o Homem?

Em meio a tantas crises existenciais, o homem contemporâneo esqueceu de sua maior virtude: o amor. Essa afirmação se encontra na revista *Filosofia: ciência & vida*. O ser humano é visto como um ser que ama. Responder à pergunta colocada acima constitui como a indagação primeira da Antropologia Filosófica.

A sociedade atual revela um ser humano egocêntrico, numa busca constante de si mesmo. Amar é ir além das aparências e da beleza exterior como a indústria cultural cria e impõe através de seus padrões de beleza. Há uma busca constante de se enquadrar nesses padrões, principalmente pelos jovens. O amor é reduzido à dimensão do Eros, da paixão, esquecendo-se suas dimensões do ágape.

A juventude atual passa por um momento de crise em suas relações afetivas, onde o outro é visto como objeto descartável. Exemplo disso é o namoro do tipo “ficar”, o que, entre os jovens, vem a significar a coisificação do outro e a aniquilação do amor.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Tendo a Antropologia Filosófica como objeto de estudo o ser humano, apresentam-se abaixo dois textos que conceituam o homem como “um ser que ama”.

São apresentados aqui dois nomes da Filosofia clássica: Platão e Aristóteles. Ambos abordam a ideia do amor e dos sentimentos como uma das características do ser humano. Platão fala de um amor que não perpassa a dimensão do modelo heterossexual

da atualidade, enquanto Aristóteles compara o ser humano, quanto ao sentir, aos animais, contrapondo o domínio da alma sobre o corpo, ou seja, da razão sobre os sentidos.

TEXTO 1 - O Banquete - Platão

E com Hesíodo também concorda Acusilau. Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado. Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode inculcar tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais, como o amor. A que é então que me refiro? À vergonha do que é feio e ao apreço do que é belo. Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras. Afirmo eu então que todo homem que ama, se fosse descoberto a fazer um ato vergonhoso, ou a sofrê-lo de outrem sem se defender por covardia, visto pelo pai não se envergonharia tanto, nem pelos amigos nem por ninguém mais, como se fosse visto pelo bem-amado. E isso mesmo é o que também no amado nós notamos, que é sobretudo diante dos amantes que ele se envergonha, quando surpreendido em algum ato vergonhoso. Se por conseguinte algum meio ocorresse de se fazer uma cidade ou uma expedição de amantes e de amados, não haveria melhor maneira de a constituírem senão afastando-se eles de tudo que é feio e porfiando entre si no apreço à honra; e quando lutassem um ao lado do outro, tais soldados venceriam, por poucos que fossem, por assim dizer todos os homens. Pois um homem que está amando, se deixou seu posto ou largou suas armas, aceitaria menos sem dúvida a ideia de ter sido visto pelo amado do que por todos os outros, e a isso preferiria muitas vezes morrer. E quanto a abandonar o amado, ou não socorrê-lo em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero “do ardor que a alguns heróis inspira o deus”, eis o que o Amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo. E quanto a morrer por outro, só o consentem os que amam, não apenas os homens, mas também as mulheres.

PLATÃO. **O banquete**. Disponível em: <file:///C:/site/livros_gratis/o_banquete.htm>. Acesso em: 28 jun. 2001.

TEXTO 2 - A Política - A Servidão Natural - Aristóteles

Em tudo o que é composto de várias partes quer contínuas, quer disjuntas, mas tendentes a um fim comum, sempre notamos uma parte eminente à qual as outras estão subordinadas, e isso não apenas nas coisas animadas, mas também nas que não o são, tais como os objetos suscetíveis de harmonia. Mas, aqui, me afastarei por certo de meu objetivo. O animal compõe-se primeiro de uma alma, depois de um corpo: a primeira, por sua natureza, comanda e o segundo obedece. Digo “por sua natureza”, pois é preciso considerar o mais perfeito como tendo emanado dela, e não o que é degradado e sujeito à corrupção. O homem, segundo a natureza, é aquele que é bem constituído de alma e de corpo. Se nas coisas viciosas e depravadas o corpo não raro parece comandar a alma, é certamente por erro e contra a natureza.

É preciso, portanto, como dissemos, considerar nos seres animados a autoridade do senhor e a do magistrado: a primeira é a da alma sobre o corpo; a segunda exerce sobre as paixões humanas o poder da razão. É claro que o comando, nestas duas espécies, é conforme à natureza, assim como ao interesse de todas as partes, e a igualdade ou a alternância seriam muito nocivas a ambas.

O mesmo ocorre com o homem relativamente aos outros animais, tanto os que se domesticam, quanto os que permanecem selvagens, a pior das duas espécies. Para eles é preferível obedecer ao homem; seu governo é-lhes salutar. A natureza ainda subordinou um dos dois animais ao outro. Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção.

Assim, em toda parte onde se observa a mesma distância que há entre a alma e o corpo, entre o homem e o animal, existem as mesmas relações; isto é, todos os que não têm nada melhor para nos oferecer do que o uso de seus corpos e de seus membros são condenados pela natureza à escravidão. Para eles, é melhor servirem do que serem entregues a si mesmos. Numa palavra, é naturalmente escravo aquele que tem tão pouca alma e poucos meios que resolve depender de outrem. Tais são os que só têm instinto, vale dizer, que percebem muito bem a razão nos outros, mas que não fazem por si mesmos uso dela. Toda a diferença entre eles e os animais é que estes não participam de

modo algum da razão, nem mesmo têm o sentimento dela e só obedecem a suas sensações. Ademais, o uso dos escravos e dos animais é mais ou menos o mesmo e tiram-se deles os mesmos serviços para as necessidades da vida.

A natureza, por assim dizer, imprimiu a liberdade e a servidão até nos hábitos corporais. Vemos corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outros, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons apenas para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da guerra. Ocorre muitas vezes, porém, o contrário: brutos têm a forma exterior da liberdade e outros, sem aparentar, só têm a alma de livre.

ARISTÓTELES. **A política** - A servidão natural. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores)

FILMOGRAFIA



Filme: Simplesmente amor
 Direção: Richard Curtis
 Título original: Love Actually
 Gênero: Comédia Romântica
 Duração: 134 minutos
 País: Inglaterra – 2003
 Distribuição: Universal Pictures / UIP

SITE

- www.revistapsicologia.com.br/materiais/hoje/m_hoje_antesdonamoro - aqui você pode encontrar artigo sobre a afetividade e sexualidade juvenil e alguns *links* de revistas de Psicologia.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Identifique aspectos apresentados no filme (“Simplesmente Amor”) que estão presentes nas vivências que ocorrem na realidade que você vive.
- Apresente questões antropológicas abordadas no filme que servem para uma reflexão da atualidade.
- Construa a sinopse do filme “Simplesmente Amor”.
- Escolha uma música abordando o tema “Amor”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política** - A servidão natural. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores)

PLATÃO. **O banquete**. Disponível em: <file:///C:/site/livros_gratis/o_banquete.htm>. Acesso em: 28 jun. 2001.

A RELAÇÃO DO SER HUMANO COM A CULTURA

Algumas correntes psicológicas afirmam que o homem é determinado pelo seu meio (cultura). Como você se posiciona frente a essa afirmação?

Qual o papel da Antropologia no entendimento da pobreza social?

Qual a contribuição da Antropologia no entendimento das questões ambientais?

CONTEXTO

A questão da cultura é um tema emergente em várias áreas do conhecimento. Ao estudar tal tema, vem à tona a problemática da sexualidade humana, aqui abordada de forma específica a partir da Antropologia Filosófica.

Na atualidade há minorias como os homossexuais que estão lutando por reconhecimento social de direitos. Há pesquisas sobre homossexuais que traçam o perfil do público da parada gay em São Paulo, ocorrida em maio de 2005. A pesquisa aponta que a maioria dos participantes é homem, 50% participam por motivos políticos, 45% frequentam universidade, 50% se declaram brancos, 30% se dizem pardos e 11% negros; os bissexuais se concentram entre os jovens.

Da mesma forma, a discussão sobre gênero se estende para as salas de aula no Ensino Médio, problematizando as construções sexuais ao longo dos contextos históricos, e apresenta-se como um dos paradigmas da Antropologia como conhecimento crítico. Colocar em discussão a sexualidade humana possibilita refletir o quanto o ser humano é também produto de sua cultura.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Nesse desdobramento, é apresentada a relação do homem com a natureza e seu produto denominado cultura. A Antropologia, ao estudar o ser humano, depara-se com a dimensão da cultura. Assim, são apresentados abaixo dois textos. O primeiro traz o conceito de cultura, compreendida como um conceito gerador, enquanto produto do trabalho humano. O segundo texto é uma visão europeia dos povos que viviam no continente americano antes do descobrimento.

TEXTO 1 - O que é cultura?

Primeiro, significa que cultura pode ser entendida num sentido bem amplo, como o conjunto de práticas pelas quais os homens agem sobre e transformam o que está na natureza, tornando-se co-responsáveis com a natureza por aquilo que se tornam.

Segundo, significa que cultura é a forma de viver dos humanos e, ao mesmo tempo, o nosso jeito de viver em grupos sociais específicos. Assim, no primeiro caso, falamos em cultura no singular, como aquilo que diferencia os homens de tudo que existe na natureza. Já no segundo caso, precisamos falar em culturas, no plural, como o que diferencia os homens entre si. Mas não podemos deixar de notar que esses conceitos e diferenciações são criados pelos próprios homens!

Terceiro, significa o conjunto de conhecimentos, de valores, de crenças, de ideias e de práticas de um grupo social e/ou de um povo e/ou de uma época. Com esses três significados podemos perceber que cada um de nós, homens e mulheres, o que nos tornamos quando produzimos e adquirimos cultura, aprendemos e construímos nosso modo de viver socialmente. Por isso, o devir humano é ao mesmo tempo devir natural e cultural. Tem a ver com transformações biológicas do nosso corpo como, por exemplo, as funções psíquicas (pensar e significar, que se desenvolvem na espécie humana e em cada homem e mulher) que tornam homens e mulheres capazes de criar, de conservar e de transformar seu jeito de viver. E tem a ver, também, com as transformações na forma de viver, que contribuem com a transformação das condições biológicas (naturais) de existência, quando, por exemplo, inventamos máquinas para trabalhar e pensar por nós.

O jeito de viver humano é um jeito de viver sociocultural e envolve três elementos muito importantes que ajudam a padronizar o comportamento de um grupo social: a linguagem, o trabalho e os valores, com os quais produzimos e transformamos coisas e ideias, nos comunicamos, decidimos o que é e o que não é importante e organizamos nossas relações, criando regras para a vida social. Homens e mulheres produzem cultura e são produzidos nela como humanos; então, na medida em que significam (práticas de linguagem), agem (práticas de trabalho) e valorizam (práticas de valorização) a natureza e o que eles mesmos produzem. Com isso criam regras que orientam as relações sociais. Assim, construímos o nosso mundo e nos fazemos presentes na natureza. A condição de viver, de pensar e de organizar a vida coletiva (vida social), como percebemos, é o que movimenta o processo de autocriação humana, de produção da humanidade e da cultura.

BRASIL. **O que é cultura.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos>>. Acesso em: 25 out. 2006.

TEXTO 2 - Carta de Pero Vaz Caminha

... então, lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. (...)

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar. (...)

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber. (...)

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada,

que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma feição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguá mais lavagem para a levantar. (...)

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. (...)

UFSC. **Carta de Pero Vaz Caminha**. Disponível em:

<www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta>. Acesso em: 25 out. 2006.

FILMOGRAFIA



O Elo Perdido
 Título original: Man to Man
 Gênero: Drama
 Duração: 122 minutos
 Ano de lançamento (Inglaterra / França / África do Sul):
 2005
 Distribuição: Wild Bunch

SITE

- www.antropologia.com.br – Comunidade virtual de Antropologia. Apresenta links da Associação Brasileira de Antropologia, “Revistas temáticas – Sociologia, Antropologia, Ciência Política”, últimas notícias relacionadas ao tema, entrevistas, colunas, resenhas, livraria, etc.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Após ter assistido ao filme (O Elo Perdido), faça uma análise do choque cultural e da reação que o africano teve diante da situação de outro ambiente cultural. Identifique o olhar do europeu do século XIX em relação ao africano. Qual a visão de ser humano que o europeu tem?
- Apresente questões antropológicas presentes no filme.
- Construa uma “sinopse” sobre o filme.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **O que é cultura**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos>>. Acesso em: 25 out. 2006.

MONDIN, B. **O homem: quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980.

RABUSKE, E. A. **Antropologia filosófica: um estudo sistemático**. Petrópolis: Vozes, 1986.

UFSC. **Carta de Pero Vaz Caminha**. Disponível em: <www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta>. Acesso em: 25 out. 2006.

ANTROPOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE

A ação coletiva é um desafio frente às diferenças. A Antropologia Filosófica consegue contemplar em sua ação essa multidisciplinaridade no entendimento do homem?

Você procura, ao estudar Antropologia, dialogar com outras disciplinas?

Qual o papel que a Antropologia exerce na compreensão das questões políticas e ideológicas?

CONTEXTO

Quem é o homem? Compreender a amplitude e relevância dessa pergunta é tirar o véu da inquietude humana sobre sua identidade existencial. É claro que responder a essa questão é próprio de todas as outras ciências, mas só a Antropologia Filosófica pode nos dar uma resposta essencial acerca do ser humano.

Um dos temas em relevância na atualidade é a política de cotas para negros nas universidades. Discutir essa problemática nos remete à necessidade de conhecimento de outras áreas do saber que possibilitam entender as dimensões histórica, social, política e cultural da formação do povo brasileiro.

Segundo pesquisa do DataFolha, publicada no jornal Folha de S. Paulo (jul./06), a aprovação sobre as cotas diminui à medida que aumenta a renda familiar e a escolaridade dos entrevistados. A partir de dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios de 2004), 48% da população brasileira é formada por negros e pardos. Outra constatação é que a situação educacional dos afrodescendentes no Brasil é pior do que a vivenciada pelos negros da África do Sul durante o Apartheid.

A dimensão histórica da formação do povo brasileiro nos possibilita entender o processo de exclusão política, econômica e sociocultural dos negros na estruturação da sociedade.

A interdisciplinaridade se torna uma realidade dentro dos currículos escolares na tentativa de uma compreensão abrangente sobre os processos socioculturais e étnicos.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Compreender a pergunta “quem é o homem?” é uma tarefa a que a Antropologia Filosófica procura responder buscando auxílio nas outras ciências. Esse olhar interdisciplinar é fundamental na busca de compreensão do fenômeno humano. Por isso são apresentados dois textos, um trazendo a visão psicológica sobre o homem, e outro de cunho filosófico, ambos evocando a necessidade desse olhar interdisciplinar.

TEXTO 1 - Visão psicológica

O homem, colocado na visão liberal, é pensado de forma descontextualizada, cabendo a ele a responsabilidade por seu crescimento e por sua psicologia. Um homem que “puxa pelos seus cabelos e sai do pântano por um esforço próprio”. Um homem que é dotado de capacidades e possibilidades que lhe são inerentes, naturais.

O homem é dotado de uma natureza que lhe garante, se desenvolvida adequadamente, ricas e variadas possibilidades. A sociedade é apenas o lócus de desenvolvimento do homem. É vista como algo que contribui ou impede o desenvolvimento dos aspectos naturais do homem. Cabe a cada um o esforço necessário para que a sociedade seja um espaço de incentivo ao seu desenvolvimento. As condições estão dadas, cabe a cada um aproveitá-las (Bock, 1999).

Os psicólogos, ao falarem sobre o fenômeno psicológico, apresentam-no como se estivesse dado no ser humano tal fenômeno. Como se fosse algo da natureza humana, do qual somos dotados desde que nascemos. Não há qualquer preocupação em explicitar a gênese do psiquismo humano, pois este é tomado como algo natural. É impressionante o desinteresse dos psicólogos, apresentado no estudo, pelas relações sociais, pelas formas de produção da sobrevivência, ou pela cultura.

A relação do indivíduo com a sociedade é uma relação praticamente inexistente nas respostas. As relações apontadas como necessárias e importantes para o desenvolvimento do homem dizem respeito, fundamentalmente, às relações com os outros homens. Não são, no entanto, relações situadas no tempo histórico, em condições determinadas de vida, permeadas de significações e linguagens específicas, com condições concretas de trabalho e formas de produção da sobrevivência. Não há a visão de um conjunto de homens compartilhando esses elementos históricos e sendo

determinados por esses elementos. O termo social se refere, assim, apenas à existência de outros homens (Bock, 1999).

Para nos contrapormos a esta perspectiva naturalizante na psicologia, adotamos a perspectiva sócio-histórica e para apresentar sua concepção histórica do ser humano, vamos trazer as contribuições de Leontiev, em especial em seu texto “O homem e a cultura” (Leontiev, 1978, p. 261-84).

UNICAMP. **Visão psicológica do homem.** Disponível em: <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 out. 2006.

TEXTO 2 - Visão filosófico-marxista do homem

Para Marx, portanto, a realidade concreta é a realidade do homem. “As pressuposições com as quais iniciamos são os indivíduos reais.” A filosofia, como Marx a postula – em contraposição a Hegel e em concordância com Feuerbach – é uma filosofia da existência humana. “A raiz do homem é o próprio homem.” Marx denomina sua filosofia por isso mesmo de “humanismo real”. O real primeiro e originário para o homem é o próprio homem. É dele, portanto, que o novo pensar também tem de partir.

Mas o que é o homem? O significativo aqui é que Marx não considera o homem, como o faz Hegel, essencialmente a partir de sua faculdade de conhecer. Ao contrário, trata-se decisivamente da práxis humana, da ação concreta criadora do mundo. “Na práxis, o homem tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade, o poder e a mundanidade de seu pensamento.” “Parte-se do homem real que age.” (MARX, data ep.)

É da essência da práxis humana que ela se realize na relação com o outro. Se Feuerbach queria conceber o homem como indivíduo isolado, Marx ressalta com toda clareza: o homem vive desde sempre em uma sociedade que o supera. “O indivíduo é o ser social.” “O homem, isto é o mundo do homem: Estado, sociedade.” Essa natureza social constitui para Marx o ponto de partida para toda reflexão subsequente. Assim deve-se entender a muito discutida frase: “Não é a consciência do homem que determina seu ser, mas é seu ser social que determina sua consciência”.

Mas, por que meio se constitui a sociedade humana? Marx responde: basicamente, não por meio da consciência comum, mas por meio do trabalho comum. Pois o homem

é originariamente um ser econômico. As relações econômicas e particularmente as forças produtivas a elas subjacentes são a base (ou a “infraestrutura”) de sua existência. Apenas na medida em que essas relações econômicas se modificam, também se desenvolvem os modos da consciência, que representam a “superestrutura ideológica”. Desta superestrutura fazem parte o Estado, as leis, as ideias, a moral, a arte, a religião e similares. Na base econômica reencontram-se também aquelas leis do desenvolvimento histórico, como as que Hegel atribuiu ao espírito. As relações econômicas desdobram-se de modo dialético, mais precisamente, no conflito de classes. Por isso, para Marx, a história é principalmente a história das lutas de classes.

MADJAROF, R. **Visão filosófica do homem.** Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br>>. Acesso em: 25 out. 2006.

FILMOGRAFIA



Titulo:Guerra do Fogo
Gênero: Fantasia - Aventura Duração: 100 min
Origem: EUA Direção: [Jean-Jacques Annaud](#)

SITES

- <http://www.filosofia.pro.br> - Portal Brasileiro da Filosofia: traz textos e opiniões de vários autores relacionados à filosofia, livros, lista de discussão, Blog do filósofo, revista de filosofia, etc.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Reunir um grupo de professores para assistir ao filme em questão (A Guerra do Fogo), analisando-o sob os seguintes aspectos: a evolução do homem nas dimensões comunicação (linguagem), capacidade de organização do grupo, evolução emocional e sexual, primórdios da medicina, mecanismos de defesa, domínio da natureza, capacidade de mudança do meio em que ele vive.
- Trazer uma música que traga a definição de ser humano e uma visão interdisciplinar sobre ele.

REFERÊNCIAS:

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1993.

FROMM, E. **Análise do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MADJAROF, R. **Visão filosófica do homem**. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br>>. Acesso em: 25 out. 2006.

UNICAMP. **Visão psicológica do homem**. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 out. 2006.

UNIDADE IV

ONTOLOGIA**INTRODUÇÃO**

A Ontologia é o território onde se enraízam as mais importantes palavras da ciência dos homens. Este estudo busca, pois, orientar o entendimento dos termos essenciais da Ontologia. Com o propósito de tornar agradável e facilitar a compreensão do que contempla a Ontologia, escolheu-se a divisão em subtemas: ser e ente, essência e existência, e liberdade.

Na Ontologia Clássica, a partir de Parmênides, o “ser é o que é”. Aristóteles, na Metafísica, estuda o ser e procura enunciar as suas causas: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final, que vão apontar o que o ser é.

Noção. — A Ontologia (ou Metafísica Geral) é a ciência do ser e das categorias que o afetam como tal. A noção de ser é a mais alta abstração a que se pode chegar, quando a ciência despoja-se de alguma forma de toda singularidade, de tudo o que distingue e determina.

Objeto. — A Metafísica tem, então, por objeto todos os seres, mas apenas enquanto incluídos no ser e não enquanto são tais ou quais entes determinados. Essa última preocupação cabe às ciências específicas. A Metafísica é, portanto, a Ciência do Universal. Seu objeto é o mais abstrato possível e em sua extensão máxima, uma vez que convém a tudo o que é, ou pode ser, e da mínima compreensão, uma vez que abstrai qualquer nota, ou qualidade particular de todo e qualquer ente.

Divisão. — Pode-se estudar o ser em si mesmo, ou nas suas grandes determinações, ou ainda na relação causa/efeito (JOLIVET, 1990, p. 263).

Embora a Metafísica não seja a preocupação dominante da Filosofia moderna, no contexto, principalmente a partir de Husserl, Heidegger e Sartre, a humanidade volta a questionar-se sobre a essência e a existência, como sua preocupação central.

Segundo o Existencialismo, por exemplo, existir é condição para pensar o ser, e esta é uma faculdade do ser humano. Ser livre é constituir-se a partir de suas próprias escolhas, sem nenhuma essência que o possa predeterminar.

OBJETIVOS

- Oportunizar subsídios para compreensão dos termos essenciais da Ontologia.
- Apontar elementos para interpretar o ser a partir da essência e da existência.
- Apresentar textos de filosofia que possibilitem refletir sobre os conceitos de Ontologia.
- Problematizar os conceitos relacionados à liberdade.

PROFESSORES TUTORES

Clovis Eickenberg

Genildo Luiz Anziliero

Marcos Antonio Paes Silva

Nelson Natalino Frizon

Osmar Antonio Schroh

Valdir de Deus

SER E ENTE

Qual o princípio de todas as coisas?

Ser! Para a vida, ou para a morte?

Existe uma dimensão transcendental do ser?

O uso da razão é condição para dar significado ao ser e ao ente?



FIGURA 1 – GALÁXIA M81 VISTA EM INFRAVERMELHO
FONTE: www.feparana.com.br

CONTEXTO

O desejo de descobrir o princípio de todas as coisas ainda permeia os estudos filosóficos. Teorias foram apresentadas e dúvidas continuam a instigar a curiosidade humana. Perguntas tais como “Qual o princípio de todas as coisas? Ser ou não ser? Como entender a si mesmo? Quais são minhas potencialidades?” raramente constam em nossas indagações. A ideia que prevalece é o viver o presente, aproveitar o máximo porque a vida é curta. Eis a angústia de hoje. Não indagar sobre estas questões é a morte da razão, mas o pior é enterrá-las para que ninguém as descubra e faça perguntas. O saber filosófico é a condição para dar respostas para tais questões.

“Para onde vamos” é a grande pergunta atual. Os grandes temas refletidos estão em relação com a existência e como o Ser influencia na transformação do futuro. A partir disso, a Filosofia é resgatada para refletir, questionar, argumentar e dar um novo sentido para o ser.

TEXTOS PROVOCATIVOS

A seleção de textos a seguir trata do ser e do ente em suas várias manifestações. O ser é substância, algo que exprime o uno e suas determinações. O ser é transcendente: compreende todas as coisas, assim como as contém. O ser não é indeterminado, “ele é”. Não por abstração, mas na configuração dos diversos seres. O ser também é ato e potência: árvore e fruto. O que é, é. O ser apenas é, não pode vir a ser. De todos os entes, apenas o ser humano existe. Ele é o único ente com capacidade de representar todos os entes pela consciência que deles possui.

TEXTO 1 - O sentido do Ser

O Ser se toma em múltiplos sentidos, segundo as distinções que fizemos anteriormente, no Livro das Múltiplas Acepções [livro V da Metafísica]: num sentido, significa isto que a coisa é, a substância, e, em outro sentido, significa uma qualidade, uma quantidade, ou um dos outros predicados deste tipo. Mas, entre todas estas acepções do Ser, é claro que o Ser em sentido primeiro é o “isto é uma coisa”, noção que exprime nada além da substância. (...) É por isso que, para nós também, o objeto principal, primeiro, e por assim dizer único, de nosso estudo deve ser a natureza do Ser tomado nesse sentido (Metafísica).

REZENDE, A. **Curso de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 63.

TEXTO 2 - O Ser é transcendente

O ser não é um gênero. – Poder-se-ia imaginar que sendo os diversos seres espécies de seres, o ser em geral fosse o gênero supremo. Mas isto é impossível. Quando há relação de gênero e espécie, esta acrescenta realmente ao gênero uma nota

que o gênero não continha; racional é uma nota que o conceito de “animal” não contém. Mas ao ser nada se pode acrescentar, porque tudo o que é, é ser. Logo, o ser não é um gênero.

Em outros termos, se todos os seres não fossem mais do que espécies diversas do ser (tomado como gênero supremo), todas as notas que servissem para diversificar o ser estariam necessariamente fora do ser, o que equivale a dizer que – como o nada não pode diversificar – não existe senão um único ser. A variedade dos seres seria apenas uma aparência ilusória. Tal era a teoria de PARMÊNIDES, que precisamente considerava o ser como um gênero.

O ser é um transcendental, ou seja, uma noção que transcende ou ultrapassa todas as categorias do ser e se aplica a tudo o que é ou pode ser, de qualquer forma que seja. Com efeito, cada categoria do ser diz o que é o ser (por exemplo, o ser é substância, qualidade, relação etc.), mas nenhuma o diz adequadamente (o ser é não apenas substância, mas também acidente; não apenas a qualidade, mas a quantidade também é ser etc.). Dir-se-ia, então, que o conceito de ser é imanente a todas as categorias, enquanto que todas são ser, mas transcende a todas, enquanto que, como tal, ele as ultrapasse (...).

AS PROPRIEDADES TRANSCENDENTAIS DO SER

Noções Gerais

As três propriedades transcendentais. – Tudo que existe ou pode existir é uno, verdadeiro e bom. Estas três propriedades acompanham inseparavelmente o ser e são um só com ele. É isto o que exprime o axioma: “o uno, o verdadeiro e o bom são convertíveis com o ser”. Eis por que são chamados transcendentais, enquanto se identificam realmente com o ser, que é transcendente.

Relação do ser e de suas propriedades. – Dissemos que os transcendentais coincidem realmente com o ser. Com efeito, como o ser não é um gênero, não é suscetível de receber um atributo que o determine “de fora” (da mesma forma que a diferença específica vem do exterior ao gênero, que não a compreende). Todas as suas determinações lhe vêm então “de dentro”, por via de explicitação. Neste sentido, as propriedades do uno, do verdadeiro, do bom não acrescentam nada de real ao ser, já que por sua vez elas são do ser. O ser necessariamente as contém. Elas não fazem mais do

que esclarecer os diferentes aspectos do ser: sob este aspecto, não são, tampouco, simples tautologias (...).

AS DIVISÕES DO SER

O ser não existe sob a forma absolutamente indeterminada em que o considera, por abstração, a Metafísica. Apenas os seres, quer dizer, os indivíduos, existem verdadeiramente, sendo todo o resto, não ser absolutamente, mas maneiras de ser dos indivíduos. Ora, esses diversos seres, indivíduos ou não, podem ser grupados por sua vez em grandes categorias que constituem as primeiras divisões ou determinações mais gerais do ser. Essas grandes divisões são as da substância e os diversos acidentes. Além disto, o ser pode por sua vez se dividir, em toda a sua amplitude, em ato e potência. Como esta última divisão é mais geral ainda que a das categorias, por ela é que devemos começar (...).

Potência e Ato

a) As noções de ato e de potência já estão implícitas na distinção de essência e de existência, A essência aparece como o que pode existir, como estando em potência para a existência, e a existência é o que confere à essência o ato de existir, o que faz dela um ser em ato.

b) As noções de ato e de potência também nos são sugeridas pelo fenômeno da transformação. Toda transformação consiste na passagem da potência ao ato. A água se torna vapor ou gelo: ela é, então, vapor em potência e gelo em potência. Tal árvore dá tais frutos: o fruto está então na potência da árvore. Vapor e gelo são os atos diversos da água, como o fruto é o ato da árvore. Vê-se, então, que a potência é a aptidão a tornar-se alguma coisa. Por seu lado, o ato é ou o estado do ser que adquiriu ou recebeu a perfeição para a qual estava em potência, ou o exercício de uma atividade que faz passar um ser da potência ao ato (o ato, neste último sentido, se chama ação ou ato segundo).

JOLIVET, R. **Curso de filosofia**. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990. p. 273.

TEXTO 3 - O Ser e o Não-Ser

O que é verdadeiro precisa estar no presente eterno, dele não pode ser dito “ele era”, “ele será”. O ser não pode vir-a-ser: pois de que ele teria vindo? Do não-ser? Mas o não-ser não é e não pode produzir nada. Do ser? Isto não seria senão produzir-se a si mesmo. O mesmo acontece com o perecer; ele é igualmente impossível, como o vir-a-ser, como toda mutação, como todo aumento, como toda diminuição. É válida em geral a proposição: tudo do que pode ser dito “foi” ou “será”, não é; do ser, entretanto, nunca pode ser dito “não é”. O ser é indivisível, pois onde está a segunda potência que devia dividi-lo? Ele é imóvel, pois para onde ele devia movimentar-se? Ele não pode ser nem infinitamente grande nem infinitamente pequeno, pois ele é acabado e um infinito dado por acabado é uma contradição. Assim limitado, acabado, imóvel, em equilíbrio, em todos os pontos igualmente perfeito como uma esfera, ele paira, mas não em um espaço, pois caso contrário este espaço seria um segundo ser. Mas não podem existir vários seres, pois para separá-los precisaria haver algo que não fosse um ser: o que é uma suposição que se suprime a si mesma. Assim, existe apenas a Unidade eterna.

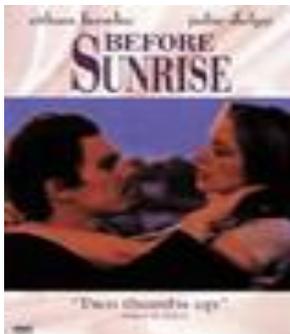
NIETZSCHE, F. **Crítica moderna**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 134. (Os Pensadores)

TEXTO 4 - Ente e existência

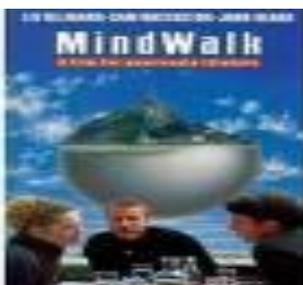
O ente que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. A frase: ‘Somente o homem existe’ de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irrealis e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase: ‘O homem existe’ significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser. A essência existencial do homem é a razão pela qual o homem representa o ente enquanto tal e pode ter consciência do que é representado.

HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 59.

FILMOGRAFIA



Título original: Before Sunrise (Antes do Amanhecer)
 Realizador: Richard Linklater
 Elenco: Ethan Hawke, Julie Delpy, Vernon Dobtcheff, Louise Lemoine Torres, Rodolphe Pauly, Mariane Plasteig.
 Ano: 1995
 Gênero: Drama / Romance
 Duração: 105 minutos
 País de Origem: EUA / Áustria / Suíça



Filme: Ponto de Mutação
 Gênero: Drama
 Duração: 126 minutos
 Direção: Bernt Capra
 Ano de produção: 1990

SITES

- <http://www.filosofiavirtual.pro.br/tempoheidegger.htm> - o autor procura refletir acerca da questão do “sentido do ser”.
- <http://www.fundaj.gov.br/tpd/138.html> - neste *site* a autora do artigo faz uma abordagem muito interessante sobre a hermenêutica da linguagem e liga a discussão com a ontologia do ser.
- <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/thiago/resposta4.htm> - apresenta uma resposta de modo simples sobre o que é o Ser e o Nada (Não-Ser).

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Trabalho de grupo - sugerir aos alunos que elaborem, em grupo, perguntas referentes ao ser e ao ente, para poder aplicar numa entrevista com pessoas de diferentes faixas etárias. Ao final da entrevista, irão apresentar os resultados em sala de aula.
- Atividade de criação - sugerir aos alunos a construção de um epitáfio, dizendo em uma frase quem ele era, de maneira que quem leia tenha uma ideia verdadeira de quem ele foi. Para construir o epitáfio é importante antes elaborar uma sinopse de sua vida.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

JOLIVET, R. **Curso de filosofia**. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

NIETZSCHE, F. **Crítica moderna**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores)

ESSÊNCIA E EXISTÊNCIA

O que é essência? Tudo tem essência?
É possível conhecer a essência? Qual a essência do ser humano?
A essência precede a existência?
Somos seres predeterminados?
A angústia é uma condição do ser?



FIGURA 2 – ESCHERSELF
FONTE – www.paginas.terra.com.br

CONTEXTO

A manifestação do ser humano na forma de individualidade é forte, poderosa. Muito ainda se tem para descobrir e entender o indivíduo como parte desse contexto, as possibilidades de compreensão das coisas dentro das quais realiza essa condição existencial.

A pergunta que podemos fazer no atual contexto em que vivemos é: o que podemos ser, ou no que podemos nos tornar a partir daquilo que vemos, vivenciamos, ouvimos e lemos? Existem influências de toda ordem no ambiente social em que vivemos. Elas podem ser positivas e negativas. Depende do olhar de quem observa, da

compreensão de quem vê e vive a experiência cotidiana. O relativismo dos pontos de vista deve-se, em grande parte, a uma série de vivências individuais que muito dificilmente podem ser comparadas umas às outras.

Uma coisa é existir, “tomar posição diante de”. Segundo Heidegger (1978, p. 59), as coisas não existem: o céu, a terra, a natureza, os seres vivos, com exceção da espécie humana. Coisa bem diferente é ser. O ser é substantivo comum: “...como Tu, Pai, é um em mim...”. Por sua vez, “existir” é ato solitário; é tomar distância e então, estando presente, optar pelo ser, ou não ser.

Ora, nós somos o que pensamos ser ou aquilo que supostamente tivemos a oportunidade de ser? Isto quer dizer: nosso modo de pensar e compreender as coisas do mundo está alicerçado na formação cultural que tivemos, nas experiências que fomos capazes de experimentar, ou ele é o resultado de nossas escolhas arbitrárias num mundo imerso nas imagens vinculadas pelos meios de comunicação?

Conforme Sartre, o existencialismo surge para mostrar que o ser é aquilo que faz. Por isso, ele especifica que, ao contrário das coisas e animais, no homem a existência precede a essência e isso significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo e que só depois se define e passa a ser.

TEXTOS PROVOCATIVOS

A seguir, veremos alguns textos clássicos que tratam sobre a essência e existência na história da filosofia. Existir é uma condição sem a qual não se pode fazer escolhas. O ser humano existe, e por isso se coloca ao nível de co-responsabilidade com os outros seres. A essência do ser humano se define pela sua humanidade. Caso pressuponha uma essência distinta daquilo que ele é, como Deus ou o destino, terá que abdicar de sua condição existencial de fazer escolhas e aceitar o determinismo sobre sua liberdade. Tais textos não esgotam nem finalizam o debate filosófico, que se constitui sempre em indagações atuais.

TEXTO 1 - Essência e existência

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como

diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que chamamos de subjetividade: a subjetividade de que nos acusam. Porém, nada mais queremos dizer senão que a dignidade do homem é maior do que a da pedra ou da mesa. Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entendemos vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Eu quero aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso são manifestações de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo a que chamamos de vontade. Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. A palavra subjetivismo tem dois significados, e os nossos adversários se aproveitaram desse duplo sentido. Subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra de transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo. Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem

tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo em que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia. Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p. 8. (Os Pensadores)

TEXTO 2 - O ente e a essência

Algumas das substâncias são simples, ao passo que outras são compostas, sendo que em ambas existe uma essência. Todavia, nas substâncias simples a essência reside em sentido mais verdadeiro e mais elevado, mesmo porque possuem um ser mais nobre, e, além disso, constituem causas das substâncias compostas. Isto ocorre, pelo menos, com aquela substância primeira e simples por excelência, que se denomina Deus (...).

Tampouco se pode afirmar que a essência significa a relação existente entre a matéria e a forma, ou então algo que se acrescenta às mesmas, visto que isto seria um acidente estranho à coisa, nem se poderia neste caso afirmar que a coisa se conhece pela sua essência. Tudo isto compete à essência: através da forma, que é ato da matéria, a matéria se torna ente em ato e este algo concreto; por conseguinte, o que se lhe

acrescenta não somente dá à matéria o ser simplesmente em ato, mas também o ser atual, assim como ocorre com os acidentes, como, por exemplo, a brancura torna branca uma coisa em ato. Daqui se conclui que, quando tal forma é adquirida, não se diz que ela é gerada pura e simplesmente, mas como que analogicamente ou em sentido menos próprio (...).

Assim, portanto, evidencia-se que a essência do homem é significada tanto pelo termo homem como pelo termo “humanidade”, mas de maneiras diferentes, segundo ficou dito: o termo homem como um todo, isto é, enquanto não subentende a designação da matéria, mas implicitamente a contém e indistintamente, como ficou dito, que o gênero abrange a diferença e por isso o termo homem se predica dos indivíduos. Em contrapartida, o termo “humanidade” designa a essência do homem como parte, englobando em seu significado exclusivamente o que compete ao homem enquanto homem, prescindindo de qualquer designação da matéria, razão pela qual não seria predicável dos homens considerados individualmente. Devido a isto, por vezes este termo essência é predicado da coisa, visto que se afirma que Sócrates tem uma essência determinada, e outras vezes isto é negado, como quando afirmamos que a essência de Sócrates não é Sócrates (...).

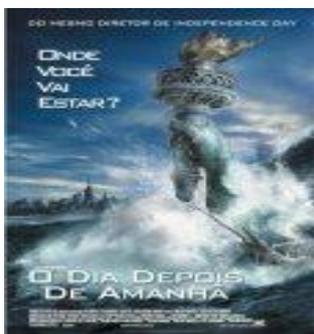
AQUINO, S. T. **O ente e a essência**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p. 6-10. (Os Pensadores)

TEXTO 3 - As origens

O sujeito se descobre existindo ao primeiro confronto com o dado sensível, através de uma íntima manifestação cognitiva, que transcende o ser que se lhe apresenta como sendo aquilo que ele é num mundo objeto. E só consegue dizer da sua existência, porque algo existe que o autoriza conhecer. Uma vez que algo existe, posto que existe, é. E o que é, já que é, outra coisa não pode ser senão real. Sendo o real o que existe, tudo o que existe se confunde na mesma realidade. O real é necessariamente uno.

GERPI. **Das origens e dos fins**. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda., 1983. p. 13.

FILMOGRAFIA



Título original: The Day After Tomorrow (O dia depois de amanhã).

Ano de lançamento (EUA): 2004

Direção: Roland Emmerich

Duração: 124 minutos

Gênero: Ficção Científica

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation



Título original: Nell

Ano de lançamento (EUA): 1994

Direção: Michael Apted

Duração: 115 minutos

Gênero: Drama

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation

SITES

- <http://www.geocities.com/Athens/4539/existencialismo.html>
<http://www.geocities.com/Athens/4539/> - traz os pensadores clássicos.
- <http://afilosofia.no.sapo.pt/referencias.htm> - *site* excelente de busca dos grandes períodos da história da filosofia, dos pensadores, de vários temas transversais da humanidade.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Atividade musical: O Rappa – “Minha Alma”. Ouvir, interpretar e debater.

Perguntas que podem ajudar:

1. O que significa “é pela paz que eu não quero seguir admitindo”?
2. O que significa “alma”, sua essência?

REFERÊNCIAS

AQUINO, S. T. **O ente e a essência**. São Paulo: Nova Cultura, 1998. (Os Pensadores)

GERPI. **Das origens e dos fins**. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda., 1983.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1998. (Os Pensadores)

LIBERDADE

É possível conceituar liberdade?

A liberdade está condicionada à nossa idade, ao momento histórico, ao lugar
em que crescemos e vivemos?

Ser livre é poder fazer o que se quer?

A liberdade é uma conquista do ser humano?

Liberdade, desejos e limites?



FIGURA 3 – A LIBERDADE
FONTE – www.mafaldacrescida.com

CONTEXTO

Deparar-se com o tema “liberdade” é uma questão pertinente ao nosso tempo, bem como uma questão histórica. Podemos fundamentar a liberdade em filósofos distantes de nós no tempo, mas atuais na preocupação que demonstram diante da liberdade.

Uma das grandes conquistas para a humanidade no século XVIII foi a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, onde se ressaltaram as liberdades de expressão, religiosa e filosófica.

Desde os primórdios da existência humana, a história relata guerras, revoluções e constantes lutas para tornar o ser livre. O ser busca infinitamente a liberdade. Entender o que é liberdade passa pelo entendimento dos limites que ela apresenta. Expressar a falta de liberdade é mais fácil do que conceituá-la.

A liberdade define-se pela capacidade que o ser humano possui de fazer suas próprias escolhas, desde que se responsabilize por elas e saiba medir suas possíveis consequências.

A liberdade também pode ser compreendida como um critério de escolha individual que parte do momento que o indivíduo está vivenciando, ou seja, de sua idade, dos desdobramentos do seu contexto histórico e da formação educacional que recebeu no decorrer de sua existência. Todos estes elos fazem parte de uma corrente que conduz aos labirintos da liberdade.

No entanto, liberdade não é fazer o que se quer ou o que “dá na telha”. Se assim fosse, não se viveria a liberdade, mas a libertinagem, onde ninguém seria responsável pelas suas escolhas pessoais e muito menos pelas consequências de seus atos. Uma liberdade que se fundamenta no fazer o que se deseja comprometeria os rumos da própria liberdade, isto é, os resultados de convicções pessoais que podem traduzir-se em ideologias perigosas para a humanidade.



FIGURA 4 – DE OLHO NA LIBERDADE
FONTE – www.girafamania.com.br

TEXTOS PROVOCATIVOS

A seguir, dois textos são apresentados para nortear as discussões, sem a preocupação de responder a questões ou angústias humanas acerca do que é a liberdade. No texto 1, cujo comentário discute o pensamento de Sartre, nota-se que este pensador exclui qualquer tipo de determinismo ou condicionamento do ser no mundo; assim não haveria liberdade. Para reforçar o debate, o texto 2 convida a perceber o homem como responsável por tudo que faz ou deixa de fazer.

TEXTO 1 - A liberdade em Sartre

O tema da liberdade é o núcleo central do pensamento sartriano e como que resume toda a sua doutrina. Sua tese é insólita: a liberdade é absoluta ou não existe. Sartre recusa todo determinismo e mesmo qualquer forma de condicionamento. Assim, ele recusa Deus e inverte a tese de Lutero; para este, a liberdade não existe justamente porque Deus tudo sabe e tudo prevê. Mas como Deus não existe, a liberdade é absoluta. E recusa também o determinismo materialista: se tudo se reduzisse à matéria, não haveria consciência e não haveria liberdade. Qual é, então, o fundamento da liberdade? É o nada, o indeterminismo absoluto. Agora entende-se melhor a má-fé: a tendência a ser termina sendo a negação da liberdade. Se o fundamento da consciência é o nada, nenhum ser consegue ser princípio de explicação do comportamento humano. Não há nenhum tipo de essência – divina, biológica, psicológica e social – que anteceda e possa justificar o ato livre. É o próprio ato que tudo justifica. Por exemplo: de certo modo, eu escolho inclusive o meu nascimento. Por quê? Se eu me explicasse a partir de meu nascimento, de uma certa constituição psicossomática, eu seria apenas uma sucessão de objetos. Mas o homem não é objeto, ele é sujeito. Isso significa que, aqui e agora, a cada instante, é a minha consciência que está escolhendo para mim aquilo que meu nascimento foi. O modo como sou meu nascimento é eternamente mediado pela consciência, ou seja, pelo nada. A falsificação da liberdade, ou a má-fé, reside precisamente na invenção dos determinismos de toda espécie, que põem no lugar do nada o ser.

REZENDE, A. **Curso de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 199.

TEXTO 2 - Liberdade e responsabilidade

O termo responsabilidade pode ser sinônimo de cumprimento de dever. Assim, é responsável quem cumpre seus deveres. Em filosofia, responsabilidade constitui a consequência necessária – o corolário – da liberdade. O ato livre é necessariamente um ato pelo qual se deve responder. Porque sou livre, tenho que assumir as consequências de minhas ações e omissões. Os animais irracionais, por não serem livres, não são responsáveis pelo que fazem ou deixam de fazer. Ninguém pode condenar o cavalo que lhe deu um coice. Só o homem comete crime e só ele pode ser julgado.

O homem, racional e livre, tanto constrói como destrói; tanto ergue escolas, hospitais e catedrais, como inventa bombas capazes de destruir o planeta; tanto ama, como odeia; tanto salva como mata. Às vezes, o mesmo homem salva com uma mão e mata com a outra.

Não há como não se espantar diante do incrível poder que a liberdade confere ao homem: para o bem e para o mal. Mas basta observar nossas cidades, com seus miseráveis à mostra, com seus mutilados e mortos no trânsito, com seus desempregados, com seus menores abandonados e prostituídos, para concluir que temos usado a liberdade mais para o mal que para o bem. Uma olhada nos livros de história nos revela quantas guerras, quantas atrocidades foram cometidas pelo homem racional e livre.

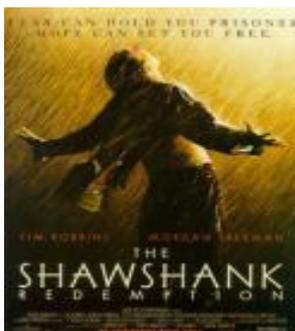
O homem tem usado tão mal a liberdade que às vezes somos tentados a indagar: vale a pena ser livre? A pergunta é filosófica. Cada um terá razões a favor ou contra a liberdade.

CORREA, A. A. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2003. p. 54.

FILMOGRAFIA



Filme: Imensidão azul
 Título original: Big Blue
 País: EUA
 Gênero: Ação/Aventura
 Diretor: Luc Besson
 Ano: 1988



Título original: The Shawshank Redemption (Um Sonho de Liberdade)
 Gênero: Drama
 Duração: 142 minutos
 Ano de lançamento (EUA): 1994
 Distribuição: Columbia Pictures
 Direção: Frank Darabont

SITES

- <http://www.todos-os-sentidos.com.br/sexta-sentido/osho/osho1.html> - o *site* traz um artigo sobre liberdade, abordando alguns momentos históricos.
- <http://pensamentos.com.sapo.pt/liberdade.htm> - apresenta frases e pensamentos sobre liberdade.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Atividade teatral - sugerir que os alunos desenvolvam uma peça de teatro tratando do tema liberdade sob diferentes perspectivas.

REFERÊNCIAS

CORREA, A. A. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2003.

REZENDE, A. **Curso de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

UNIDADE V

EPISTEMOLOGIA E LINGUAGEM**INTRODUÇÃO**

A Epistemologia, também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da Filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento. Entre as questões principais que ela tenta responder estão as seguintes: O que é o conhecimento? Como é alcançado? Pode-se conseguir meios para defendê-lo contra o desafio cético? Essas questões são, implicitamente, tão velhas quanto a Filosofia, embora seu primeiro tratamento explícito seja o encontrado em Platão (427-347 a.C.). Na era moderna, a partir do século XVII em diante – como resultado do trabalho de Descartes (1596-1650) e Locke (1632-1704) em associação com a emergência da ciência moderna –, a Epistemologia passou a ocupar um plano central na Filosofia.

A linguagem sem conhecimento induz à estagnação da razão. Pois, em cada momento histórico, de conformidade com as mudanças culturais, ela responde de maneiras diferentes, sendo percebida como molde, algo que o constitui e o institui sob a designação de “senso comum”.

A linguagem é um dos principais instrumentos criados pelo homem para conhecer e compreender o mundo. Quando não desenvolve e não enriquece sua linguagem, o homem torna-se incapaz desse conhecimento e dessa compreensão. Isso limita sua ação e sua possibilidade de decisão sobre sua vida e o mundo que o cerca. Como o homem é um ser que fala, a palavra humaniza-o, fornecendo a senha de entrada para o mundo humano. A palavra possibilita ao homem expressar-se e diferenciar-se.

A unidade temática geral “Epistemologia e linguagem” será apresentada em três temas. No primeiro, aborda-se a Epistemologia, enfatizando questões decorrentes sobre o conhecimento e a verdade. No segundo momento, é feita uma abordagem da linguagem e suas diversas relações com o pensamento e o cotidiano. A terceira temática procurará enfatizar a relação dialética entre a linguagem e o conhecimento, bem como os reflexos dessa relação na atualidade.

OBJETIVOS

- Conceituar a linguagem no processo de construção do conhecimento.
- Apresentar elementos para identificar a linguagem como um sistema de sinais ou signos que formam a totalidade linguística de um objeto ou realidade.
- Apontar as diferentes formas de compreensão da realidade.
- Contextualizar a relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível.
- Entender a Epistemologia como instrumento para pensar a questão da verdade.

PROFESSORES TUTORES

Antonio Junior Ranghetti

Giovani da Silva Silveira

João Gabriel Rempel

Job Maximiano de Campos Junior

Sára Jâne da Silva

EPISTEMOLOGIA

A vontade de conhecer é inerente ao ser humano? Qual o papel do sujeito na busca do conhecimento verdadeiro? É possível ter conhecimento não verdadeiro?

Quais são os critérios de conhecimento, se porventura existem?

Qual a extensão do conhecimento? O conhecimento tem limites?

O que é mais importante no processo do conhecimento: a atitude de perguntar ou as prováveis respostas encontradas?

Se para cada pergunta houver mais de uma resposta, como saber qual é verdadeira e qual é falsa?

Podemos ter um conhecimento exato do mundo que nos cerca?

O homem, através de suas sensações, representações mentais e conceitos, é capaz de conhecer corretamente a realidade circundante?

CONTEXTO

O homem em toda sua existência histórica busca compreender sua real presença no mundo. A Filosofia, em suas origens, apresenta-se como um pensamento de grandes interrogações e fonte de muitas pesquisas que remetem à compreensão do pensamento humano, sua diversidade e a relação desse conhecimento com a realidade.

A teoria do conhecimento apresenta algumas considerações na formulação epistemológica: a origem do conhecimento; o lugar da experiência e da razão na gênese do conhecimento; a relação entre o conhecimento e a certeza, e entre o conhecimento e a impossibilidade do erro; a possibilidade do ceticismo universal; e as formas do conhecimento que emergem das novas conceitualizações do mundo. Todos esses tópicos estão intrinsecamente relacionados com os grandes temas da Filosofia discutidos pela Epistemologia.

Nossa forma de pensar condiciona nossa forma de conhecer, entender e nos relacionarmos com o mundo. Portanto, compreender como pensam os homens e por que pensam dessa forma é uma maneira de conhecer a si mesmo. Surge, então, o problema de definir o conhecimento em termos de uma relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível.

TEXTOS PROVOCATIVOS

A seguir apresentam-se alguns textos retirados de obras clássicas da Filosofia. No primeiro texto, Platão salienta que o indivíduo não pode conhecer tudo, por ultrapassar sua capacidade. No segundo, Aristóteles argumenta sobre a definição do conhecimento pela linguagem. E no terceiro, abordam-se as ideias de Kant em relação ao conhecimento humano a partir da experiência, do primeiro contato com o objeto.

TEXTO 1 - Platão

Glauco – Tens toda razão: ao pensamento: compete esclarecer os termos.

Sócrates – Meu parecer é que continuemos, como antes, chamando ciência ao primeiro e mais perfeito modo de conhecer; conhecimento razoável ao segundo; fé, ao terceiro; conjectura, ao quarto, compreendendo os dois últimos sob o nome de inteligência; de sorte que o que nasce seja objeto da opinião e o que é seja objeto da inteligência. Deixemos por ora, amado Glauco, o modo de dividir em duas espécies o gênero dos objetos que caem sob a alçada da opinião e dos que pertence à inteligência, para não nos envolvermos em discussões mais amplas que as de que acabamos de sair.

Glauco – Faze como te aprouver, que eu, por mim, te seguirei quanto possível.

Sócrates – Não chamas dialético aos que dão a razão da essência de cada coisa? E do homem que não pode dar a si mesmo nem aos outros a razão das coisas, não dirás que não tem a inteligência delas?

Glauco – Como poderia dizer que tem?

Sócrates – Discorramos do mesmo modo em relação ao bem. De um homem que com o entendimento não podem separar de todas as outras a ideia do bem, nem dele dar definição exata; nem, depois de haver percorrido, de fileira em fileira, as diferentes ordens de ideias, como um exercício estendido em linha de batalha, reconhece esta ideia entre todas as demais, não segundo a opinião, mas segundo a realidade, procedendo neste exame com razão segura e incontestável.

PLATÃO. **A República**. Bauru: Edipro, 1994. p. 289.

TEXTO 2 - Aristóteles

Devemos dizer agora o que sejam “definição”, “propriedade”, “gênero” e “acidente”. Uma definição é uma frase que significa a essência de uma coisa. Apresenta-se ou sob a forma de uma frase em lugar de um termo, ou de uma frase em lugar de outra frase; pois às vezes também é possível definir o significado de uma frase. Aqueles cuja explicação consiste apenas num termo, por mais que façam, não conseguem dar a definição da coisa em apreço, porque uma definição é sempre certo tipo de frase. Pode-se, contudo, aplicar o qualificativo “definitório” a uma observação como “o ‘decoroso’ é ‘belo’”, bem assim como à pergunta: “são a mesma coisa ou coisas distintas o conhecimento e a sensação?”, pois os debates a respeito de definições se ocupam as mais das vezes com questões de identidade e diferença. Em suma, podemos chamar “definitório” tudo aquilo que pertença ao mesmo ramo de pesquisa que as definições; e que todos os exemplos mencionados acima possuem esse caráter é evidente à primeira vista. Porque, se estamos em condições de afirmar que duas coisas são idênticas ou diferentes, estamos munidos, pela mesma forma de argumento, de linhas de ataque no que se refere às suas definições: com efeito, quando houvermos mostrado que elas não são idênticas, teremos demolido a definição. Note-se, porém, que o contrário desta última afirmação não é válido, porquanto mostrar que as coisas são idênticas não basta para estabelecer uma definição. Demonstrar, por outro lado, que não são idênticas é suficiente para lançá-la por terra.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 7.

TEXTO 3 - Kant

Que todo o nosso conhecimento começa com a experiência, não há dúvida alguma. Pois, do contrário, por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si próprias representações, em parte põem em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assimilar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos

objetos que se chama experiência? Segundo o tempo, portanto, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ele começa com ela.

Mas embora todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente da experiência. Pois poderia bem acontecer que mesmo o nosso conhecimento de experiência seja um composto daquilo que recebemos por impressões e daquilo que a nossa própria faculdade de conhecimento (apenas provocada por impressões sensíveis) fornece de si mesma, cujo adiantamento não distingue daquela matéria-prima antes que um longo exercício nos tenha tornado atentos a ele e nos tenha tornado aptos à sua abstração.

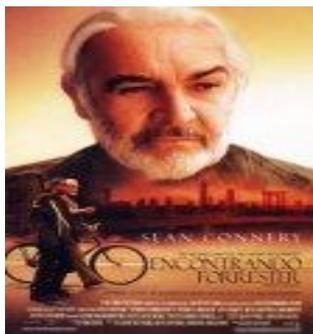
Portanto, é pelo menos uma questão que requer uma investigação mais pormenorizada e que não pode ser logo despachada devido aos ares que ostenta, a saber se não há tal conhecimento independente da experiência e mesmo de todas as expressões dos sentidos. Tais conhecimentos denominam-se *a priori*, ou seja, na experiência.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 53 (Os Pensadores)

SITES

- www.nundodosfilosofos.com.br – neste endereço eletrônico, você irá encontrar obras filosóficas onde estão caracterizados alguns filósofos, seus trabalhos e publicação de artigos referentes ao assunto.
- www.consciência.com.br – neste, você terá acesso a livros de Filosofia com o respectivo assunto.
- www.filosofos.com.br - aqui você terá o conceito de Epistemologia, temas, propostas, pensadores e outros.

FILMOGRAFIA



Título original: Finding Forrester (Encontrando Forrester)
 País: Estados Unidos
 Direção: Gus Van Sant
 Duração: 135 minutos
 Gênero: Drama
 Distribuição: Columbia Pictures / Sony Pictures Entertainment
 Ano: 2000



Título original: Lorenzo's Oil (O Óleo de Lorenzo)
 País: Estados Unidos
 Direção: George Miller
 Duração: 135 minutos
 Gênero: Drama
 Distribuição: Universal Pictures / UIP
 Ano: 1992

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Para refletir - reflita com os alunos em sala de aula, levando em conta que o pensamento é uma atividade da consciência através da qual elaboramos ideias, conceitos, raciocínios, juízos e valores. Fazemos isso relacionando as informações que nos vêm da percepção (*dos sentidos*), da imaginação, da memória, das imagens, das palavras, das lembranças e das ideias anteriores.
- Depois da reflexão, responder às seguintes questões, levando em consideração a opinião dos alunos em sala de aula:

Como você sabe que está pensando?

Você pensa por imagens, por palavras ou por símbolos?

De onde vem a capacidade humana de pensar?

Será que somos os únicos seres com essa capacidade? Qual a sua opinião sobre essa questão?

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Tópicos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
 KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
 PLATÃO. **A República**. Bauru: Edipro, 1994.

LINGUAGEM

A linguagem é anterior ao pensamento? Ou o pensamento é anterior à linguagem?

A linguagem é inata, ou sociointeracionista?

Em que medida a linguagem influencia o pensamento e vice-versa; e em quais perspectivas a linguagem limita a extensão na qual o Homem poderá pensar?

É possível haver pensamento sem linguagem? O quanto a linguagem influencia o conhecimento do mundo? É possível raciocinar sem linguagem?

Diante de uma pluralidade étnica, cultural, tecnológica, é possível pensar numa linguagem universal?

CONTEXTO

A Filosofia, em relação à linguagem, busca esclarecer a essência e a natureza de alguns fenômenos. Trata-se de um ponto de vista da natureza dos significados, do uso da linguagem no processo de humanização, de criatividade e compreensão do mundo com uma diversidade cultural, diante da realidade em que se está inserido. Os filósofos da linguagem não se ocupam muito com significados de palavras ou frases individuais, mas sim com o modo de usá-las numa sociedade em constante transformação onde cada ramo ou cada campo tem sua linguagem específica de acordo com sua funcionalidade.

A investigação filosófica da linguagem pode ser encontrada já nos textos de Platão e Aristóteles. Em uma de suas obras, Platão trata de questões relativas à relação entre os nomes e as coisas que eles designam. Tal relação é natural ou convencional? No final do diálogo, ele admite que convenções sociais estão envolvidas na fixação dos nomes às coisas e que há problemas nas ideias e nos seus significados naturais. É também responsável pela explicação da possibilidade do discurso sobre a falsidade e o não-ser.

Portanto, segundo Saussure, a linguagem é uniforme e heteróclita, isto é, ela tem sua forma psíquica, um domínio individual e social. A fala também é um ato individual de vontade e inteligência; é uma combinação de códigos que cada grupo formula para chegar ao entendimento, ou seja, um mecanismo psicofísico, o que ele lhe confere uma importância pela “criatividade”.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Durante muito tempo a Filosofia preocupou-se em definir a origem e as causas da linguagem. Essa discussão levou séculos de formulações e reformulações teóricas.

No primeiro texto, o filósofo Leibniz, da Idade Moderna, apresenta a linguagem como uma das formas de interação do indivíduo com seu contexto. No segundo, Rousseau enfatiza a necessidade da pluralidade de ideias para produzir conhecimento. No terceiro, Wittgenstein argumenta que, entre o pensar e o objeto pensado, não pode haver diferença, porque através do pensamento você organiza a realidade.

TEXTO 1 - Leibniz

Filaleto – tendo criado o homem para ser uma criatura sociável, Deus não só lhe inspirou o desejo e o colocou na necessidade de viver com os de sua espécie, mas outorgou-lhe igualmente a faculdade de falar, faculdade que deveria constituir o grande instrumento e o laço comum desta sociedade. É daí que provêm as palavras, as quais servem para representar, e até para explicar as ideias.

LEIBNIZ. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 9.

TEXTO 2 - Rousseau

A reflexão nasce das ideias comparadas, a pluralidade dessas ideias é que leva à comparação. Quem vê um único objeto não pode fazer comparações. Quem vê somente um pequeno número de objetos e, desde a infância, sempre os mesmos, também não os compara, porque o hábito de vê-los impede a atenção necessária para examiná-los. À medida, porém, que nos impressiona um objeto novo, queremos conhecê-lo e procuramos relações entre ele e os que já conhecemos. Assim aprendemos a conhecer o que está sob nossos olhos e somos levados, pelo que nos é estranho, a examinar aquilo que nos interessa.

Aplicai essa ideia aos primeiros homens e encontrareis os motivos de sua barbárie. Sempre vendo tão-só o que estava à sua volta, nem mesmo isso conheciam, nem sequer conheciam a si próprios. Tinham a ideia de um pai, de um filho, de um irmão, porém não a de um homem.

ROUSSEAU. **Ensaio sobre a origem das línguas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.175. (Os Pensadores)

TEXTO 3 - Wittgenstein

O pensamento, a linguagem aparecem-nos como o único correlato, a única imagem do mundo. Os conceitos: proposição, linguagem, pensamento, mundo, estão uns após os outros numa série, cada um equivalendo ao outro (mas para que são usadas essas palavras? Falta o jogo da linguagem no qual devem ser empregados).

O pensamento está rodeado de um nimbo – sua essência, a lógica, representa uma ordem, e na verdade a ordem *a priori* do mundo, isto é, a ordem das possibilidades que devem ser comum ao mundo e ao pensamento. Esta ordem, porém, ao que parece, deve ser altamente simples. Esta, antes de toda experiência, deve se estender através da totalidade da experiência, nenhuma perturbação e nenhuma incerteza empírica devem afetá-la. De ser do mais puro cristal, porém, não aparece como abstração, mas como alguma coisa concreta, e mesmo como a mais concreta, como a mais dura.

WITTGENSTEIN. **Investigação filosófica**. São Paulo: Nova Cultural. 1999. p. 62. (Os Pensadores)

SITES

- www.ifl.pt - neste *site* você terá acesso a textos e uma abordagem mais profunda sobre a filosofia da linguagem.
- pt.wikipedia.org/wiki/filosofiadalinguagem - apresenta textos, filósofos, temas para debate até indicação de filme sobre a linguagem.

FILMOGRAFIA



Título original: At First Sight (À primeira vista)

País: Estados Unidos

Direção: Irwin Winkler

Duração: 129 minutos

Gênero: Romance

Distribuidora: MGM/ UIP

Ano: 1999



Título original: A Beautiful Mind (Uma mente brilhante)
País: Estados Unidos
Direção: Ron Howard
Duração: 134 minutos
Gênero: Drama/Romance
Distribuição: DreamWorks Distribution L.L.C. / Universal Pictures / UIP
Ano: 2001

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Converse com várias pessoas de diversas idades, procurando descobrir diferentes expressões de linguagem que eram usadas em outros tempos e em outros lugares. Elabore uma lista com as expressões e seus significados. Ex: O que nossa maneira de falar pode revelar sobre nós? Quais as outras formas de linguagem usadas pelas pessoas para comunicar suas ideias?
- Trabalho em grupo - estimule o estudante à montagem de um painel, representando as diferentes linguagens criadas pelo homem para expressar suas ideias e crenças como: gestos, expressões, imagem, música e outros.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Tópicos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **A República**. Bauru: Edipro, 1994.

RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE A LINGUAGEM E A EPISTEMOLOGIA

Como pensar a linguagem do ponto de vista do sujeito e da consciência, ou do ponto de vista da comunicação e das práticas sociais em que está inserido?

Será possível algum dia despir a linguagem de suas ambiguidades naturais?

Qual é a relação entre a linguagem virtual e a real? É possível uma linguagem virtual universal?

Como produzir conhecimento verdadeiro a partir da inter-relação entre linguagem real e linguagem virtual?

Em tempos de globalização, em que se preconiza o fim da história, das utopias e dos grandes paradigmas epistemológicos, ainda faz sentido propor uma abordagem marxista da linguagem?

CONTEXTO

A universalização do acesso aos meios de comunicação de massa, em especial às novas tecnologias, traz consigo uma nova relação entre o sujeito e o objeto no desenvolvimento da linguagem e na produção de conhecimento. Este processo está tão presente nas novas gerações que o domínio dessa linguagem sugere uma atualização constante dos signos e significados que são construídos na relação sujeito e objeto.

O monismo materialista concebe a realidade como um complexo constituído e formado pela estrutura econômica e, portanto, por um conjunto de relações sociais que os homens estabelecem na produção, e o relacionamento com os meios de produção constitui a base de uma teoria crítica da linguagem. Tal teoria se apresenta, então, como crítica das teorias lógico-formalistas da linguagem e como uma tentativa de apreensão do fenômeno linguístico como parte da totalidade social.

Assim, “toda investigação supõe um projeto, um corpo teórico que lhe dá forma, orientação e significado” (LIMOEIRO, 1976, p. 86).

TEXTOS PROVOCATIVOS

Nas relações da sociedade, onde o indivíduo reage coletivamente conforme as diversidades, estão inerentes as suas atitudes diante da linguagem por si produzidas. Uma vez que estamos inseridos nessa diversidade, comumente procuramos agir de acordo com as ideias mais acessíveis.

Através da dialética, podemos renovar nossas buscas na idealização do conhecimento. A linguagem tem sua autodefesa, mas acaba sempre como Babel, pois os diversos tipos de linguagens e, conseqüentemente, o conhecimento são tão amplos e complexos que o Homem acaba sendo ludibriado por uma ideia que não vem ao encontro do processo histórico por ele almejado.

No primeiro texto, o filósofo Saussure F. questiona o papel característico da linguagem. No segundo, Ramonet, também filósofo da linguagem, questiona a mídia e sua influência na formação da linguagem. E no terceiro, Vygotsky compreende a fala como fenômeno linguístico.

TEXTO 1 - Saussure

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão de ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois, nem materialização de pensamento, e nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato de certo modo misterioso, de o “pensamento-som” implicar divisões e de a língua elaborar unidades constituindo-se entre duas massas amorfas.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cutrix, 1974. p. 131.

TEXTO 2 - Ramonet

MIMETISMO MIDIÁTICO

Chega-se, portanto, ao ponto de imaginar, na era da informação visual, que só uma guerra real pode salvar da pressão informacional. Uma era em que dois parâmetros exercem uma influência determinante sobre a informação: o mimetismo midiático e a

hiperemoção. O mimetismo é aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (confundindo todos os suportes), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja qual for) sob pretexto de que os outros meios de comunicação – e principalmente a mídia de referência – lhe atribuíam uma grande importância. Esta imitação delirante, levada ao extremo, provoca um efeito bola-de-neve e funciona como uma espécie de autointoxicação: quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital, e que é preciso dar-lhe ainda mais cobertura, consagrando-lhe mais tempo, mais recursos, mais jornalistas. Assim os diferentes meios de comunicação se autoestimulam, superexcitam uns aos outros, multiplicam cada vez mais as ofertas e se deixam arrastar para a superinformação numa espécie de espiral vertiginosa, inebriante, até a náusea. Tudo isto é, por cúmulo, agravado pelo fenômeno da Internet. A Internet – constata o professor Daniel Bounoux – não é um poder editorial, mas um instrumento de contágio mimético que culminou hoje no linchamento midiático de Bill Clinton, naquela tentativa de assassinato audiovisual.

RAMONET, I. **A Tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 8.

TEXTO 3 - Vygotsky

O significado de uma palavra representa uma amálgama tão estreita de pensamento e linguagem que é difícil dizer se trata de um fenômeno de pensamento, ou se trata de um fenômeno de linguagem. Uma palavra sem significado é um som vazio; portanto, o significado é um critério da palavra e um seu componente indispensável.

Pareceria, portanto, que poderia ser encarado como um fenômeno linguístico. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização, um conceito. E, como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos encarar o significado como um fenômeno do pensar. No entanto, daqui não se segue que o pensamento pertença a duas esferas diferentes de vida psíquica.

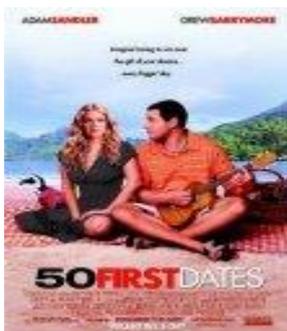
O significado das palavras só é um fenômeno do pensamento na medida em que é encarado pela fala e só é um fenômeno linguístico na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por este é iluminado. É um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante – uma visão do pensamento e linguagem.

VYGOTSKY. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 104.

SITES

- <http://br.geocities.com/mcrost02/> - apresenta acervo bibliográfico referente à Dialética.
- [Filosofia virtual.pro.br](http://filosofia.virtual.pro.br) - apresenta livros, dicionários, links, textos filosóficos.

FILMOGRAFIA



Título original: 50 First Dates
 País: Estados Unidos
 Direção: Peter Segal
 Duração: 106 minutos
 Gênero: Comédia Romântica
 Distribuidora: Columbia Pictures/ Sony Pictures Entertainment
 Ano: 2004



Título original: Dragonfly (O Mistério da Libélula)
 País: Estados Unidos
 Direção: Tom Shadvac
 Duração: 90 minutos
 Gênero: Suspense
 Distribuição: Universal Pictures / Buena Vista International
 Ano: 2002

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Proponha a leitura destes trechos:

À parte a questão da honra, senhores, não me parece justo pedir e obter dos juízes minha absolvição, em vez de informá-los e convencê-los.

.....

Pode alguém perguntar: “Mas não serás capaz, ó Sócrates, de nos deixar e viver calado e quieto?” De nada eu convenceria alguns dentre vós mais dificilmente do que disso. Se vos disser que assim desobedeceria ao deus e, por isso,

impossível é a vida quieta, não me dareis fé, pensando que é ironia; doutro lado, se vos disser que para o homem nenhum bem supera o discorrer cada dia sobre a virtude e outros temas de que me ouvistes praticar quando examinava a mim mesmo e a outros, e que vida sem exame não é digna de um ser humano, acreditareis ainda menos em minhas palavras. Digo a pura verdade, senhores, mas convencer-vos dela não me é fácil. Acresce que não estou habituado a julgar-me merecedor de mal nenhum.

.....

Perdi-me por falta, não de discursos, mas de atrevimento e descaro, por me recusar a proferir o que mais gostais de ouvir, lamentos e gemidos, fazendo e dizendo uma multidão de coisas que declaro indignas de mim, tais como costumais ouvir dos outros. [...] Quer no tribunal, quer na guerra, não devo eu, não deve ninguém lançar mão de todo e qualquer recurso para escapar à morte.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. (35c-38e). São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 26-31.

Com base na leitura desses trechos e em outras informações presentes nesta obra de Platão, proponha aos estudantes a redação de um texto sobre o caminho escolhido por Sócrates para a elaboração de sua defesa (Vestibular UFMG/2003).

- Numa ação interdisciplinar, com base no filme “Óleo de Lorenzo”, promova uma discussão sobre as prováveis dificuldades no enfrentamento com as diferenças; se possível promova um fórum de discussões.
- Debate - organize um debate sobre as diferentes formas, fontes e origens do conhecimento. Se possível encaixe as discussões no fórum para que todos tenham acesso às ideias.

REFERÊNCIAS

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

RAMONET, I. **A tirania da comunicação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

UNIDADE VI

LÓGICA E INFORMAÇÃO**INTRODUÇÃO**

Através desta área de conhecimento filosófico, pretende-se reconhecer as diferentes operações do nosso espírito (apreensão, juízo e raciocínio) que permitem a coerência no pensar.

Identificam-se outros elementos da lógica, porém optou-se pela lógica formal, a fim de tratar das regras de organização do pensar coerente, sendo que isto também contribui para o estudo das outras áreas de conhecimento. Elaboram-se, portanto, subsídios para orientar a prática do pensar lógico no espaço escolar.

Enfim, a lógica formal estabelece as formas corretas das operações intelectuais, assegurando o acordo do pensamento consigo mesmo, no sentido de orientar também a estruturação do próprio pensar, justificando, dessa forma, as suas operações.

OBJETIVOS

- Apresentar informações que orientem a compreensão da lógica aristotélica.
- Reconhecer elementos que permitam entender a estruturação dos juízos.
- Possibilitar o reconhecimento dos diferentes tipos de raciocínio.

PROFESSORES TUTORES

Eder Luis da Silva Duarte

Claudecir dos Santos

Giovani Vegini

Viane Luis Hammersmitt

Vilmar da Silva

CONCEITO

Você acredita em tudo aquilo que percebe?

Você já percebeu que as pessoas acreditam em coisas que não têm lógica?

Existe coerência lógica entre o que você pensa e o que você faz?

CONTEXTO

Quando nos lançamos ao estudo da lógica, costumeiramente procuramos tentar entender e esclarecer alguns de seus fundamentos. Partindo da origem grega do termo, que significa “ciência do raciocínio”, veremos que tal significado nos remete à ideia de que, para evitarmos conclusões apressadas, assim como informações equivocadas, fragmentadas ou preconceituosas, precisa-se, antes de qualquer coisa, perceber aquilo que se está sentindo.

O exemplo que segue apresenta as seguintes informações: “Violência levou 300 mil iraquianos a fugir do país, diz governo” (BBCBRASIL, 2006). Ainda no mesmo endereço, encontramos: “Bush admite comparação de Iraque com Vietnã” (idem). Mesmo assim, o presidente garantiu que as tropas americanas permanecerão no Iraque. “O inimigo, disse Bush, define sucesso ou fracasso pelo número de mortes. Nós definimos sucesso ou fracasso pelo fato da democracia estar crescendo, ou não, no coração do oriente médio. Tirar as tropas de lá seria equivalente a se render” (ibidem).

A sequência de notícias, quando comparadas, mostra-se contraditória se levarmos em consideração a ideia de democracia ligada ao fato da comparação feita por Bush e a fuga de iraquianos do país. No entanto, quando as informações chegam às pessoas pretende-se formar opiniões prontas, acabadas, definidas.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Lógica é o conhecimento das formas e regras do pensamento correto e verdadeiro, independentemente dos conteúdos pensados. “Qualifica-se de lógico um raciocínio, um argumento etc., quando ele pode ser justificado, quando, digamos, ele é razoável” (LUNGARZO, 1995, p. 14). Ela tem por objetivo a demonstração da verdade, enquanto trata das operações mentais que orientam a coerência e a veracidade no pensar, fim último da inteligência.

A lógica formal, opção desta temática, ocupa-se dos aspectos mais formais do conhecimento, que ocorrem na sua intencionalidade, propriedades (evidência, verdade e certeza) e operações mentais, “sem se preocupar com o conteúdo pensado ou objetos referidos pelo pensamento, mas apenas com a forma pura e geral dos pensamentos expressos por meio da linguagem” (CHAUÍ, 2004, p. 108).

A partir desta compreensão selecionaram-se dois textos que enfatizam o conceito lógico. O primeiro texto, de Lungarzo, esclarece, na concepção de Aristóteles, o que seria a lógica. Já no segundo texto, de Abbagnano, além da etimologia da palavra, pode-se observar a distinção entre os discursos feitos por Aristóteles e o ensino da lógica nos fins da Idade Antiga e na Idade Média.

TEXTO 1 - O que é Lógica

Para Aristóteles, a lógica não parece ser uma ciência. Antes de tudo, ela é um instrumento, uma ferramenta, método para as ciências. Seria, digamos, um caminho para raciocinar corretamente. Em sua lógica, considera os tópicos que estuda como incluídos na metodologia das ciências. De fato, a lógica é uma ferramenta ou, como passou a ser chamada depois de sua obra, um *Organon* para as ciências. Assim, a lógica precede as ciências, aparece antes, é prioritária.

Para lidar com esse assunto, vamos explicar o que se entende por dedução. Cabe advertir a você que não estamos fazendo história da lógica; por isso, nem sempre nossas

afirmações são as mesmas dos lógicos clássicos. Mas o objetivo é transmitir o espírito da lógica moderna, originada na lógica clássica.

Existe na lógica de Aristóteles, e dentre seus estudos lógicos, um que é de nosso interesse: a lógica dedutiva. (...) é possível afirmar que Aristóteles foi o “pai” da dedução. Mas a dedução não acabou aí. Da época de Aristóteles restaram heranças: “o conceito de forma de um raciocínio; por esse motivo, nossa lógica é chamada lógica formal”. (...) nossa lógica tem diversos graus de complexidade. Falou-se que a lógica lida com deduções. Haverá o caso de deduções muito simples, como o do silogismo, e o caso de outras mais complexas. Limitemo-nos a uma lógica exprimível em linguagem simples. Será a linguagem “mais simples” que possamos bolar, desde que ela seja suficiente para comunicar as noções básicas da vida diária e da ciência.

As concepções tradicionais consideravam a lógica um estudo do pensamento. E que é o pensamento? Sob que ponto de vista ele é estudado pela lógica? A lógica não é a única ciência preocupada com o pensamento. Como atividade individual, o pensamento é também assunto da psicologia. Por sua vez, sendo um fenômeno condicionado pelo ambiente, pode ser mesmo um tema de interesse sociológico.

A lógica não está preocupada com o processo real de produção do pensamento, pelo menos não a lógica formal pura. Às vezes pode estar interessada nisso a lógica aplicada à psicologia, educação e áreas afins.

LUNGARZO, C. **O que é Lógica**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 15, 21, 27, 28.

TEXTO 2 - Conceito de Lógica

A etimologia dessa palavra ([...], que significa “palavra”, “proposições”, “oração”, mas também “pensamento”) é tão equívoca quanto a noção que encerra. Em Aristóteles, cujo grupo de textos, reunidos no Organon, constitui o primeiro estudo amplo dessa disciplina, falta a palavra para designá-la. No início de Analíticos, o trabalho mais estritamente “lógico” dessa coleção, Aristóteles define, sem dar nome, a disciplina que se prepara para investigar como ciência da demonstração e do saber demonstrativo.

Aristóteles distingue dois tipos de discurso, dialético e demonstrativo: o primeiro, parte do problemático e do provável e termina necessariamente no provável; o segundo parte do verdadeiro e termina no verdadeiro. Mas, à parte o valor cognitivo da

premissa, adverte que, formalmente, os dois discursos são idênticos: consistem sempre no silogismo e em suas estruturas típicas. O termo divide-se, portanto, em retórica e dialética, contendo esta última aquilo que será o objeto fundamental da lógica, a doutrina do discurso demonstrativo e dos objetos a ele ligados; é só nos comentadores peripatéticos e platônicos de Aristóteles, ou nos textos dos ecléticos, que a este se refere (como Cícero ou Galeno), todos influenciados pela terminologia dos estoicos, que o termo “lógica”, empregado como sinônimo de ‘dialética’, é introduzido como nome da doutrina cujo cerne se encontrava em Analíticos de Aristóteles, ou seja, a teoria do silogismo e da demonstração. Boécio dá o nome de lógica (também aqui alternado como “dialética”) ao conjunto de doutrinas contidas no Organon de Aristóteles, ao qual se soma como uma espécie de introdução geral.

Em síntese, o ensino da lógica, em fins da idade antiga e na idade média, compreendia os seguintes assuntos: primeiro, a teoria das *quinque vocês ou predicáveis* (gênero, espécie, diferença, próprio, acidente); segundo, teoria das *categorias ou predicamentos* (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação, paixão); terceiro, doutrina das proposições e regras e conversação; quarto, doutrina do silogismo categórico; quinto, doutrina do silogismo hipotético; sexto, dialética: a) tópica; b) doutrina dos sofismas ou *fallaciae*. Estas podiam ser agrupadas em três partes: doutrina dos termos, doutrina das proposições, doutrina do raciocínio (categórico ou hipotético, apodítico ou dialético).

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 624.

FILMOGRAFIA



Título original: Finding Forrester (Encontrando Forrester)
 País: Estados Unidos Direção: Gus Van Sant
 Gerry Rosenthal Joey Buttafuoco
 Duração: 135 minutos
 Gênero: Drama
 Distribuição: Colmbia Pictures / Sony Pictures Entertainment
 Ano: 2000

SITES

- www.mundodosfilosofos.com.br - neste *site* encontram-se artigos sobre variados temas da filosofia, incluindo lógica.
- www.mundociencia.com.br/filosofia - encontram-se todos os períodos da filosofia, incluindo filosofia antiga – Aristóteles; escrito lógicos (Órganon).

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Atividade com entrevistas – entrevistar professores de outras disciplinas sobre a importância dos argumentos e raciocínios bem elaborados.
- Atividade de grupo – discutir em pequenos grupos: qual é o entendimento do termo lógico, ou lógica.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BBCBRASIL. **Violência levou 300 mil iraquianos a fugir do país, diz governo**. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006>. Acesso em: 24 out. 2006.

_____. **Bush admite comparação de Iraque com Vietnã**. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006>. Acesso em: 24 out. 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LUNGARZO, C. **O que é Lógica**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

JUÍZO

Tudo o que tem lógica é verdadeiro?

Os últimos serão os primeiros?

Deus pode tudo?

CONTEXTO

O juízo é a formulação do pensamento humano. Deste modo, o juízo implica sempre uma exigência de verdade. A mentira é condenável porque se omite a verdade, ou seja, apresentam-se apenas meias verdades.

Por exemplo, houve no Brasil, quando todos sabiam que o governo federal anunciasse que não ia fazer alguma coisa, como criar um novo imposto, baixar uma nova lei de emergência, [...] isso infelizmente seria feito, e dentro de pouco tempo (LITTO, 2006, p. 03).

A mentira serve para falsear a realidade. É como se colocasse uma máscara sobre os fatos. Isso leva as pessoas a terem uma visão distorcida da realidade. Podemos citar ainda o silogismo (proposições encadeadas): “Nenhum homem sabe dançar; ora, este dançarino é homem; logo, este dançarino não sabe dançar”. A partir deste silogismo, verifica-se que muitas vezes o raciocínio formal é válido, mas não é verdadeiro.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Afirmar ou negar alguma coisa de alguma outra coisa é fazer juízos. Este por sua vez descreve fatos, situações, podendo assim ser considerado como verdadeiro ou falso. Nesse sentido, fundamentam-se dois textos que versam sobre a natureza do juízo.

TEXTO 1 - O juízo

O juízo é o ato pelo qual o espírito afirma alguma coisa de outra; “Deus é bom”, o “homem não é imortal” são juízos; enquanto um afirma de Deus a bondade, o outro nega do homem a imortalidade. O juízo comporta necessariamente três elementos, a saber: um sujeito, que é o ser de que se afirma ou nega alguma coisa; um atributo ou

predicado: é o que afirma ou se nega do sujeito; uma afirmação ou uma negação. O sujeito e o atributo compõem a matéria do juízo e a forma do juízo resulta da afirmação ou da negação... A proposição é a expressão verbal do juízo. Ela se compõe, como o juízo, de dois termos, sujeito e predicado, e de um verbo, chamado cópula (isto é, elo), pois liga, ou desliga, os dois termos. O verbo da preposição lógica é sempre o verbo ser, tomado no sentido copulativo ou relativo, como nesta proposição: “Deus é bom”, e não no sentido absoluto em que ele significa existir como nesta proposição: “Deus é”. Muitas vezes, o verbo gramatical compreende a um tempo o verbo lógico e o atributo. Assim essa proposição: “Eu falo” se decompõe, do ponto de vista lógico, nesta: “Eu sou falante”. Da mesma forma, “Deus existe” se decompõe assim: “Deus é existente”.

JOLIVET, R. **Curso de filosofia**. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995. p. 39.

TEXTO 2 - Um juízo é...

Um juízo é um ato mental de julgamentos pelo qual atribuímos a alguma coisa certas propriedades e recusamos outras. O juízo estabelece uma relação determinada entre dois termos (um sujeito e um predicado) e se exprime por meio de uma proposição. Um juízo é verdadeiro quando o que o predicado afirma ou nega do sujeito corresponde exatamente ao que a coisa é; e é falso quando não há essa correspondência (afirma-se algo que não pertence à coisa, ou nega-se algo que pertence a ela). Um juízo é analítico quando o predicado ou os predicados do enunciado nada mais são do que a explicitação do conteúdo do sujeito do enunciado. Por exemplo: quando digo que o triângulo é uma figura de três lados, o predicado “figura de três lados” nada mais é do que a explicação do sujeito “triângulo”. Ou quando digo que “todos os corpos são extensos”, o predicado “são extensos” não acrescenta um conhecimento novo sobre o sujeito “corpos”, mas apenas explicita o conceito desse sujeito. O mesmo acontece se eu disser que “o calor é uma medida de temperatura dos corpos”, o predicado “medida da temperatura dos corpos” simplesmente explicita o conteúdo do sujeito “calor”. No juízo analítico podemos dizer que o predicado é um sinônimo do sujeito ou que ele analisa o conteúdo do sujeito. (...) Quando, porém, entre o sujeito e o predicado se estabelece uma relação na qual o predicado oferece informações novas sobre o sujeito, o juízo é sintético, isto é, formula

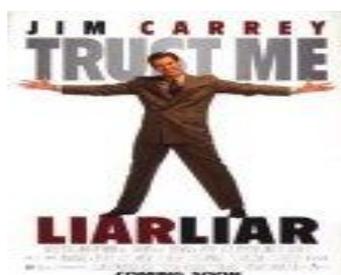
uma síntese entre um predicado e um sujeito. Assim, por exemplo, se em vez de dizer que os corpos são extensos, dissermos que “alguns corpos são pesados”, o predicado “são pesados” nos diz algo novo sobre o sujeito; da mesma maneira, se em vez de dizer que o calor é uma medida de temperatura dos corpos, dissermos que o “calor é a causa da dilatação dos corpos”, o predicado “causa da dilatação dos corpos” não está analiticamente contido no sujeito “calor”. A relação entre “calor” e “dilatação dos corpos” é uma síntese de dois termos diferentes na qual algo novo nos é dito sobre o sujeito por meio do predicado.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 100.

FILMOGRAFIA



Título original: The Devil's Advocate (Advogado do Diabo)
 País: Estados Unidos
 Direção: Taylor Hackford
 Duração: 145 minutos
 Gênero: Suspense
 Distribuição: Warner Bros.
 Ano: 1997



Título original: Liar Liar (O mentiroso)
 País: EUA
 Direção: Tom Shadyac
 Gênero: Comédia
 Distribuidora: Universal Pictures/UIP
 Ano: 1996
 Duração: 85 minutos

SITES

- www.afilosofia.no.sapo.pt/conceitos.htm - encontram-se sugestões dos melhores *sites* de filosofia.
- www.prof2000.pt/users/secjeste/aristoteles/Pg000400.htm - encontram-se conteúdos acerca do pensamento aristotélico, definição de lógica, juízo, raciocínio, conceito.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Trabalhos de grupos - observar as incoerências, equívocos, enganos e falácias produzidas pelos meios de comunicação e absorvidas pela grande massa; apresentar em grupo.
- Atividade - montar um painel com as principais falácias identificadas.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

JOLIVET, R. **Curso de filosofia**. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

LITTO, F. **Argumentos falaciosos**: um pequeno compêndio para evitar a compra de gatos por lebres. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/f_litto/index.htm>. Acesso em: 24 out. 2006.

RACIOCÍNIO

Você compra gato por lebre?
É válido o raciocínio do saber popular?
Tudo que é legal é ético?

CONTEXTO

Para o entendimento dos diversos contextos atuais, faz-se necessário o reconhecimento dos diferentes tipos de raciocínio com vistas à elaboração de um pensamento mais coerente. Para tanto, é preciso levar em consideração a subdivisão do raciocínio em dedutivo e indutivo. O primeiro parte de um princípio universal para o particular, enquanto que o segundo parte do particular ao universal. Nesse processo pode ocorrer um discurso falacioso. O discurso falacioso caracteriza-se pela falsa argumentação, isto é, um argumento mal direcionado ou conduzido que leva a uma conclusão inválida. Na afirmação “Tanto a Revolução Francesa como a Revolução Russa foram seguidas de rebelião literária. Claramente, revolta política causa rebelião nas artes” (LITTO, 2006, p. 6) tem-se uma visão tendenciosa, pois as premissas não permitem a generalização e omitem outras situações como cultura, tecnologia e política social.

Portanto, o conhecimento dos diferentes movimentos do raciocínio permite a identificação dos diferentes discursos tendenciosos e o bem pensar.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Em termos gerais o raciocínio é a operação que nos possibilita analisar as relações entre as proposições. Além disso, o raciocínio pode também explicar-se “como a operação que consiste de tirar de dois ou mais juízos um outro juízo contido logicamente nos primeiros” (JOLIVET, 1995, p. 45). Nesse sentido selecionaram-se três textos, sendo que o primeiro e o segundo caracterizam o raciocínio e o terceiro refere-se ao silogismo.

TEXTO 1 - O raciocínio

O raciocínio vai de um juízo a outro, passando por vários intermediários. Nesse sentido, podemos dizer que o raciocínio é um conhecimento mediato, isto é, intermediado por vários outros, ao contrário da intuição, que é o conhecimento imediato. Raciocinamos, ou argumentamos, quando colocamos juízos ou proposições que contenham evidências em uma ordem tal que necessariamente nos levam a um outro juízo, que se chama de conclusão. E, por juízo, ou proposição, entendemos a afirmação ou a negação da identidade representativa de dois conceitos, ou termos. Exemplo: o cão é amigo do homem. Quando nossos raciocínios, ou argumentos, são incorretos, caímos no que se chama falácia, ou sofismo.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992. p. 51.

TEXTO 2 - Um método de investigação

Nosso tratado se propõe encontrar um método de investigação graças ao qual possamos raciocinar, partindo de opiniões geralmente aceitas, sobre qualquer problema que nos seja proposto, e sejamos também capazes, quando replicamos a um argumento, de evitar dizer alguma coisa que nos cause embaraços. Ora, o raciocínio é um argumento em que, estabelecidas certas coisas, outras coisas diferentes se deduzem necessariamente das primeiras. (a) O raciocínio é uma “demonstração” quando as premissas das quais parte são verdadeiras e primeiras, ou quando o conhecimento que delas temos provém originariamente de premissas primeiras e verdadeiras: e, por outro lado (b), o raciocínio é “dialético” quando parte de opiniões geralmente aceitas. São “verdadeiras” e “primeiras” aquelas coisas nas quais acreditamos em virtude de nenhuma outra coisa que não seja elas próprias; pois, no tocante aos primeiros princípios da ciência, é descabido buscar mais além o porquê e as razões dos mesmos; cada um dos primeiros princípios deve impor a convicção da sua verdade em si mesmo e por si mesmo. São, por outro lado, opiniões “geralmente aceitas” aquelas que todo mundo admite, ou a maioria das pessoas, ou os filósofos em outras palavras: todos, ou a maioria, ou os mais notáveis e eminentes.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. Disponível em: <www.ciberfil.org>. Acesso em: 25 out. 2005. Ebook, p. 2.

TEXTO 3 - Silogismos

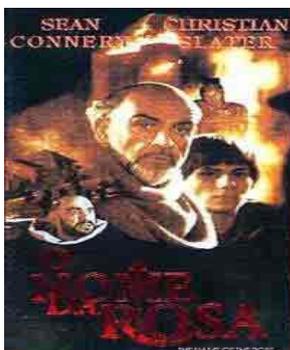
Que alguns silogismos são verdadeiros, enquanto outros parecem ser, embora não sejam, é evidente. Esta confusão produz-se nos argumentos, tal como se produz em outras coisas, em virtude de certa semelhança entre o verdadeiro e o falso, sendo assim que entre as gentes, há umas que tem saúde, enquanto outras só parecem ter, porque se enfeitam e ornam ao modo das vítimas imoladas pelas tribos nos sacrifícios; uns são belos por virtude de beleza natural, enquanto outros parecem belos a poder de se enfeitarem. O mesmo ocorre nas coisas inanimadas, enquanto outros não são tal, ainda que o pareçam aos sentidos, por exemplo, os objetos de litargirina e de cassiterita parecem ser de prata, e os objetos de metal amarelo parecem ser de ouro. Do mesmo modo, o silogismo e o elenco uma vez são verdadeiros e outros falsos, ainda que a inexperiência os tome por verdadeiros, porque as pessoas inexperientes são comparáveis as que olham as coisas de longe. O silogismo é um razoamento em que dadas certas premissas, se extrai uma conclusão consequente e necessária através das premissas dadas; o elenco é um silogismo acompanhado de contradição da conclusão. Ora isto é, o que os sofistas não fazem, ainda que pareçam fazê-lo por vários motivos. Um destes motivos o mais natural e o mais frequente decorre dos nomes, pois, como não é possível trazer a colação as coisas em ato, e em vez delas temos de nos servir dos seus nomes como símbolos, supomos que o que se passa com os nomes se passa também com as coisas, o que aliás se ilustra com o exemplo das pedras, próprias da arte de cálculo. Ora, entre nomes e objetos não há semelhança total: os nomes são em número limitado bem como a pluralidade das definições, mas as coisas são em número infinito. [...]. Assim como há pessoas que preferem parecer sábios a sê-lo, em vez de os serem mesmo sem parecer, dado que a sofística é uma sabedoria aparente e não real, e o sofista é o que negocia uma sabedoria aparente e não real, assim é evidente que lhes torna mais necessário fazer obra de sabedoria, do que fazer obra de sabedoria sem parecer.

ARISTÓTELES. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p.79-80.

FILMOGRAFIA



Título original: A Beautiful Mind (Uma Mente Brilhante)
 País: Estados Unidos
 Direção: Ron Howard
 Duração: 135 minutos
 Gênero: Drama
 Distribuidora: Vip
 Ano: 2001



Título original: The Name of the Rose (O Nome da Rosa)
 País: Alemanha França e Itália
 Direção: Jean Jacques Annaud
 Duração: 130 minutos
 Gênero: Romance
 Distribuidora: Globo Vídeo
 Ano: 1986

SITES

- www.filosofos.com.br - encontram-se temas e fóruns sobre autores e assuntos da filosofia.
- [www. filosofiavirtual.pro.br](http://www.filosofiavirtual.pro.br) - entre outras coisas, encontram-se cursos de lógica.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Atividade de pesquisa - a partir do filme identificar raciocínios indutivos e dedutivos, após seminário de socialização.
- Atividade de leitura – a partir do texto “O amor é uma falácia”, identificar as principais formas de argumentação falaciosas. Disponível em: <www2.unochapeco.edu.br/~cafefilosofico/index.php> (acesso out. 2006).

- Atividade de leitura aprofundada: ver em TOMELIN, Janes Fidélis e TOMELIN, Karina Nones. **Dialogos filosóficos**. 2 ed. Blumenau: Nova Letra, 2004.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. Disponível em: <www.ciberfil.org>. Acesso em: 25 out. 2005. Ebook.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

JOLIVET, R. **Curso de filosofia**. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

LITTO, F. **Argumentos falaciosos**: um pequeno compêndio para evitar a compra de gatos por lebres. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/f_litto/index.htm>. Acesso em: 24 out. 2006.

UNIDADE VII

ÉTICA E POLÍTICA**INTRODUÇÃO**

Pensar filosoficamente remete à percepção das relações humanas e à compreensão do universo e da complexidade de valores, interesses, contradições e os diferentes modos de conquista e exercício do poder.

Partindo desse contexto, a “Ética e a Política” são pontos de referência para a construção de um debate em que o ser humano está posto como um ente que necessita voltar-se para si próprio. Percebem-se hoje as relações do “eu” com o “coletivo” dentro de um contexto dinâmico e permeado por uma ideologia neoliberal. Os valores éticos e a política, enquanto meio para a realização do bem supremo, ou seja, uma organização social, política e econômica sustentável e mais harmônica para o conjunto da sociedade, sofrem deturpações e negações.

Neste sentido, o educando depara-se com um cenário de relações sociais que é propício a uma leitura filosófica. A abordagem filosófica dá a possibilidade de problematizar diariamente as ações políticas, tanto as cotidianas quanto as governamentais.

Portanto, é necessário direcionar a reflexão filosófica no espaço da ética e da política para algumas questões e temáticas mais específicas. São elas: cidadania, sistemas e órgãos políticos, as relações humanas e as novas tecnologias.

OBJETIVOS

- Apresentar subsídios textuais para oportunizar uma reflexão crítica sobre a ética e a política.
- Apresentar elementos para analisar a circunstância ética e política em que vive o aluno, despertando a compreensão da realidade local e global.

- Compreender a Ética e a Política dentro da ciência e do progresso, entre tecnologia e bem-estar social, considerando suas diferentes concepções.
- Demonstrar que a representação política direta, por meio do voto, no atual momento não é suficiente para legitimar a fidelidade entre o político e o eleitor.

PROFESSORES COAUTORES

Ari Pereira de Matos

Celso Antônio Soccol

Gerson Luis Padilha do Canto

Jorge José Peixer

CIDADANIA

O que é cidadania?

Como a cidadania se relaciona com a Política e a Ética?

Todos os cidadãos são iguais?

A educação é o que leva o povo a crescer; se ela é tão importante, por que precisamos mendigar para ter uma qualidade de ensino melhor, quando este deveria ser o ponto de partida do nosso governo?

Como se dá o exercício da cidadania em nossa sociedade capitalista, consumista, que visa o lucro acima de tudo?

CONTEXTO

Hoje há uma preocupação em educar para a cidadania. Mas o que significa cidadania? Para que pensar a ideia de cidadania como o indivíduo no seu gozo pleno de seus direitos civis e políticos se a sociedade continua reproduzindo as diferenças sociais e as relações de domínio? Sendo assim, não estaríamos produzindo apenas um mascarar dos problemas sociais e políticos pelo que o cidadão é levado a aceitar o pouco que lhe é oferecido? Por isso vale a pena pensar as palavras de Renato Russo (Legião Urbana) em sua música “Fábrica”:

Nosso dia vai chegar
 Teremos nossa vez
 Não é pedir demais:
 Quero justiça
 Quero trabalhar em paz
 Não é muito o que lhe peço
 Eu quero um trabalho honesto
 Em vez de escravidão
 Deve haver algum lugar
 Onde o mais forte não
 Consegue escravizar
 Que não tem chance

De onde vem a indiferença
 Temperada a ferro e fogo?
 Quem guarda os portões da fábrica?
 O céu já foi azul, mas agora é cinza
 O que era verde aqui já não existe mais
 Quem me dera acreditar
 Que não acontece nada
 De tanto brincar com fogo
 Que venha o fogo então
 Esse ar deixou minha vista cansada
 Nada demais

Na sociedade moderna é presente a contradição do indivíduo que se considera um cidadão mas, se puder explorar o outro, o fará; isto por pertencer a um sistema que visa a exploração. No entanto, o conceito de cidadania só se consolidará se conseguir romper com esta dinâmica de contradições. A máxima de Marx ajuda a iluminar tal reflexão: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX apud TOMELIN, 2003, p.127).

“Cidadão” na época medieval significava “*ter acesso à cidade*”. Na época moderna ser cidadão significava o direito de viver na cidade. Na idade contemporânea o conceito se ampliou: “*todos os homens são iguais*”. Na atualidade, cidadania é um conjunto de direitos e obrigações que o homem vem conquistando ao longo da história. Mas parece que a cidadania continua sendo direito de alguns, apesar de a Declaração Universal dos Direitos Humanos citar que “*todos os humanos nascem livres em dignidade e em direitos*”. Parece-nos que, para os nossos dias, essa igualdade de direitos foi mais bem expressa por George Orwell em seu livro *A revolução dos bichos*: “*Todos são iguais,mas alguns são mais iguais do que outros*”.

O desenrolar do panorama político, social e cultural da atualidade, nestes tempos de globalização, tem mostrado que a cidadania ainda não chegou para todos, haja vista que se processa uma profunda segregação das camadas sociais. De um lado, uma

pequena minoria com uma ampla margem de direitos assegurados pelo poder econômico e político que detém e, do outro lado, uma grande massa desprovida até de meios para suprir as necessidades básicas para sua sobrevivência.

Sob esse ponto de vista, cabe à escola refletir sobre essa situação, definir o seu papel diante dessas contradições e contribuir interferindo para incluir todos no campo dos direitos, o que as próprias Constituições nacionais garantem ao cidadão.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Abaixo apresentam-se dois textos que colaboram para uma compreensão mais aprofundada do tema aqui tratado. Para fundamentar a origem das desigualdades entre os homens e a questão do poder, observe o texto 1, escrito por Rousseau. Quanto ao segundo texto, de Gramsci, trata do cidadão que se prende à indiferença política, uma vez que esta atua poderosamente e passivamente na história e constrói as ideologias de políticas autoritárias e inescrupulosas.

TEXTO 1 - A desigualdade

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer ‘isto é meu’ e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditar nele. Quantos ciúmes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!” Grande é a possibilidade, porém, de que as coisas já então tivessem chegado ao ponto de não poder mais permanecer como eram, pois essa ideia de propriedade, dependendo de muitas ideias anteriores que só poderiam ter nascido sucessivamente, não se tornou repentinamente no espírito. Foi preciso fazer-se muitos progressos, adquirir-se muita indústria e luzes, transmiti-las de geração para geração, antes de chegar a esse último termo do estado de natureza.

ROUSSEAU. In: CORDI, C. et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000. p. 187.

TEXTO 2 - Indiferentes

Odeio os indiferentes. Como Federico Hebbel, acredito que ‘viver quer dizer tomar partido’. Não podem existir os apenas homens, os estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão e partidário. Indiferença é abulia, é parasitismo, é covardia, não é vida. Por isso, odeio os indiferentes.

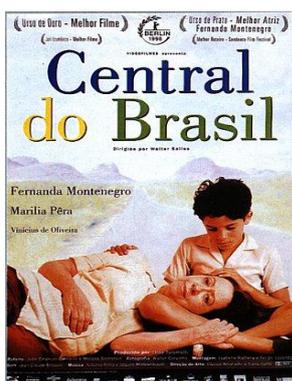
A indiferença é o peso morto da história. É a bola de chumbo para o invasor, é a matéria inerte na qual frequentemente se afogam os entusiasmos mais esplendorosos.

(...)

A indiferença atua poderosamente na história. Atua passivamente, mas atua. É a fatalidade; é aquilo com o que não se pode contar; é aquilo que confunde os programas, que destrói os planos mais bem construídos. É a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca. O que acontece, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um ato heróico (de valor universal) pode gerar, não se deve tanto à iniciativa dos poucos que atuam, quanto à indiferença de muitos. O que acontece não acontece tanto porque alguns o queriam, mas porque a massa dos homens abdica de sua vontade, deixa fazer, deixa enrolarem os nós que, depois, só a espada poderá cortar; deixa promulgar leis que, depois, só a revolta fará anular; deixa subir ao poder homens que, depois, só uma sublevação poderá derrubar. (...) Os fatos amadurecem na sombra porque mãos, sem qualquer controle a vigiá-las, tecem a teia da vida coletiva e a massa não sabe, porque não se preocupa com isso. Os destinos de uma época são manipulados de acordo com visões restritas, os objetivos imediatos, as ambições e paixões pessoais de pequenos grupos ativos, e a massa dos homens ignora, porque não se preocupa.

GRAMSCI. In: CORDI, C. et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000. p. 188-9.

FILMOGRAFIA



Título original: Central do Brasil

País: Brasil

Direção: Walter Salles

Gênero: Drama / Histórico

Distribuidora: Produtores Associados: Arthur Cohn, Martine de Clemont – Tonnerre, Paulo Brito, Donald Ranvand

Ano: 1998

SITES

- <http://www.ibge.gov.br/> - instrumento de pesquisa sobre a participação do cidadão na política.
- www.folha.com.br - instrumento de pesquisa de diversidade de textos sobre o tema proposto.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Atividade de leitura - indique leituras de bibliografia atualizada, como revistas semanais e jornais diários, e oportunize discussões a partir dos textos especializados indicados acima.
- Análise de filme - ao assistir a “Central do Brasil”, de Walter Salles Jr. (1998), o professor poderá sugerir as seguintes perguntas para reflexão e trabalhos de equipe:
 - a) Qual a mensagem principal do filme?
 - b) Analise o filme e observe se ele apresenta verdadeiramente a realidade brasileira quanto aos seguintes elementos: violência urbana; segurança pública; educação, escola; crimes contra a criança; emprego e trabalho; religiosidade popular; migração interna; família; miséria.
 - c) Descrever cenas do filme que comprovem a sua resposta.

REFERÊNCIAS

CORDI, C. et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.

GABEIRA, F. Globalização e as sementes do equívoco. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 dez. 2005. Ilustrada.

TOMELIN, J. F.; TOMELIN, K. N. **Diálogos filosóficos**. Blumenau: Nova Letra, 2004.

SISTEMAS E ÓRGÃOS POLÍTICOS

Os sistemas e órgãos políticos dentro do contexto da globalização são capazes de garantir o exercício da democracia?

Como resgatar a ideia de que a política é o “todo social” e não apenas uma atividade que diz respeito a poucos?

Qual é a lógica que orienta a constituição dos sistemas e órgãos políticos na sociedade capitalista?

CONTEXTO

A democracia enquanto sistema político não conseguiu diminuir consideravelmente as desigualdades sociais. Os sistemas e órgãos políticos têm servido para atender uma determinada elite social, que se apossou desses mecanismos para garantir e ampliar seus privilégios.

Já que a democracia não tem atingido seus objetivos, que é a máxima participação de todos os segmentos que compõem a sociedade e equilibrar a relação entre as forças sociais, pergunta-se: o que esperar do futuro da democracia enquanto sistema político?

Neste sentido, a prática política tem representado os interesses particulares de grupos econômicos específicos; portanto, perdeu a capacidade (no momento) de apresentar um discurso catalisador dos interesses do todo social. Assim, vem perdendo a dimensão de expressão da realidade como um todo. Essa fragmentação percebe-se no texto de Vieira:

A cidadania se inspirou na democracia grega e na república. Essas três questões – a do Estado, do Governo e do Homem – vão obrigar os modernos a redefinir a cidadania (Herzog *et al.*, 1995). Face à incompatibilidade de princípios entre a monarquia absoluta e cidadania, a ideia republicana romana, buscando a liberdade civil dos antigos: liberdade de opinião, de associação e também de decisão política (LYTZ VIEIRA, 2006, p. 4).

Na modernidade não houve grandes avanços a ponto de se afirmar que existiu uma mudança de tratamento quanto às questões que remetem à problemática da liberdade

individual e coletiva no meio civil, limitando-se a avanços materiais para uma minoria e desprestigiando os espirituais de perspectiva crítica, que propõem uma nova sociedade.

E ainda cabe aqui uma reflexão a partir da música da banda Ira “É assim que me querem”:

Estou sonhando de olhos abertos

Estou fugindo da realidade

Todas as cervejas já bebi

Todos os baseados já fumei

E o que há de errado no mundo

Meus olhos não podem ver

Eu estou do jeito certo

Prá qualquer compromisso assumir

E é assim que me querem

Sem que possa pensar

Sem que possa lutar

Por um ideal

E é assim que me querem

A ver na tv todo sangue jorrar

E ainda aprovar a pena capital

E me vendem essa droga

E me proibem essa droga

Para os desavisados poderem pensar

Que o governo combate

Invadindo a favela, empunhando fuzis

Juntando dinheiro

Para a platina no nariz

E é assim que me querem

Sem que possa pensar

sem que possa lutar

Por um ideal

E é assim que me querem,

a ver na tv o sangue jorrar

E ainda aprovar a pena capital

TEXTOS PROVOCATIVOS

Para aprofundar melhor o tema proposto dispõem-se abaixo dois textos que colaboram para uma compreensão mais abrangente.

Pode-se afirmar que a ideia de liberdade política não é respeitada a partir do momento em que é atrelada aos interesses de um único segmento social, ainda motivado por um domínio econômico. Como instrumento para repensar o conceito de democracia em sua função nos sistemas e órgãos políticos, seguem dois textos pertinentes ao tema.

TEXTO 1 - Tucídides comenta como Péricles vê a democracia

Temos um regime que nada tem a invejar das leis estrangeiras. Somos, antes, exemplos do que imitadores. Nominalmente, como as coisas não dependem de uma minoria, mas, ao contrário, da maioria, o regime se denomina democracia. No entanto, se, em matéria de divergências particulares, a igualdade de todos diante da lei é assegurada, cada um, em virtude das honras devidas à posição ocupada, é julgado naquilo que pode ocasionar sua distinção: no que se refere à vida pública, as origens sociais contam menos que o mérito, sem que a pobreza dificulte a alguém servir à cidade por causa da humildade de sua posição (...).

TUCÍDIDES. In: PINSKY, J. **100 textos de história antiga**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1988. p. 94-5.

TEXTO 2 - A democracia ateniense

O fundamento do regime democrático é a realidade (realmente, costuma-se dizer que somente neste regime participa-se da liberdade, pois este é, segundo se afirma, o fim de toda democracia). Uma característica da liberdade é ser governado e governar por turno; com efeito, consistindo a justiça democrática em ter todos o mesmo numericamente e não segundo o merecimento, forçosamente tem que ser soberana a multidão e aquilo que é aprovado pela maioria tem que ser justo. Afirmam que todos os cidadãos devem ter o mesmo, de modo que, nas democracias, resulta que os pobres têm mais poder que os ricos, posto que são mais numerosos e o que prevalece é a opinião da

maioria. Esta é pois uma característica da liberdade, que todos os partidários da democracia consideram como um traço essencial desse regime....

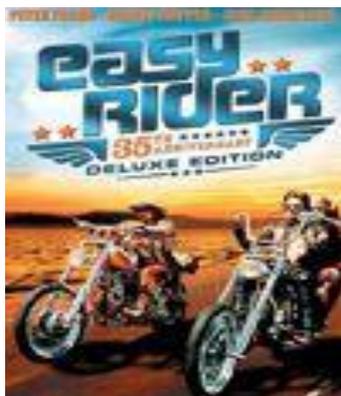
Sendo estes o fundamento e o princípio da democracia, são procedimentos democráticos os seguintes: que todas as magistraturas sejam eleitas entre todos; que todos mandem sobre cada um e cada um, por sua vez, sobre o todo; que as magistraturas sejam providas por sorteios (ou todas, ou as que não requerem experiências ou habilidade especial); que não se baseie em nenhuma propriedade – ou na menor possível – que a mesma pessoa exerça duas vezes alguma magistratura, ou, em poucos casos, ou poucas magistraturas, fora das relacionadas com as guerras; que todas as magistraturas (ou quase) sejam de curta duração; que administrem justiça todos os cidadãos, eleitos por todos, e a respeito de todas as questões ou da maioria delas e das mais importantes e principais, por exemplo, a prestação de contas, a constituição e os contratos privados; que a assembleia tenha soberania sobre todas as coisas (ou sobre as mais importantes) e os magistrados em troca não tenham nenhuma, ou sobre as questões menos importantes.

(...)

O problema imediato será o de como conseguir esta igualdade: se se deve distribuir as propriedades de modo que as de 500 cidadãos equivalem às de 1.000 e que estes mil tenham o mesmo poder que os quinhentos, ou não se deve estabelecer assim a igualdade a respeito da propriedade, senão dividir-se primeiro assim, porém tomar depois um número igual de cada grupo e conceder a este número autoridade no que concerne às eleições e aos tribunais. Será este regime o mais justo segundo a justiça democrática, ou será melhor que se fundamente no número? Os partidários da democracia acham justa a opinião da maioria, seja qual for e os oligarcas, a opinião da maior riqueza, porque afirmam que se deve decidir de acordo com a magnitude da fortuna. Porém, as duas opiniões implicam em desigualdade e injustiça. Com efeito, se a justiça consiste no parecer dos poucos, isto é tirania (já que se um indivíduo possui sozinho mais que todos os demais ricos, segundo a justiça oligárquica, será justo que mande ele só), e se consiste no parecer da maioria numérica, esta confiscará injustamente os bens da minoria rica, como dissemos antes.

ARISTÓTELES. In: PINSKY, J. **100 textos de história antiga**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1988. p. 87.

FILMOGRAFIA



Título original: Easy Rider (Sem destino)
 País: Estados Unidos
 Direção: Dennis Hoppes
 Elenco: Dennis Hoppes, Peter Fonda, Jack Nicholson
 Duração: 95 minutos
 Gênero: Aventura / drama
 Distribuidora: Sony Pictures
 Ano: 1969

SITES

- www.wikipédia.org - enciclopédia virtual (poder, sistemas políticos, regimes políticos).
- www.filosofiavirtual.com.br - aborda a história da filosofia e questões filosóficas.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Análise de filme - o filme indicado merece uma atenção especial do professor uma vez que seu conteúdo precisa ser bem estudado e analisado se adequado ao grupo. O roteiro de estudos sugere algumas questões próprias para reflexão sobre problemáticas levantadas no filme: a) identificar o contexto sociocultural do filme; b) elencar as problemáticas levantadas pelo roteiro do filme; c) dar um tratamento reflexivo às problemáticas elencadas; d) problematizar cenas que representam o tema central do roteiro (contracultura em busca do ideal de liberdade em choque com as sociedades capitalistas doutrinadoras); e) colecionar cenas que representem o choque entre a contracultura e a sociedade capitalista doutrinadora); f) elaborar um texto de até 15 linhas de caráter reflexivo sobre o contexto social, cultural e político.

REFERÊNCIAS

LYTZ VIEIRA. **Direito, cidadania e democracia.** Disponível em: <www.yahool.cidadaniaedemocracia.com.br>. Acesso em: 25 out. 2006.

PINSKY, J. **100 textos de história antiga.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 1988.

NOVAS TECNOLOGIAS

De um ponto de vista coletivo, os descontentamentos sociais ligados à introdução de inúmeras inovações tecnológicas (da poluição industrial aos horrores das guerras químicas e eletrônicas) estão levando a um questionamento da equivalência entre ciência e progresso, entre tecnologia e bem-estar social. A razão utilitarista tornou-se a principal via para o desenvolvimento do pensamento científico. Partindo deste contexto, questiona-se: como poder direcionar a razão utilitarista sem descartar princípios éticos?

Por que a televisão e o computador são dois equipamentos que representam a civilização tecnológica atual?

A evolução do processo tecnológico tem servido para libertar ou condicionar o ser humano?

CONTEXTO

Desde o começo da humanidade o homem tem estabelecido relações com a natureza como condição indispensável para sua sobrevivência e também para garantir a manutenção de sua espécie. Com o decorrer do tempo, a relação homem-natureza foi se tornando cada vez mais complexa, pois o processo de urbanização trouxe às pessoas uma série de comodidades, mas também vários problemas ambientais e sociais, como a poluição, a exploração de recursos naturais e a defasagem de valores.

Atualmente, o homem tem à sua disposição os recursos da tecnologia; no entanto, não está sabendo administrar os produtos originados pelo avanço dos conhecimentos. O avanço tecnológico parece indicar que toda a humanidade pode ser beneficiária dessas conquistas e não apenas alguns poucos. Mas falta, ainda, o homem descobrir que acumular máquinas e riquezas não é tudo o que importa para sua existência.

Por fim, existem hoje imensas possibilidades para o homem fundar uma sociedade planetária em novas bases: as máquinas podem pensar, auxiliadas, evidentemente, pelos homens; os indivíduos podem determinar seu próprio tempo de trabalho, uma vez que a informatização lhes possibilita produzir novamente em casa e,

concomitantemente, estarem conectados com o mundo através de uma complexa rede de comunicação (internet, tevê, telefone, fax); os homens encontram, enfim, melhores chances de realizar maior interação com o planeta do ponto de vista geográfico, econômico, político, ecológico e cultural. Para tanto, basta que utilizem a criatividade e a tecnologia na construção de uma sociedade planetária.

TEXTOS PROVOCATIVOS

Sabendo da importância do conceito, é necessário resgatar dois textos que dão conta do que se propõe aqui como reflexão filosófica.

A tecnologia atual tem enorme capacidade de gerar inovações e saltos tecnológicos, adquirindo uma postura determinista que a coloca acima da moral e da razão. O processo científico e tecnológico é imperativo da sociedade globalizada. Contudo, é necessário refletir como orientar essa tendência já consolidada, de modo que o seu desenvolvimento não represente uma ameaça à ideia de humanidade.

TEXTO 1 - Sociedade – espetáculo, tecnologia e destruição

As novas tecnologias geram produtos de consumo radicalmente novos. Ondas de entusiasmo, apoiadas e lançadas por todos os meios de comunicação, propagam-se instantaneamente. O telefone celular e a internet, símbolos da interconectividade, passam a ser condição de felicidade. O homem volta a ser rei exibindo a sua intimidade com a mercadoria, ou identificando-se com os novos ícones, os heróis da mídia eletrônica, transformados eles mesmos em mercadoria ou identificados com marcas globais. Essa relação atinge momentos de excitação fervorosa, de transe religioso e de submissão, como o observar encantado do brilho intenso e das propriedades mágicas de um celular ou de um herói da TV.

DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: UNESP, 2001. p. 53.

TEXTO 2 - Os problemas da civilização tecnológica

A tecnologia pode salvar o homem das doenças e da fome, abreviar seu sofrimento, substituí-lo nas árduas tarefas, garantir-lhe melhor qualidade de vida. Mas pode também acelerar a destruição da vida na Terra, desequilibrar os ecossistemas pelo uso desordenado dos recursos naturais, pelo excesso de produção e pelo desperdício de energia. A máquina é o resultado da engenhosidade e do trabalho humanos. O homem é senhor da técnica. Tanto pode usá-la em benefício da humanidade como para subjugar uma boa parte da espécie humana aos caprichos de poucos ou, ainda, usá-la para autodestruir-se, como acontece nas guerras.

FLORIANI. In: CORDI, C. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000. p. 228-9.

FILMOGRAFIA



Título: A.I. Inteligência Artificial

País: Estados Unidos

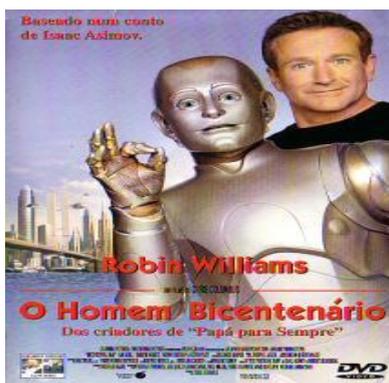
Direção: Steven Spielberg

Duração: 135 minutos

Gênero: Ficção científica

Distribuidora: Dreamworks Distribution L.L.C. / Warner Bros.

Ano: 2001



Título: O Homem Bicentenário (Bicentennial Man)
 País: Estados Unidos
 Direção: Chris Columbus
 Elenco: Robin Williams, Sam Neill, Embeth Davidtz
 Duração: 130 minutos
 Gênero: Drama/Romance
 Distribuidora: Columbia Pictures
 Ano: 1999

SITES

- www.cnpq.br/prossiga/pcientifica - apresenta pesquisas do progresso científico da Academia Brasileira.
- www.sbpnet.org.br - apresenta pesquisas do progresso científico brasileiro.
- www.crescentefertil.org.br/agenda21/index2.htm - trata das questões de inclusão social e qualidade do meio ambiente.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

- Trabalho em equipe - Poderia ser lançado o seguinte questionamento: as sociedades modernas garantiram para alguns o acesso completo às suas riquezas. No entanto, muitos não conseguem sequer manter sua sobrevivência. Seria possível pensar numa sociedade capaz de garantir a todos condições de realização plena, sem sacrificar valores básicos como os da liberdade e da realização pessoal? O que seria necessário para alcançar um estágio de semelhante desenvolvimento? Em grupo, avalie as questões citadas e pense em duas sugestões que poderiam ajudar a sua cidade nesse sentido. Logo após, as equipes deverão apresentar as suas ideias.

REFERÊNCIAS

CORDI, C. et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.
 DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**. São Paulo: UNESP, 2001.

UNIDADE VIII

ESTÉTICA**INTRODUÇÃO**

É consenso que a sensibilidade, com seu séquito de paixões, acompanha a vida de qualquer pessoa. A estética define julgamentos, instiga a vida, limita oportunidades, embora leve o homem a dimensões sublimes. Mas, até que ponto é possível estabelecer a extensão de seu influxo, bem como o quanto se faz presente no sentido do dito e do não dito?

Estas perguntas são inerentes ao campo da filosofia estética, mas o que se sabe é que, por mais racional que seja a ciência e o artista, ambos necessitam ser flexíveis o bastante para sair do que é seguro, do imediato, assumindo riscos que surgem a partir do que é novo.

Sendo assim, a experiência do belo é vivenciada por todos em muitos momentos; mesmo sendo uma experiência subjetiva, é possível admitir a existência do belo em si. E isto é belo!

OBJETIVOS

- Evocar a problemática estética no sentido do contrassenso que envolve a multidisciplinariedade deste campo, a saber, a filosofia estética que interage com a biologia evolutiva, a neurologia, a psicologia experimental e a publicidade.
- Estabelecer o papel estético da arte: a arte como forma de pensamento, manifestação e entendimento intuitivo do mundo, onde o artista cria obras concretas e singulares dando à experiência vivida um sentido ao mesmo tempo político e transcendental.

- Identificar o belo enquanto perspectiva histórica, cultural, no sentido etimológico das diferentes formas de percepção do gosto do belo, do bonito, e de todas as suas representações.

PROFESSORES TUTORES

Cleuder Rodrigo Streit

Cleuza da Parecida Magalhães Sabka

Cristiane Fernandes Moreira

Elias Alves Küster

Janete Maria Detoffol

Lísia Kobarg Cercal

Márcia Liandra Fernandes Bronzatti

PERCEPÇÃO

A percepção do belo é realmente subjetiva?

Como entender a subjetividade do belo?

Como perceber o brilho, a forma e a cor como perspectivas da percepção?

CONTEXTO

Entender estética é estabelecer a relação humana com o sentir, com o perceber, com o belo. Sendo assim, esta investigação busca o projetar, o sentir; não é metafísica, na medida em que estes elementos são construções políticas, sociais, históricas e culturais.

Mesmo sendo esta relação subjetiva, não se pode perdê-la de vista enquanto produzida e determinada principalmente pelas condições econômicas. Coloca-se então a pergunta: por que a percepção do belo difere de pessoa para pessoa, embora haja “quase” uma unanimidade quanto ao belo estabelecido?

Reafirma-se, portanto, a percepção (do belo) instituída por um sistema que objetualiza o ideal a partir dos interesses, valores e crenças vinculadas às representações simbólicas do belo.

TEXTOS PROVOCATIVOS

A percepção do mundo é acessível pelos sentidos, pois estes permitem ao ser humano as experiências dos sentidos. Segundo Horkheimer, a alegoria da história do menino que pergunta ao pai “Que é que a lua está anunciando?” caracteriza esta relação entre o homem e a natureza na era da razão, entendendo-se que o próprio perceber (sentir estético) é transformado em meio para um determinado fim. Não obstante a ideia platônica do belo como percepção do bem, confronta-se com essa razão pragmática, que anula o sentir (perceber) na medida em que a razão cognitiva se separa do sentido estético. Os textos abaixo aprofundam a ideia da percepção como capacidade sensível do indivíduo diante do mundo em que é inserido.

TEXTO 1 - Estética Transcendental

Qualquer que seja o modo de como um conhecimento possa relacionar-se com os objetos, aquele em que essa relação é imediata e que serve de meio a todo pensamento chama-se intuição (*Anschauung*). (1) Mas esta intuição não tem lugar senão sob a condição de nos ser dado o objeto, e isto só é possível, para o homem, modificando o nosso espírito de certa maneira.

A capacidade de receber (a receptividade) representações dos objetos segundo a maneira como eles nos afetam, denomina-se sensibilidade. Os objetos nos são dados mediante a sensibilidade e somente ela é que nos fornece intuições; mas é pelo entendimento que elas são pensadas, sendo dele que surgem os conceitos. Todo pensamento deve em última análise, seja direta ou indiretamente, mediante certos caracteres, referir-se às intuições, e, conseqüentemente, à sensibilidade, porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado.

A impressão de um objeto sobre esta capacidade de representações, enquanto somos por ele afetados, é a sensação. Chama-se empírica toda intuição que relaciona ao objeto, por meio da sensação. O objeto indeterminado de uma intuição empírica denomina-se fenômeno.

No fenômeno chamo matéria àquilo que corresponde à sensação; aquilo pelo qual o que ele tem de diverso pode ser ordenado em determinadas relações denomino “forma do fenômeno”. Como aquilo mediante o qual as sensações se ordenam e são suscetíveis de adquirir certa forma não pode ser a sensação, infere-se que a matéria dos fenômenos só nos pode ser fornecida “a posteriori”, e que a forma dos mesmos deve achar-se já preparada “a priori” no espírito para todos em geral, e que, por conseguinte, pode ser considerada independentemente da sensação.

Toda a representação na qual não há traço daquilo que pertence à sensação chamo pura (em sentido transcendental). A forma pura das intuições sensíveis em geral, na qual todo o diverso dos fenômenos é percebido pela intuição sob certas relações, encontra-se “a priori” no espírito. Esta forma pura da sensibilidade pode ainda ser designada sob o nome de intuição pura. Assim, quando na representação de um corpo eu me abstraio daquilo que a inteligência pensa, como substância, força, divisibilidade etc., bem como daquilo que pertence à sensação, como a impenetrabilidade, a dureza, a cor etc., ainda me resta alguma coisa desta intuição empírica, a saber: a extensão e a figura.

Estas pertencem à intuição pura, que tem lugar “a priori” no espírito, como uma forma pura da sensibilidade e sem um objeto real do sentido, ou sensação.

KANT, I. **Crítica da razão pura.** Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 out. 2006.

TEXTO 2 - Ensaio acerca do entendimento humano

Sendo a percepção o primeiro passo e grau na direção do conhecimento e a entrada de todos os seus materiais, isso implica que se alguma pessoa, ou outra criatura qualquer, estiver provida de menos sentidos, são poucas e embaçadas as impressões que deixam suas marcas nelas, e são tanto mais embaçadas quanto as faculdades por ela utilizadas, permanecendo, deste modo, bem distantes do conhecimento descoberto por outras pessoas. Estando isto, porém, diversificado em graus (como pode ser percebido entre os homens), certamente não pode ser descoberto em várias espécies de animais, menos ainda em seus indivíduos particulares. É-me suficiente apenas ter anotado aqui: a percepção é a primeira operação de todas as nossas faculdades intelectuais e a entrada de todo o conhecimento em nossas mentes. E estou disposto a imaginar que é a percepção, em seu menor grau, que estabelece os limites entre os animais e as escalas inferiores das outras criaturas. Menciono isto de passagem e apenas como minha conjectura, sendo indiferente para o assunto em pauta o meio pelo qual isto será determinado pelo sábio.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano.** São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 43-4.

FILMOGRAFIA



Título original: Monalisa Smile (O Sorriso de Monalisa)
 País: Estados Unidos
 Direção: Mike Newell
 Duração: 119 minutos
 Gênero: Drama
 Distribuidora: Columbia Pictures
 Ano: 2003

SITE

- <http://afilosofia.no.sapo.pt/histestetica.htm> - este *site* trata de questões referentes à estética, fazendo uma contextualização com os pensadores.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Trabalho de pesquisa - a turma pode pesquisar em jornais, revistas, internet e reportagens que abordam a padronização da moda na sociedade.

REFERÊNCIAS

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 out. 2006.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Nova Cultural: São Paulo, 1988.

ARTE

A arte deve ser amarrada a um compromisso político-social?
 Somente uma obra-prima deve ser reconhecida como arte? Se não, por quê?
 Se cultura é a identidade de um povo, como associar a arte a esta identidade?
 A arte pode fazer parte da expressão da identidade desse povo?
 Ou se reduz à contemplação e ao gozo de alguns privilegiados?

CONTEXTO

É através da arte que se revelam os mais sublimes sentimentos, privilegiando o entendimento intuitivo do mundo que o artista expõe à sociedade. O universo humano é constituído de forças conflitantes. Partindo desse panorama de lutas, a arte não busca fugir da realidade, ou representá-la ilusoriamente, mas busca caminhos que pretendem levar à verdade, não apresentando ilusões reais, ou soluções acabadas, mas expressando-se por meios artísticos; a própria realidade passa a ser percebida em suas contradições.

As muitas discussões sobre a arte e a sua relação com a sociedade levaram a reflexão a duas grandes tendências. Uma defende a “arte enquanto arte” (ver figura 1), isto é, enquanto somente manifestação artística; por outro lado, existe a corrente que defende uma “arte engajada” em um compromisso crítico, social e político, manifestando sua percepção afinada da sociedade conflitante através da criação artística (cf. CHAUI, 2004, p.153).

A cultura determina o padrão de beleza próprio a cada temporalidade, manifestando as tendências, mediante posições artísticas que cada país abriga e desenvolve. A arte empregada genuinamente existe pela simples beleza de existir e se manifesta enquanto interfere no mundo, tornando-o mais luminoso.

Os obstáculos que essas tendências (“escolas”) encontram são muitos, pois o artista e a obra são interpretados como desvinculados da realidade. A interpretação feita pela própria sociedade não reconhece essa criticidade existente na própria obra.

TEXTO PROVOCATIVO

Os vários critérios aplicáveis à arte até hoje têm sua origem na Filosofia grega. É bom lembrar que na concepção platônica a arte era considerada uma forma de conhecer.

Já para Aristóteles, a arte era entendida como uma atividade prática. Essas concepções sofreram alterações no decorrer da história, adequando-se às temporalidades.

Nietzsche, polêmico escritor do final do século XIX, pensa a arte a partir de uma leitura da comédia grega. Ele institui as categorias do apolíneo e do dionisíaco como os princípios constituidores de natureza estética e pertencentes ao nosso inconsciente, onde a relação conflitante e incessante (dionisíaca, embriaguês e delírio sem forma; já o apolíneo se configura como um organizador da vida) cria sempre coisas novas, identificando a arte como uma exaltação do sentimento da vida e um estimulante da vida. Esse devir, gerado pela relação conflitante e incessante, vai produzindo formas na consciência (Cfr. CHAUI, 2004, p.150-1).

Kant, filósofo moderno, não considera a arte como conhecimento pelo fato de não ter caráter prático e utilitário, mas sim ligada apenas ao gosto, em que a questão é sentir prazer ou desprazer; “sendo assim não há uma ideia de belo, nem pode haver regras para produzi-lo, mas há objetos belos, modelos e exemplares e inimitáveis” (ARRUDA, 1991, p. 379).

Schopenhauer, filósofo pessimista, percebia na arte a possibilidade de superar a dor, pois a arte atenua os males da vida, carregada de uma caducidade e tirania dos desejos. A maneira de se libertar é por intermédio de uma atividade que se desconecte do casual e se internalize como totalidade. Essa atividade por essência é a arte. O texto que segue premia e aprofunda o processo criado que leva a pessoa a realizar o desejo, sendo este a compensação da realização da arte como produção.

TEXTO - O mundo como vontade e representação

A vida humana transcorre, portanto, toda inteira entre o querer e o conquistar. O desejo, por sua natureza, é dor: a satisfação bem cedo traz a saciedade. O fim não era mais que miragem: a posse lhe tolhe o prestígio; o desejo ou a necessidade novamente se apresentam sob outra forma, que do contrário vem o nada, o vazio, o tédio, e contra isto é tão penosa a luta como contra a miséria. Quando o desejo e a sua satisfação se seguem a intervalos nem muito próximos nem muito distantes, então o sofrimento que trazem ambos é mínimo e a existência é a mais feliz. Porquanto o que se poderia denominar os mais belos momentos, as alegrias mais puras da vida, precisamente e unicamente porque nos tolhem à vida real e nos fazem espectadores desinteressados,

numa palavra, o conhecimento puro, despojado de qualquer volição, o prazer do belo, o prazer verdadeiro que dá a arte, tudo isto não é concedido senão a pouquíssimos, por motivo que para tal se requerem disposições extremamente raras e que os próprios privilegiados só podem usufruir como sonhos fugazes; e além disso tal superioridade de força intelectual torna essas criaturas susceptíveis de sentir a dor com uma intensidade de que não são capazes os seres medíocres; dando-lhes também o isolamento em meio de criaturas que tão pouco se lhes assemelham; pelo que se vê que não falta a compensação. Os prazeres puramente intelectuais são inacessíveis à imensa maioria dos homens; quase incapazes de provar o prazer dado pelo conhecimento puro, ficam reduzidos unicamente ao querer. Para que um objeto consiga monopolizar-lhes a atenção e merecer-lhes o interesse, é preciso, como bem o diz a palavra, que lhes estimule de qualquer modo a vontade ainda que não seja senão por meio dalguma relação longínqua ou possível com ela; mas é preciso que não falte à vontade a sua parte, visto que a existência lhes consiste muito mais no querer que no conhecer: ação e reação constituem-lhes o único elemento. Nas íntimas coisas e nos fatos mais comezinhos podem encontrar-se manifestações ingênuas de tal estado de espírito: por exemplo, escreverão o próprio nome quando visitarem algum sítio digno de ser visto, para reagir, assim, para influir, destarte, sobre o lugar que lhes não produziu impressão alguma; não se contentarão facilmente com o contemplar um animal raro e desconhecido; hão de querer também instigá-lo, irritá-lo, fazer-lhe brincos e isto unicamente para se darem o sentimento da ação ou da reação; mas esta necessidade de excitar a vontade se revela, de modo efetivamente especial, na invenção do jogo de cartas e no prazer que ali encontram, expressão verdadeira do lado miserável da humanidade. (...)

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 out. 2006.

FILMOGRAFIA



Título original: Speak (O Silêncio de Melinda)
 País: Estados Unidos
 Direção: Jessica Sharzer.
 Duração: 91 minutos
 Gênero: Drama
 Distribuidora: Imagem Filmes
 Ano: 2004

SITES

- <http://www.mundodosfilofos.com.br> - de fácil acesso, trata o assunto nos escritos de muitos filósofos no decorrer da história, como por exemplo o estudo da estética realizado por Kant.
- <http://www.zuzuangelofilme.com.br> - enfoca a questão da arte engajada nos problemas políticos sociais de uma época.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Atividades com argila - os alunos confeccionam uma obra de arte; em seguida, abre-se espaço para que cada um possa explicar o significado de sua obra e a relação com o meio social.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. de A. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

CHAUÍ, M.. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.

OLIVEIRA, G. M. C. Beleza na contemporaneidade. **Ciência e Vida - Filosofia**, n. III, p. 53-5, 2006.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 out. 2006.

O BELO

O belo é produção sociocultural?

O belo é estereótipo estabelecido pela temporalidade?

A busca do belo é sempre uma contemplação do bem?

CONTEXTO

Sabe-se que o uso de artefatos foi historicamente o meio para alcançar a padronização do belo; exemplo disso são os espartilhos no século XVII. A libertação deste instrumento, ao mesmo tempo em que representou um avanço das conquistas femininas, não veio desagregado dos interesses capitalistas, mas sim do próprio estereótipo burguês. Então não se pode desconsiderar o belo por sua própria história, a começar pela Grécia Antiga, onde Platão hierarquicamente contempla o belo à poética (estudo da arte), bem como o próprio belo natural (no seu sentido amplo). Aristóteles, por sua vez, introduziu a ideia de finalidade (perspectiva teleológica), onde a poética tem por função a promoção (catártica) de higienização e depuração através da arte.



FIGURA 5 - O BANHO
FONTE: RIVERA in VEJA, 2006

Na Idade Média, justamente em função de Platão e Aristóteles, é limitado o belo ao papel da arte; predomina a iconoclastia, de um lado, e de outro a arte é instrumento da catequese.

No Renascimento estabelece-se o vínculo às regras da antiguidade clássica; mas, ancorada na própria fertilidade renascentista, as questões do belo não se esgotam nesse padrão; ao contrário, a fomentação é ampliada.

Alexander Baumgarten traz à tona a investigação empírica do belo, bem como a insatisfação com as ideias estéticas do italiano Humberto Eco. Ele sugere que um cronista no futuro pode da mesma forma olhar as questões estéticas de hoje como este último percebe as do século XVII.

TEXTOS PROVOCATIVOS

As muitas percepções sobre o belo que afloraram no decorrer da história humana trazem consigo o anseio de encontrar a própria identidade, fugindo da tentação de padronização ou radicalização de uma possível percepção. Os conflitos teóricos se dão num campo onde a investigação é livre e desinteressada, o que é esclarecido nos textos que se seguem.

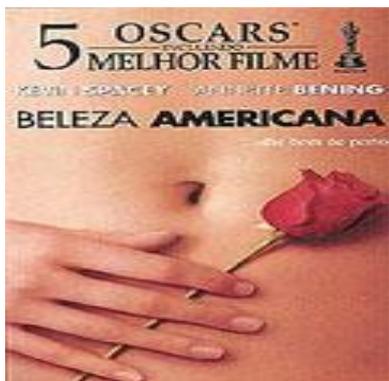
TEXTO I - O Banquete

Aliás, a lei do amor nas demais cidades é fácil de entender, pois é simples sua determinação; aqui porém ela é complexa. Em Élide, com efeito, na Lacedemônia, na Beócia, e onde não se saiba falar, simplesmente se estabeleceu que é belo aquiescer aos amantes, e ninguém, jovem ou velho, diria que é feio, a fim de não terem dificuldades, creio eu, em tentativas de persuadir os jovens com a palavra, incapazes que são de falar; na Jônia, porém, e em muitas outras partes é tido como feio, por quantos habitam sob a influência dos bárbaros. Entre os bárbaros, com efeito, por causa das tiranias, é uma coisa feia esse amor, justamente como o da sabedoria e da ginástica; é que, imagino, não aproveita aos seus governantes que nasçam grandes ideias entre os governados, nem amizades e associações inabaláveis, o que justamente, mais do que qualquer outra coisa, costuma o amor inspirar. Por experiência aprenderam isto os tiranos desta cidade; pois foi o amor de Aristogitão e a amizade de Harmódio que, afirmando-se, destruíram-lhes o poder. Assim, onde se estabeleceu que é feio o aquiescer aos amantes, é por defeito dos que o estabeleceram que assim fica, graças à ambição dos governantes e à covardia dos governados; e onde simplesmente se determinou que é belo, foi em consequência da inércia dos que assim estabeleceram. Aqui, porém, muito mais bela que estas é a norma que se instituiu e, como eu disse, não é fácil de entender. A quem, com efeito, tenha considerado que se diz ser mais belo amar claramente que às ocultas, e sobretudo os mais nobres e os melhores, embora mais

feios que outros; que por outro lado o encorajamento dado por todos aos amantes é extraordinário e não como se estivesse a fazer algum ato feio, e se fez ele uma conquista parece belo o seu ato, se não, parece feio; e ainda, que em sua tentativa de conquista deu a lei ao amante a possibilidade de ser louvado na prática de atos extravagantes, os quais se alguém ousasse cometer em vista de qualquer outro objetivo e procurando fazer qualquer outra coisa fora isso, colheria as maiores censuras da filosofia – pois se, querendo de uma pessoa ou obter dinheiro ou assumir um comando ou conseguir qualquer outro poder, consentisse alguém em fazer justamente o que fazem os amantes para com os amados, fazendo em seus pedidos súplicas e prostrações, e em suas juras protestando deitar-se às portas, e dispondo-se a subserviências a que se não sujeitaria nenhum servo, seria impedido de agir desse modo, tanto pelos amigos como pelos inimigos, uns incriminando-o através da amizade do amante, fosse a seguir enganado, revelada a maldade daquele e sua carência de virtude, mesmo assim belo seria o engano; pois também nesse caso parece este ter deixado presente sua própria tendência: pela virtude e por se tornar melhor, a tudo ele se disporia em favor de qualquer um, e isso é ao contrário o mais belo de tudo; assim, em tudo por tudo é belo aquiescer em vista da virtude. Este é o amor da deusa celeste, ele mesmo celeste e de muito valor para a cidade e os cidadãos, porque muito esforço ele obriga a fazer pela virtude tanto ao próprio amante como ao amado; os outros porém são todos da outra deusa, da popular. É essa, ó Fedro, concluiu ele, a contribuição que, como de improviso, eu te apresento sobre o Amor.

PLATÃO. **O Banquete**. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 out. 2006.

FILMOGRAFIA



Título original: American Beauty (Beleza Americana)

País: Estados Unidos

Direção: Sam Mendes

Duração: 117 minutos

Gênero: Drama.

Distribuidora: Paramount

Ano: 1999

SITE

- <http://www.campanhapelarealbeleza.com.br/quotes> - *site* de uma campanha comercial voltada para um questionamento acerca da beleza feminina na sociedade, contrapondo-se aos padrões estabelecidos.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- Atividade em grupo - pedir que a turma se divida em dois grupos. O primeiro grupo apresenta imagens que considera belas. O segundo apresenta imagens consideradas feias pelo grupo. Em seguida, propor o debate sobre a percepção do que é belo e do que é feio.

REFERÊNCIAS

ARÉAS, J. P. G. A beleza e seus sentidos. **Discutindo filosofia**. n. IV, p. 52-53, 2006.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PLATÃO. **O banquete**. Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis>>. Acesso em: 25 out. 2006.